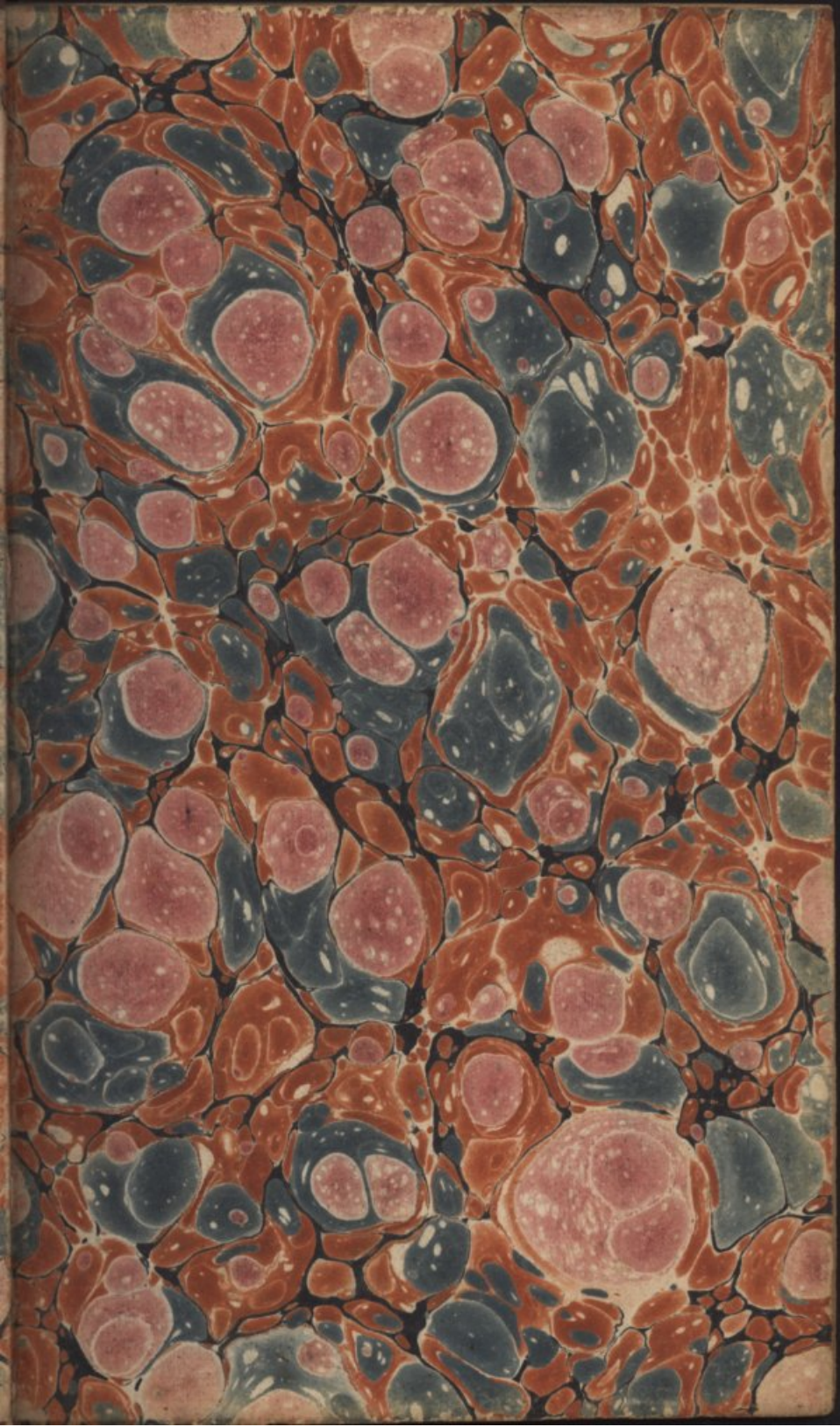
V.T.
22
2
·7

V.T.
22
2
9

EX-LIBRIS
Annibal Fernandes Thomaz
NOBILITAS MEA NOMEN
PASTOR



V.T.
22
2
9

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

HOR.

VOL. IX.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
10.651

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

MARÇO, de 1814.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.... HOR.

LITERATURA.

MEMORIA

Da Condiçaõ domestica e politica da classe indigente nos primeiros seculos da Monarquia. Por D. Antonio da Visitaçaõ Freire de Carvalho.

Se os conhecimentos positivos podem servir alguma vez para alongar o horizonte da razaõ humana; se a memoria do passado pode dar ao coraçaõ estimulos para milhorar o prezente; se pode em algumas circumstancias ser a historia a mestra da vida; he quando longe de narraçoens apparatozas, que a lizonja tantas vezes tem consagrado á vaidade, desce simples e recta ás estaçoens inferiores da sociedade, e pesqui-

zando os escondidos e dispersos monumentos, que á este respeito o tempo tem guardado, recolhe o que o homem tem feito pelo bem da sua especie ; e dando força á imitaçaõ dos bons exemplos, excita os coraçoens sensiveis a doerem-se, e remediarem as desgraças dos infelizes.

Tem-se arguido as Sciencias, de que o luxo penetrára mesmo athe o seo seio ; houveraõ tempos em que o gosto dominante parecia pender para esta ostentaçaõ ; mas as geraçoens futuras naõ teraõ que reprehender-nos deste defeito, pois que neste lugar tenho a honra de fazer patente, qual fora nos primeiros seculos da Monarquia a condiçaõ da classe indigente da sociedade, e quaes os meios de beneficencia, que em tempos á tantos respeitos taxados de calamitozos, se empregáraõ pela auctoridade ou pela riqueza em beneficio da humanidade.

Este assumpto, de si mui vasto, naõ poderá ser aprezentado senaõ nas suas ideas summarias ; e as circunstancias talvez, que determináraõ esta composiçaõ, naõ permittem neste momento, que o desempenho corresponda á importancia do objecto. Qualquer que seja pois este trabalho, a historia economica da nossa Patria poderá delle colher algum documento proveitozo, e as Sciencias moraes receberaõ algum principio daquella gloria, que os progressos da civilizaçaõ da nossa especie lhes promettem.

Hum extraordinario edificio de constituiçaõ civil existia na Europa antes que a Monarquia Portugueza se fundasse. Hum encadeamento successivo de vassalagem e Soberania, subindo por todos os postos da sociedade desde o villaõ athe ao primeiro Imperante, huma impulsaõ de dominio retrocedendo de escala em escala desde o Imperante athe o villaõ, formaõ hum espetaculo surprehendedor e memoravel na historia das sociedades politicas. Mas neste estado em que a oppressaõ, movida de tantos impulsos pezava com violencia sobre a derradeira classe deste sistema, chamado Feudal, em que ao villaõ apenas se consentia livre o exercicio das funcçoens animaes, o homem opprimido raras vezes com tudo sentia indigencia nas primeiras necessidades da vida.

Alternativamente occupado nos trabalhos do campo

e nos exercicios da guerra, guerra habitual, mas temporaria consequencia forçada do sistema; a subsistencia do villaõ corria em todos os cazos á conta do senhor. Opprimido e farto, e na ignorancia de melhor condiçaõ ou na impotencia de consegui-la, o villaõ naõ parece pertencer absolutamente á classe alguma de pessoas á quem a denominaçaõ actual de classe indigente possa com rigor applicar-se.

O Senhor ou o proprietario, domiciliado sempre no centro de hum Feudo, ainda que cercado de huma grande Côrte, tinha sempre com que viver abastado, em quanto se naõ retirasse do seo castello. Recebendo toda a sua riqueza em generos, e naõ existindo ainda a industria e o luzo das artes, ou as grandes sommas dos sinaes reprezentativos de todas as riquezas, nenhum desperdicio podia trocar ou perder as rendas de hum anno nas commodidades, nos caprichos, ou na paixaõ de alguns instantes. A beneficencia era entaõ para os mesmos avarentos huma virtude forçada. Como a consumpçaõ se fazia sobre o mesmo lugar da producçaõ, tornavaõ-se as reproducçoens mais faceis, e a agricultura naõ sentia alguns obstaculos, que a civilizaçaõ e os progressos da industria lhe trouxeraõ.

Porem ao fundar-se a Monarquia Portugueza o sistema feudal entrava em ruinas. O seo rigor naõ poude ser em tempo algum exactamente sentido neste reino. Alem das grandes cauzas que enfraqueciaõ o sistema no resto da Europa, introduzindo-se o costume de resgatar a liberdade por preços convencionados, de que os senhores se serviaõ para formarem novas allianças, tomarem novas tropas, ou para a expediçaõ das cruzadas, havia ainda em Portugal hum novo motivo para que a sorte dos villoens fosse menos miseravel. Tal era a necessaria politica de lhes dar huma condiçaõ mais honroza do que aos Mouros. Era preciso que o nome christaõ fosse honrado ainda na mais abjecta condiçaõ dos que pertenciaõ a esta Religiaõ sagrada.

Como a naçaõ tinha declarado guerra de morte aos Mahometanos, alem dos combates, as correrias nas suas terras eraõ continuas, e o valor dos christaõs de

ordinario bem succedido. Os mouros cativos eraõ considerados como escravos, e destes se compunha a ultima classe da sociedade; porem a piedade dos senhores muitas vezes lhes dava cartas de alforria ou de ingenuidade, de que nos restaõ naõ poucos documentos nos Arquivos.

Entre o escravo e o villaõ existia pois huma notavel differença: o christianismo no villaõ o constituia ingenuo, ou homem livre capaz de milhorar a sua condiçaõ, entrando no serviço militar, e facilitando-lhe naõ só huma independencia individual, mas abrindo lhe a carreira da nobreza, ao que nunca podia aspirar o escravo mouro, para quem o maximo favor era a alforria. Mas se nestes mesmos tempos em alguns paizes da Europa os villaõs eraõ escravos, provinha de naõ se achar alli outra classe inferior, qual entre nos a dos moiros, que contrastasse com a superioridade dos christaõs.

Alem disto, os nossos primeiros monarcas, empenhados em substituir á povoaçaõ mourisca que se expellia, ou se exterminava, huma povoaçaõ christam, convidavaõ colonos estrangeiros, aquem os Foraes concediaõ estipulaçoens liberaes, e favoraveis a estabilidade dos novos moradores. O uzo dos Foraes, praticado em outras partes da Europa para haver dinheiro, que os Senhores destinavaõ ou aos seos commodos ou a sua piedade individual, teve dos nossos Soberanos hum mais illustre destino, servindo-lhes para ajudarem a povoaçaõ e a cultura das terras, e melhorarem a condiçaõ dos Povos, de que se constituiaõ Pais, e protectores.

Destas duas circunstancias, escravidaõ dos moiros, contrastada com a ingenuidade dos christaõs, e convite de colonos estrangeiros por meio de foraes conciliadores, nasce huma differença de condiçaõ para a classe indigente, que he superior em beneficio a qualquer outra dos povos contemporaneos da Europa. Esta differença com tudo parece naõ ter sido ainda assas sentida nem pelos nossos publicistas, e menos pelos nossos historiadores.

Mas á estas cauzas do melhoramento da condiçaõ da classe indigente, quiz a felicidade destes reinos

se juntasse huma nova circunstancia, que collateralmente contribuio á que os nossos primeiros Soberanos mostrassem aquelle espirito de beneficencia, que em todos os seos successores se tem generozamente desenvolvido.

A expediçaõ da primeira cruzada foi hum grande successo quasi coévo á fundaçaõ da monarquia. Godofredo de Bulhoens era naõ só hum grande guerreiro, mas hum politico digno do respeito da posteridade. Luctando contra difficuldades de todo o genero, elle teria dado na constituiçaõ do Reino de Jerusalem hum penhor de perpetuidade, se na politica da Europa, se na habilidade dos que lhe succederaõ houvesse huma cooperaçaõ de meios e de sagacidade, correspondente ao genio de Godofredo. Esta constituiçaõ, conhecida debaixo do nome *d'Assises*, ou posturas de Jerusalem, foi hum modelo offerecido á imitaçaõ das Naçoens entaõ mais civilizadas, mas que muitas circunstancias analogas quasi só a Portugal permittiaõ de imitar. Nesta constituiçaõ se tinhaõ organizado foros correspondentes á toda a classe de pessoas, desviando quando permittia o tempo, o choque de interesses o postos : a escravidaõ dos villoens foi decididamente abolida. O direito de punir foi taõ rigorozamente coarctado a respeito dos escravos, que nem no cazo de fugida poderiaõ ser mutilados. He verdade que na falta de unidade e direcçaõ, que naõ podia ainda ter o summo Imperio, taõ importantes Leis naõ poderaõ ser logo exactamente observadas. Porem á medida que pelos cavalleiros do templo, do hospital, e do sancto sepulchro a communicaçaõ com o oriente se augmentou, os nossos Soberanos acháraõ na opiniaõ publica disposiçoens de aproveitarem tamanhos exemplos em beneficio da parte mais desvalida do seo Povo.

Havia ainda na Europa huma instituiçaõ moderna, que em todas as partes servio a melhorar as condiçoens infelizes. Esta combinaçaõ venturoza de religiaõ e de humanidade, que aggregava a si o que havia mais poderozo e mais respeitavel na terra para lhe fazer interessante a sorte dos desgraçados ; a instituiçaõ da cavallaria, que exigia a par da nobreza do sangue naõ houvesse no candidato nem

mancha nem opprobrio, foi hum dos grandes bens, que os infelizes receberaõ em melhoramento da condiçaõ da sua classe. Hum cavalleiro no meio dos mais augustos misterios da religiaõ jurava votar-se para sempre á fallar a verdade, manter a justiça, desagravar as sem razoens, praticar a cortezia, virtude mal apreciada dos antigos, e valer e dar protecçaõ aos desgraçados. A educaçaõ, o exemplo, e a opiniaõ publica eraõ os mais seguros penhores de taõ solemnes promessas. O homem cavalleiro devia ser hum indefesso campiaõ em beneficio dos desvalidos. A indigencia tinha sempre hum protector nesta associaçaõ illustre desde o monarca athe o ultimo cavalleiro. Os homens versados na nossa historia naõ ignoraõ quanto se fez interessante a estes reinos esta glorioza instituiçaõ, e quanto era o cuidado que lhe merecia a classe indigente. Será bastante consultar a instituiçaõ particular da distincta ordem de S. Bento de Aviz.

Se tantos motivos fazem contemplar a condiçaõ da classe indigente como menos infeliz do que as circunstancias daquelles tempos indicariaõ ; nos monumentos de humanidade e de Religiaõ, que estes seculos nos deixáraõ, o coraçaõ sensivel acha huma interior complacencia quando observa, que entre os restos da anarquia feudal, da ferocidade dos costumes, do atrazamento da industria mecanica, e do peior de todos os males, que pode sobrevir a hum povo, o abatimento das sciencias, se achaõ ainda assim estabelecimentos uteis á classe indigente daquellas idades.

Tanto na concessaõ de alguns foraes, como em muitas ordenaçoens do codigo Affonsino se achaõ condemnaçoens em beneficio da *Arca de Piedade:* estabelecimento designado pelos nossos Reis para a redempçaõ dos captivos, que as guerras do tempo faziaõ cahir em poder dos Mahometanos. Apenas havia testamento de pessoa consideravel em poder e riqueza, que naõ determinasse legados em beneficio dos captivos. Deixados alguns documentos dos seculos IX, X, XI, citarei o testamento de D. Flamula, sobrinha da celebre D. Mumadomna, no anno de 960.

Ordinamus omnia vendere, et pro remedio animæ meæ in captivos et peregrinos distribuere... in ipsa terra.

Estas disposiçoens continuaraõ athe o tempo do Sr. Rei D. Joaõ I., como se ve na concordata com o seo clero, na qual se allegaõ os testamentos, que mandavaõ *cazar virgens, e remir captivos.*

Assim como as cruzadas serviraõ a facilitar a communicaçaõ dos differentes paizes da Europa entre si, e com as outras partes do mundo entaõ conhecidas; taõbem a communicaçaõ interna de hum mesmo povo deveo se em grande parte as Romagens. Este uzo instituido pela piedade, mas aproveitado pela politica para favorecer a civilizaçaõ, servio muito para diminuir a barbaridade dos costumes, desviando o homem da isolaçaõ feudal, e offerecendo-lhe mais relaçoens e maiores pontos de contacto com que se polissem as maneiras, e se estabelecessem os elementos da decencia. Nos fins do seculo que acaba, o Medico Filosofo, Brown, lamenta a diminuiçaõ das romagens, como necessarias ao povo, e mesmo convenientes ao seo regimen dietetico. Foi util pois offerecer aos romeiros e peregrinos no meio das jornadas, lugares de descanço, que se chamaraõ albergarias, e Milres. O numero destes estabelecimentas foi mui consideravel no Reino, e bastara consultar o grande numero de povoaçoens, que o Diccionario Geographico de Cardozo aponta com este nome: sendo huma das mais notaveis a de Canavezes, entre outras que se offerecem na Monarquia Lusitana, na corographia de Carvalho, na historia genealogica da Caza Real, e em outros documentos, modernamente extrahidos, por intervençaõ desta Real Academia, dos mais antigos Arquivos do Reino.

Porem de todos os serviços que a beneficencia pode tributar a humanidade, nenhum he na realidade mais importante doque o cuidado pelos enfermos. Seria hum exame bem interessante a confrontaçaõ do numero e das circunstancias das doenças da Europa moderna com as dos primeiros seculos da monarquia. Mas qualquer que fosse a sorte dos povos a este respeito, naõ podemos deixar de admirar o grande numero de soccorros, que a religiaõ e a humanidade tinhaõ destinado aos enfermos da classe indigente. Se

a civilisaçaõ trouxe doenças desconhecidas aos nossos maiores; a falta de aceio publico e domestico, a multidaõ de lugares pantanozos, as contristaçoens moraes, nascidas de circunstancias particulares áquelles tempos, deraõ taobem lugar a outras muitas hoje desconhecidas. Nas circunstancias porem do tempo tinha a classe indigente remedios convenientes. A confiança que o saber mereceo sempre a ignorancia, fez julgar nos ecclesiasticos, e principalmente nas corporaçoens religiozas, o manancial de remedios assim para as almas como para os corpos. Nos estados Christaons os ecclesiasticos eraõ os unicos que se davaõ ao estado das letras, e unicos por tanto em estado de adquirerem pela licçaõ a theorica medica do tempo. Esta associaçaõ de ambas as medicinas nem era nova, nem particular as religioens da Europa; pois que o estado do espirito humano fazia considerar os conhecimentos medicos como necessarios ao Sacerdocio. Os Prelados e os mesmos Bispos naõ desdenhavaõ huma profissaõ, que tanto ascendente lhes procurava sobre o entendimento e sobre o coraçaõ dos povos. Para utilizar estes conhecimentos em beneficio dos indigentes as Sés cuidáraõ em fundar Hospitaes contiguos ás suas igrejas; e grande parte dos Mosteiros, das collegiadas, e das mais ricas Parroquias seguiraõ o mesmo exemplo. O Bispo D. Domingos Jardo fundou o Hospital de Lisboa, e o catalogo dos Bispos desta Diocese por D. Rodrigo da Cunha cita naõ poucos exemplos de semelhantes estabelecimentos, e fundaçoens dos seos antecessores.

Ainda que o meo objecto naõ seja circunstanciar todos os monumentos deste genero nas differentes corporaçoens ecclesiasticas do reino, as relaçoens com aquella á que tenho a honra de pertencer, naõ me permittem que eu deixe de lembrar o Hospital de S. Vicente, que desde o principio da Monarquia foi considerado como hum dos mais respeitaveis de Lisboa, athe que o Snr. Rei D. Joaõ II. o fez encorporar em o novo Hospital Regio, que á imitaçaõ do de Florença acabava de fundar. Havia entaõ o Clero em tamanha importancia o estudo da medicina, que os Mosteiros de S. Cruz de Coimbra e S. Vicente mandavaõ a Pariz e a Montpellier os seos conegos com

este fim para utilidade dos povos. O Dominicano S. Fr. Gil he bem conhecido como Medico, e como Chimico, que naquelles tempos parecia sinonimo de magico. Do nosso Portuguez Joaõ XXI. Pontifice de Roma, he constante haver sido medico em Lisboa. Qualquer todavia que fosse o empirismo destes conhecimentos, elles contentavaõ a imaginaçaõ do povo; e a classe indigente tinha nos ministros da religiaõ conçoladores gratuitos, que aliviavaõ as afflicçoens do corpo, e diminuiaõ os terrores do espirito.

Naõ se possa da qui entender, que a naçaõ naõ tivesse Medicos Judeos e Arabes; e que parte da grande luz que brilhava na Escolla de Cordova naõ se diffundisse em Portugal, e que mesmo os principios da Escola de Cós nos fossem desconhecidos. Antes plausiveis conjecturas indicaõ o contrario.

Porem das molestias geraes, e de mais facil propagaçaõ naquellas idades, principalmente entre a classe pobre, a lepra mereceo as mais vigilantes providencias dos nossos Soberanos. Esta doença, endemica do Egipto e da Siria, se tinha diffundido rapidamente em todas as Hespanhas ou pela communicaçaõ das cruzadas, ou mais provavelmente pelas relaçoens anteriores, que o dominio dos Arabes estabeleceo com o Oriente. No povo miseravel he que esta ascoroza enfermidade fazia os mais deploraveis estragos. Todo o sistema economico da incivilisaçaõ daquelles tempos a promovia. Na ignorancia do regimen dietetico dos antigos Egipcios, aonde os Sacerdotes prescreviaõ dictames regulares para o curativo, ou para a prevençaõ desta molestia, os medicos dos nossos primeiros seculos limitavaõ-se a sequestrar os infelices da sociedade commum, regulando se unicamente pelas praticas populares, ou recorrendo ao expediente dos segredos, remedios proprios a contentar por hum pouco as imaginaçoens vivas e faceis dos doentes.

Mas no meio destas calamidades a piedade dos principes e das pessoas poderosas naõ cessava de fundar e enriquecer hospitaes particulares á este proposito, conhecidos pelo nome de Gafarias. As povoaçoens ainda de mediocre grandeza, como era Lamego, continhaõ dez ou doze destes estabelecimentos. Nos testamentos do Snr. Rei D. Sancho I. e da Rain-

ha D. Dulce se ve o numero dos que havia em Coimbra, e a liberalidade dos Principes em socorro destes infelizes. Os cabidos das cathedraes e dos mosteiros tinhaõ arcas de caridade designadas para o mesmo piedozo destino.

Se convem omitir muitos legados de personagens, e muitas instituiçoens de caridade, destinadas para as Gafarias do Reino, he em attençaõ á brevidade, que exigem as circunstancias deste lugar.

Bastará lembrar, que o primeiro dos cuidados pastoraes dos Bispos era conservar em ordem e prosperidade as Albergarias e Hospitaes do Reino, como o exprimio o Clero nas Concordatas com o Snr. Rey D. Diniz no artigo 10, mencionado no Codigo Affonsino, liv. ii. tit. 2.

He de notar a tendencia geral, que do seio das trevas os homens tinhaõ para adiantarem a cultura do entendimento, facilitando das Arcas de Caridade depositos destinados para o ensino da mocidade pobre, o que nos achamos tanto nos Claustros da se de Lisboa, nos de S. Vicente, nos de S. Cruz de Coimbra, e na maior parte das Cathedraes do Reino; havendo hum Hospital particular para esta mocidade estudioza e pobre, denominado *Hospital dos Meninos*, para cuja sustentaçaõ se applicava hum terço das somas em que eraõ condemnadas as pessoas excomungadas. Cod. Aff. liv. i. tit. 62. § 11.

Os Senhores Reis tiveraõ tanto em consideraçaõ a classe indigente do seo povo, que ordenaõ ao Corregedor da corte na visita das provincias, que: *Tomará conhecimento onde nos formos, dos feitos das viuvas, orfaons, e pessoas miseraveis, que o escolherem por Juiz; porque tem privilegio de perante elle demandarem.* Cod. Aff. liv. i. tit. 9. § 2.

E aos Procuradores dos Feitos da Coroa determinaõ: que elles cumpraõ o que exigir o seo cargo para com taes pessoas desvalidas,—*sem levando delles dinheiro, nem outra coiza de salairo.* Liv. i. tit. 9. § 2.

Mas nestes tempos em que o homem vivia na isolaçaõ da ignorancia, e com a pego á terra que o vira nascer; em que a prestaçaõ do serviço Senhoreal naõ lhe permitia o passar de dominio em dominio sem expor se á vexaçoens fiscaes, que em cada limite se

encontravaõ debaixo da denominaçaõ de direitos de portagem ; a condiçaõ da gente pobre, sem sentir-se da falta dos commodos da independencia civil que ignorava, experimentava o agazalho e fartura dos lares patrios sem expor-se ás miserias da gente vadia e sem trabalho. A medida porem que a sugeiçaõ feudal se relaxou entre nós, naõ se tendo podido constituir huma nova organisaçaõ social, capaz de melhorar a sorte dos villoens, os homens naõ quizeraõ servir o Senhor, que seos pais serviraõ, na esperança de melhorarem a sua condiçaõ, ou passando ao estado de domesticidade que o luxo nascente dos Senhores tinha augmentado nas cidades, ou procurando agregar-se ás corporaçoens dos mestres, que entaõ se principiavaõ a formar em todos os estados. Taes foraõ as consequencias que deraõ motivo a huma lei filantropica do Snr. Rei D. Affonso II. em que ordenava, que qualquer homem filhasse, ou tomasse o Senhor que quizesse. Cod. Aff. liv. iv. tit. 14. § 1.

Taes saõ as circunstancias! que de hum principio essencialmente bom pode algumas vezes dimanar hum mal. Porem os Senhores Reis por determinaçoens posteriores providenciáraõ estes inconvenientes, regulando as formas do serviço jornaleiro, constrangendo mesmo os homens serviçaes ao trabalho da terra. Todavia esta occupaçaõ começou a ser cada dia mais pezada á classe indigente, de maneira, que no liv. iv. do Codigo Affonsino observamos leis constrangendo os camponezes aos serviços rurares dos proprietarios, tirando-os mesmo dos mestres, o que indica penuria de braços ; e por outra parte leis, providenciando sobre o numero excessivo dos occiozos do estado, qual a celebre lei das Sesmarias do Snr. Rei D. Fernando. Lei em tudo conforme aos estatutos d'El Rey Duarte III. de Inglaterra, sobre iguaes abuzos de que cada dia se originavaõ novos elementos de indigencia e miseria publica.

Porem nesta epocha huma nova ordem de coizas se organizava na Europa, e a forma das sociedades principiou a receber outro caracter. Naõ convem com tudo desviar-me do meo assumpto. Eu sei que o seo desenvolvimento merecia maior luz, e que conviria apoiar as minhas asserçoens em documentos ; mas

esta exposiçaõ naõ seria propria das circunstancias deste lugar neste momento. Se nas especies, que ficaõ apontadas, homens de maiores talentos acharem estimulos de se occuparem de hum assumpto taõ grave, e taõ proprio para difundir illustraçaõ sobre a vida domestica e politica da maior parte dos homens, que existiraõ nos primeiros seculos da Monarquia; eu julgarei ter feito alguns serviços ao primeiro Historiador Filosofo que escrever a historia da minha Patria. O meo serviço porem será ainda mais importante, se a exposiçaõ das virtudes liberaes e Christans, dos que nos precederaõ, as fizer eclipsar por outras maiores. Assim a naçaõ se tornará digna do Principe que a dirige; e esta Academia, que tanta estimaçaõ lhe merece, crescerá cada dia na gloria que lhe compete; pois que com igual energia contribue para os progressos do entendimento, e para os estimulos da virtude.

Lisboa, 22 de Janeiro, de 1801.

MEMORIA

A respeito dos Escravos, e Commercio da Escravatura, &c. Continuada da pag. 426 do No. XXXI. Janeiro de 1814, vol. viii.

Capitulo VI.

Dos meios de se acautelarem, e de se curarem tanto as enfermidades agudas, como as chronicas, que acometem e mataõ os Pretos escravos, tanto em as suas jornadas, e estadas nos Portos Maritimos da Africa, como no embárque delles; e em todo o Brazil, assim quando chegaõ, como no decurso das suas curtas vidas: sendo tudo deduzido das mais exactas informaçoens, sizuda e fiel experiencia.

Hé chegado pois o tempo de fazermos resumidamente applicaçaõ de todos os principios athe agora

estabelecidos, que vem a servir de regras para com acerto fallarmos neste Capitulo, em que se comprehende o fim aque nos destinamos.

Os Pretos escravos na Africa desde o instante do seo infelis cativeiro encontrariaõ a melhoria, ou pelos menos a conservaçaõ da sua saude, se taõbem encontrassem outro discernimento: sem que nos demoremos na piedade, e outros meios, pelos quaes melhor conduzissem os seos interesses os Certanejos, ou Funidores, seos primeiros compradores e transportadores.

Quanto ás jornadas na Africa, desde o Certaõ athe os portos de Mar.

I.

Deviaõ ter como primeira regra, que os Pretos perdendo a sua liberdade, ficaõ desde logo apaixonados e entregues a hum indizivel resentimento, que he justo e inseparavel, e extensivo ao mesmo barbaro, que taõ bem sente. Deviaõ por isso mesmo desde logo começar a trata-los com brandura e agrado, para fazer o cativeiro menos sensivel, e desvanecer pouco á pouco o banzo, que os naõ desacompanha. Porem pelo contrario succede, que desde logo contra elles se arma o máo trato, o maior que se pode considerar.

II.

Deviaõ ter como segunda regra inalteravel trabalharem quanto lhes fosse possivel, para que no rancho ou lote dos escravos sempre viesse a todo o custo e por todo o preço hum daquelles seos praticos, aque chamaõ *Curadeiros* ou *Curadeiras;* o que com pouco conseguiriaõ, huma vez que se expozessem a dispender na permutaçaõ muitos mais generos dos que costumaõ dar por outro qualquer escravo ; e quando assim o naõ pudessem conseguir, o conseguiriaõ pelo

meio do premio e da paga avulsa para retornarem' pondo salva no porto do embarque a escravatura conduzida: para que estes curadeiros no decurso da viagem viessem observando as enfermidades, e applicando as medicinas do seo uzo.

Porem nada disto vem a ter lugar, porque os Certanejos ou Funidores naõ querem senaõ o maior numero de *cabeças*; tendo por melhor principio que venhaõ muitos escravos, para verem se salvando por acazo hum grande numero, encontraõ maior interesses. Mas pelas regras da computaçaõ tanto faz trazer em hum libambo ou em diversos trezentos escravos, dos quaes só se salvaõ cento e cincoenta; como trazer logo cento e cincoenta, quando nenhum ou poucos escravos venhaõ a morrer.

III.

Deveriaõ ter com prudencia por terceira regra o fazer descançar a escravatura em os sitios os mais frescos e opportunos, aonde houvesse melhores agoas e os mantimentos precizos para a réfeiçaõ; regulando a viagem sempre de tal modo, que hum dia fosse de marcha, e outro de descanço.

Pondo em exercicio a mesma prudencia, teriaõ por objecto fazer transportar em odres a agoa necessaria, ou ás costas da escravatura conduzida, ou ás dos outros pretos que acompanhaõ o libambo dos escravos; para que se suprissem estes com a agoa preciza, quando a appetecessem, para se fugir á grande e extraordinaria sede, e serem prevenidas as muitas enfermidades, á que ella da origem.

O mesmo se deveria praticar sobre os mantimentos accommodados ao seo gosto, e ao uzo do seo paiz; para que na jornada fossem os escravos mantidos e sustentados, quando naõ fosse com fartura, pelo menos com o precizo; para evitarem as grandes fomes, que de continuo experimentaõ em taõ alongadas jornadas: isto para que os infelices escravos naõ venhaõ a hum tempo a sentir muitas calamidades provenientes da mudança do clima, das agoas, da fatigaçaõ da

jornada, do sol a que vem expostos, da fome e da sede; o que tudo os attenua. De sorte que neste artigo encontra a escravatura dous males, a que naõ pode resistir: primeiro, o de ella fatigar-se, e vir carregada; o que lhe occaziona e augmenta a fome: segundo, o de ser sustentada com huma escassa raçaõ, concorrendo mais ser esta mal cozida, mal temperada, e fora do seo uzo. Concluindo-se, que a fome e a sede coadjuvadas pela ardencia do clima, a que vem expostos por mezes, concorrem para gravissimas e mortaes enfermidades.

IV.

Deveriaõ ter por quarta regra, fazer cortar das fazendas levadas pera a permutaçaõ a que fosse preciza, para que com ella o miseravel escravo de noute se cobrisse; para deste modo resistir aos effeitos do sereno da noite; dando-se-lhe este indispensavel reparo ao corpo; alem de se fazer cortar algum matto em aquelles certoens para camas, aonde melhor descançassem, para deste modo se fugir á humidade da terra, o que com a maior facilidade se pode fazer em aquelles paizes dezertos, e abundantes de arbustos, cujas folhas seccas somente uzaõ para este fim; e se o naõ fazem, isto se deve unicamente á negligencia.

Calculando-se toda esta despeza, e metida ella em conta da negociaçaõ dos escravos, esta naõ vem a ser prejudicada em couza alguma, antes a utilizar muito; porque como fica lembrado, tanto rende a negociaçaõ, que traz trezentos escravos, dos quaes só chegaõ salvos cento e cincoenta; como trazer logo em beneficio commum da humanidade, bem pensados e tratados cento e cincoenta, ou pouco menos por cauza de alguns que faleçaõ. Acrescendo de mais que aquellas cento e cincoenta, que escaparaõ ao máo trato, nunca vem a render tanto, quanto os cento e cincoenta, que logo na sua origem, e decurso da viagem vieraõ deste modo bem supridos; pois que se algum destes succede fallecer na jornada, a sua perda,

assim como todas as mais despezas, vem a ser resalvadas pelo maior preço, que indubitavelmente vem a merecer a escravatura robusta e sadia: sendo certo, que naõ há quem de tanto preço pela escravatura enfezada e enferma, como pela boa, robusta, e sadia.

V.

Deveriaõ ter por quinta e ultima regra, athe derivada da necessidade, applicarem em cordoens por hum e outro lado da jornada huma certa porçaõ de escravatura mansa, da que accompanha o comboi; para diariamente vir caçando para o sustento naõ só proprio, mas taobem da mesma escravatura conduzida: e deste modo chegando ella áo lugar do arraial, vinha frequentemente a ter carne fresca, e aquella mesma caça, com que se sustentára nos paizes da sua habitaçaõ; sem que se visse obrigada a álimentar-se ás vezes de salgado, que lhe excita maior sede.

Quanto á estada nos Portos de Mar.

O que vem a ser mais lastimavel he, que chegando a tal e qual porçaõ de escravatura salva aos portos para o embarque, aonde tudo abunda, como por exemplo em S. Paulo de Loanda, devendo-se á tudo isto occorrer, pelo contrario he a escravatura mantida em a mesma economia, e falta do seo preciso; porque os commerciantes ali estabelecidos, que se entregaõ á negociaçaõ de escravos, insistem em o seo errado systema, de que quanto mais pouparem no sustento e tratamento da escravatura, muito mais vem a lucrar em a negociaçaõ della; sem se desenganarem, athe pela propria experiencia, de que continuando nesta sua mesquinhez e economia, taõ mal entendida, como mal aplicada, infinitos escravos successivamente lhes morrem, vendo neste sentido a ser homecidas delles.

Se quando porem esta porçaõ salva de escravatura

chega aos Portos Maritimos da Africa pelo menos fosse bem tratada, dando-se-lhe varios refrescos, suprindo-se com o peixe fresco e carne, e com a fructa que houvesse no paiz; mandando-se diariamente lavar; dando se lhe o vestuario preciso; tirando-a do pavimento terreo aonde habita frequentemente, passando-a para estrados de madeira; dando-se-lhe huma raçaõ farta, bem cozida e temperada ao modo do seo paiz, o que tudo ha em abundancia em aquelles distos portos maritimos; certamente ella convalesceria dos males passados, de que tem triumfado: e viria a mesma escravatura, alem de valer mais, a dispor-se para o embarque.

A experiencia como melhor mestra de tudo, desengana os teimozos, e ella bem se confirma com o que se vai a dizer. O mesmo Raimundo Jalama, que habitara em a Cidade de Loanda desde o anno de 1760 athe o de 1770, nos primeiros annos observou o estrago, e mortandade que sobrevinha a sua escravatura, o que igualmente succedia á de todos os mais commissarios: e confessa, que fizera todos os esforços para descobrir a cauza; assim como que pozera em execuçaõ todos os meios e tentativas, que fossem occurrentes a tanto estrago, e prejuizo. Por effeitos de huma observaçaõ confirmada pelo que elle via, assentou, que isto tinha principio no máo tratamento da escravatura: desde logo prohibio o uso da savelha e do peixe do azeite, que vinhaõ a ser prejudiciaes á saude. Entrou em mais dispendio a comprar peixe fresco e maior, que diz corresponder aqui á nossa corvina. E observou, que com esta providencia as hemorragias acabáraõ.

Ainda que a carne em aquelle paiz he a cincoenta reis por arratel, com tudo com parsimonia á custa de huma e outra companhia a entrou a comprar para suprir á ditta escravatura. Escolheo dentre as escravas, as que eraõ mais capazes de fazer e de temperar a comida mais propria e mais accommodada ao paladar dos escravos, e temperada ao uzo do paiz. Mendou fazer estrados, e sobrados para o descanço da mesma escravatura, tirando-a do terrado. Destinou fazendas, que naõ passáraõ de baetas e sarafinas para a cober-

tura della. Observando o uzo e costume da mesma escravatura, a mandava lavar todos os dias ao mar: e quando esta se recolhia do banho lhe dava o azeite de Dendé precizo para se untar ao sol, e com o pó e com a serradura de certo páo, que he bem semelhante ao Brazil, o qual he chamado *catula*; visto que a escravatura se persuadia, que deste modo fazia o seo corpo nedio, luzidio, e mais preto, e que esta untura lhe servia de huma especie de preservativo.

Quando a escravatura pela primeira vez provou deste genero de comida assim temperada, e amoldada ao seo paladar, elle refere fide dignamente, que lhe bateraõ as palmas. Insinuou, que as comidas athe fossem *matetes*, *anfunge*, *quenga*, e outras mais que lhe eraõ proprias, e saborozas. Com boa economia mandou vir por conta da mesma Companhia de Pernambuco a carne salgada e sêcca, a que chamaõ do *certaõ*, que he escalada, e sem ossos, que ali custa de seis a oitocentos reis a arroba; e sempre á todo o custo chamou Medico e Cirurgiaõ para curar a escravatura que enfermava.

Em aquelle paiz de Loanda todos se admiravaõ da melhoria da escravatura negociada por Jalama. Sendo perguntado por vezes, explicou o sistema aos outros commissarios; e estes naõ o approvando, respondiaõ: que isto so podiaõ fazer as Companhias do Pará, e Pernambuco, por serem humas corporaçoens ricas, que naõ reparavaõ, que o escravo lhes sahisse caro mais que a outro qualquer.

O honrado Jalama, que nunca se descuidou de cumprir as suas obrigaçoens, extrahia a conta de toda a despeza, e a comprava com o custo dos escrávos mortos em os primeiros annos, e com os que mais em numero lhe vinhaõ a ficar salvos por este sistema. E conheceo que daqui provinha a melhoria, a robustez, e saude de toda a sua escravatura; que muito pouca proporcionalmente lhe vinha a morrer; e que a companhia pela differença dos preços, e pelo maior numero de cabeças salvas vinha a lucrar de dez á vinte por cento.

Quanto ás Viagens da Africa para o Brazil.

Tirada pois pelo commum a escravatura do máo trato de todos os outros commissarios, e sendo segunda vez permutada para o embarque, sem preceder disposiçaõ ou convalescença alguma; os novos Senhorios da escravatura, que a embarcaõ, deveriaõ ter pelo menos as precauçoens seguintes.

I.

Deveriaõ ter por primeira cautella de transportar melhor a escravatura, embarcar *menor* numero della: tanto porque a cuberta viria mais desafogada della, como porque seria a mesma escravatura mais bem suprida de mantimentos e agoadas; sem que continuasse a experimentar novas fomes, e sedes por effeitos de huma escaça raçaõ, e de huma escaça medida de agoa, que de vinte quatro em vinte quatro horas se lhe dá. Porem este sistema, taõ humano e taõ conforme a razaõ, athe concordante com os proprios interesses, pois que muitos mais escravos vinhaõ a salvar, naõ lhes pode agradar, porque o seo fim só he o embarcarem muitos; onerando o navio com mais praças do que na realidade elle pode: sem entrarem no desconto, que embarcando muitos, muitos taobem lhes morrem; e abafando huns a outros enfermaõ; e ainda aquelles mesmos, que vem a ficar salvos, para sempre se conservaõ enfezados e doentes, vindo em terra a fallecer, ou em poder e caza do senhor da negociaçaõ, ou em poder do terceiro, que os compra.

II.

Para se obviar tamanho estrago, deveriaõ ter a providencia de fazer embarcar naõ só *bons* mantimentos, mas taobem estes em *abundancia*, quanta precisa fosse

para fartar os escravos; porem assim naõ succede, porque de ordinario os mantimentos da escravatura vem a ser de torna viagem, e avariados, que, seguindo o mais barato, se compraraõ nos portos da America ja com este intento. Se acazo porem os capitaens dos navios, directores desta infeliz negociaçaõ, alguns mantimentos compraraõ em os portos maritimos da Africa para o sustento da escravatura que embarca, sempre vem a ser os mais infimos, aproximados aos mantimentos, de que temos fallado. A desgraçada escravatura á hum tempo vem á sentir dois males: primeiro, a fome proveniente de huma escaça raçaõ; segundo, o de ser esta, alem de mantimentos, que lhe saõ estranhos e mal temperados, de má qualidade, e por tudo isto damnoza á saude.

III.

Se aquelles mesmos capitaens, entrando no capricho cordato de quererem por salva no transporte a escravatura, applicassem os meios necessarios, elles teriaõ por terceira providencia fazer meter em o navio maior porçaõ de toneis com *aguada*, o que lhes naõ custava muito, para saciarem frequentemente as continuadas sedes da mesma escravatura, augmentadas por muitos e diversos modos: primeiro, por cauza do peixe salgado, que lhe cabe em raçaõ; segundo, por que vem abocetada em huma coberta, em que ella está em hum perenne suor; terceiro, pela ardencia do clima e da estaçaõ em que he transportada.

IV.

Ainda quando os capitaens uzassem de todas estas indicadas precauçoens, e athe de meterem em os navios algum *gado vivo* para a mantença da mesma escravatura; quanto á mim deveria haver outra essencialissima, e vem a ser, que os navios destinados a hirem buscar escravatura á costa da Africa seriaõ

construidos com facilidade de outro modo, ou ainda mesmo dando-se *remedio* aos navios ja construidos.

Deveria haver pelo convez e tolda diversas grades, e muito *maiores* do que aquella que, fechando a coberta no convez, lhe serve de escotilha: para que por ellas a escravatura naõ só se podesse refazer do novo ar, e este communicado pela parte superior; mas taobem para vir a participar do sol, que ella tanto estima; prevenindo-se a entrada da agoa da chuva, ou do mar pelo meio dos *encerrados*.

Vem a ser hum prejuizo e erro commum o querer communicar o ar a tanta escravatura por meio de humas pequenas portinholas, ou vigias, que saõ poucas pela extençaõ de hum e outro lado da coberta, e taobem por huma pequena grade, que se deixa afferrolhada no meio do convez: o que naõ sendo capaz de dissipar o outro ar, que dentro da mesma coberta se acha infestado, faz com que alli se conserve.

Debalde saõ os esforços dos capitaens em mandarem alongar, e prender as mangas do cesto da gavea com direcçaõ á grade da escotilha, para deste modo atrahirem huma columna de ar mais superior; porque se nisto entraõ he quando o calor he intensissimo: e nestas circunstancias, que columna de ar fresco podem atrahir?

Debalde vem a ser taobem quando mandaõ vir para o tombadilho em prizaõ em cada hum dia dez ou doze escravos a tomar novo ar; pois sendo os escravosde transporte de duzentos a trezentos, segundo o que pode levar o navio, no decurso da viagem muita parte da escravatura, proseguindo nesta ordem, vem a participar hum só dia desta refeiçaõ, o que pouco lhe aproveita; e ainda menos por que se vai a confundir com outra escravatura naõ refeita, e infestada.

Saõ quasi inuteis as outras diligencias de mandarem por duas vezes na semana borrifar as paredes da coberta, e o pavimento della com vinagre; porque assim que se borrifa logo se sécca pelo calor da transpiraçaõ dos escravos alli encerrados, que he bem semelhante ao de hum forno.

Como pois os capitaens e os Senhorios dos navios saõ taõ teimozos em o seo projecto, alias errado, de economia, com sacrificio das vidas de muitos escravos:

seria a ultima das providencias, que os navios, quando fossem despachados para este fim, tanto em os portos da sua sahida, como nos da recepçaõ dos escravos, fossem *lotadas* com taixa e determinaçaõ das cabeças, que pelo muito deviaõ transportar, sem que a mais se desse licença: com hum rigorozo exame em os viveres, e na agoada precisa; subsistindo a comminaçaõ, de que trazendo maior numero do que o da sua lotaçaõ, seriaõ alem de castigados com penas arbitrarias, condemnados a soffrer o prejuizo de serem manumitidos os ultimos escravos que embarcáraõ, e que excederaõ o numero prefixo; pois se abuza grandemente da lei de 18 de Março de 1684, inserta na Coll. I. n. 3. á Ord. L. IV. tit. 42.

E quanto ao tempo que vivem no Brazil.

Militando pois este tropel de desgraças contra os infelizes escravos; se a tudo isto elles rezistem, e saltaõ em paizes Americanos, os que ali aportaõ vem a ser mais hum resto de escravatura do que homens. He huma leva de enfermos, que de hum hospital se muda para outro: e por isto com summa razaõ disse, que os escravos eraõ por natureza fortes, robustos, e sadios; e que os que escaparaõ de todas estas calamidades com muita razaõ se podiaõ chamar homens de ferro, ou de pedra.

Quando a miseravel, e consternada escravatura, desembarcando na America, devia experimentar os necessarios, e ao mesmo tempo uteis effeitos de huma indispensavel hospitalidade, no suprimento do que lhe era preciso, a saber: huma farta raçaõ e de comeres sadios; o competente vestuario; serem supridos com a fruta de que tanto abunda aquelle paiz; e serem recolhidos em cazas assobradadas, adietados e curados: pelo contrario os conduzem para hum armazem terreo, aonde as doenças novas se declaraõ, e as velhas adquiridas nas jornadas de terra e mar crescem athe os levar a sepultura. Por isto neste lugar assim como em todos os outros tiro por infallivel conclusaõ, que a mortandade e estrago dos Pretos escravos

quando chegaõ a aportar á America de nenhuma outra couza provem senaõ do antecipado mao trato, que he succedido por outro igual na America, estando elles ja debilitados; ao que taõbem se ajunta a variedade do clima, as muitas viraçoens, que o faz mais fresco, e a falta que os atenua do alimento e do vestuario.

Se acazo porem quando aquella tal e qual porçaõ de escravatura chega salva á America, os Senhorios das negociaçoens tivessem a prevençaõ de a abolletarem, e destribuirem em pequenos lotes por diversas quintas, *Xacras* ou *Rossas*, que circulaõ qualquer das povoaçoens da America, e ahi lhes mandessem dar o sustento e o vestuario preciso; certamente, convalescendo ella, dentro de poucos dias seria vista sam e forte a mesma porçaõ de escravatura salva: e isto com vizivel interesse, por que a reputariaõ por muito melhor preço, vendendo-a logo; desviariaõ de si por mais tempo o *risco do folego*; e se dispensariaõ de a sustentar, a inda que seja com parsimonia, por maior espaço de mezes, em quanto ella naõ he vendida.

O que acabo de dizer bem se verifica com as duas observaçoens, que fiz em aquelle paiz, e que saõ constantissimas á todos que la viveraõ por alguns annos, e ainda mesmo aos que por lá somente passáraõ.

Observei, que comprando qualquer sugeito hum escravo, e tirando-o por sorte do lote delles, ainda sem preceder a escolha; tratando-o como couza sua, com as fructas sazonadas, e comidas sadias, e finalmente dispendendo com elle todo o bom penso: dentro de poucos mezes aparece hum escravo robusto e trabalhador, as vezes de talmodo, que os outros invejando o escravo alheio, entraõ em lanço com duplicaçaõ do seo primeiro custo.

Observei mais em aquelle paiz, que homens havia de poucas posses que se empregavaõ em comprar o remanescente da escravatura, a que ja o commissario naõ tinha comprador, e refugada por todos, naõ a querendo nem fiada os senhores dos engenhos; e naõ sabendo ja o commissario finalmente que sahida havia de dar a ella: sendo este refugo por aquelles

comprado, levando o para sua caza, medicando-o, e dando-lhe o sustento e o vestuario preciso, e fazendo-o mudar de ares; convalescendo a mesma escravatura desprezada, dentro de pouco tempo a revendiaõ como sam, robusta, e forte por hum muito bom preço: e que neste trafico continuavaõ, entregando-se á hum novo genero de industria, chegando athe para este fim a compra-la fiada, vindo a paga-la com o preço da venda da mesma escravatura sarada; e restabelecida.

Meios de acautelar, e remediar as enfermidades.

Todas as enfermidades e molestias, assim agudas como chronicas, que ficaõ indicadas, á excepçaõ taõ somente dos brichos da segunda especie e do banzo; naõ saõ molestias desconhecidas. A cada huma dellas chega a medicina, sendo aplicada em tempo; porem a mesma medicina naõ pode emmendar a negligencia e o máo trato a que os pretos escravos ficaõ entregues, athe que elles no desamparo morraõ. E assim nos remetemos nesta parte a mesma medicina opportunamente applicada; e quando o naõ seja, naõ podemos de modo algum obviar as doenças da desgraçada escravatura. Só nos compete referir neste lugar alguns meios uzados de prevenir, e de curar algumas dessas enfermidades.

I.

Se a escravatura fosse hospedada e recebida em sobrado; se á toda ella se desse o vestuario preciso; se lhe fosse dada, alem da necessaria e sadia comida, carne, de que tanto abunda aquelle paiz; e se finalmente se tratasse do refresco, pelo meio das sazonadas frutas; dispendendo-se este bom trato, com infalibilidade pouca ou nenhuma escravatura viria a falecer das suas ordinarias doenças.

II.

Sendo a sarna huma das molestias, que muito perseguem a escravatura, principalmente em o fim das suas jornadas, e viagens; he certo, que sendo ella desembarcada e metida em o pavimento terreo, e hindo banhar-se ao mar, aos lagos, e as fontes, sem que haja o vestuario preciso, que a resguarde do ar ambiente; sobrevindo-lhe qualquer constipaçaõ em hum clima estranho, e para ella desabrido, como fica demonstrado, recolhe-se a sarna, e recolhida ella, infinita escravatura vem a falecer. Logo isto viria a ser acautelado, e a livrar-se a escravatura desta doença, consumidora della, se andasse vestida e reparada.

Todas e quantas operaçoens, e diligencias dispendem aquelles commissarios idiotas, senhores da escravatura, para desterrarem a sarna, mais para o fim de por habil a escravatura para a poder vender, do que para a reinteirar da sua saude, saõ dirigidas, ao contrario do que elles intentaõ para a matar: por que deixaõ ao arbitrio de certos escravos, e escravas ladinas o fazerem por pelo corpo as folhas amornadas da *Mamona branca*, ao que em Portugal chamaõ *carrapichos*; o que igualmente praticaõ com a folha da *Courana*. Quando alias tudo isto concorre muitas vezes para a sarna se recolher; e recolhida ella, ou por effeitos da caza humida, em que habitaõ, ou por effeitos deste inconsiderado curativo, muitos delles vem a falecer inesperadamente: usaõ da mesma folha da Courana pizada, e da *herva* chamada no Brazil de S. Caetano, com que no acto de ser lavada a escravatura, esfregaõ a sarna. Todos estes remedios saõ de pouco, ou de nenhum effeito. O certo he, que o curativo dessa doença, alem de dever ser prevenido pelo bom trato, deve ser entregue á medicina; e no cazo de se querer usar de remedios cazeiros, se deve lançar maõ dos que a experiencia tenha feito conhecer, que verdadeiramente remediaõ o mal, sem produzirem outro.

III.

O escravo que he acommetido das bexigas, sendo depositado no armazem terreo, e deixado á revelia, he certo que vem a ser huma segura preza da morte que o conquista: porque os senhores tem para si, que esta enfermidade deve seguir o seo curso, sahindo as bexigas, enchendo, e seccando; e que se o escravo tiver de morrer, que assim virá a succeder: e que se tiver de escapar, vivirá. Quando alias pelo que entre nós vemos praticar, temos a certeza, de que sendo chamado o medico, muito poucos escravos viriaõ a falecer: o que pelo contrario succede pelo sistema que os senhorios dos escravos adoptaõ: por que se pelo nosso, de dez viria a falecer hum; pelo dos senhorios, de dez falecem nove. O que he bem de esperar; porque o escravo sendo metido em aquelle armazem humido, apoderado da referida enfermidade, as mais das vezes experimenta, que as bexigas se recolhem; e recolhidas, no mesmo desamparo vem elle a falecer.

IV.

Como huma das enfermidades que maltrataõ a escravatura, pelo que temos dito, vem a ser a do *bicho da terceira especie*, o qual nasce em o corpo, e maõs, e com muito maior força em os pés, tendõ a sua introducçaõ pela falta do asseio: he bem certo, que sendo o corpo da mesma escravatura diariamente lavado, e os pés, e de mais disto os pés calçados, o que he facil na America sem maior dispendio pela abundancia, e barateza da courama; ella se libertaria por este modo desta enfermidade, que tanto a maltrata, atenua, e emmagrece.

A este respeito ajuntarei huma observaçaõ minha. Que alem do referido asseio, e lavagem, seria bom untar-se o pé de escravatura com o azeite de Dendé; o que ella assim pratica por todo o corpo em se ó paiz natalicio; pois que certamente os bichos naõ procurariaõ fazer ali entrada e criaçaõ, porque o referido oleo lhes virá a ser nocivo.

Derivando esta minha consideraçaõ do modo com que os escravos curaõ na Africa os carbunculos ou antrazes, sobre o que depois fallarei; vendo eu a certo escravo com os pes estragados do bicho, e de hum tal modo que ja naõ podia suster-se nelles, mandei peneirar a farinha de milho em o ponto mais subtil, e ajuntando-lhe porçaõ de azeite de Dendé, do que rezulta huma especie de papas, amornando-as, e estendendo-as em hum pano, as apliquei ao pé do escravo por quatro dias.

No primeiro observei, que sendo o pé primeiramente bem lavado com o urina para tirar a entranhada immundicie; occasiaõ, em que aquella multiplicidade de bichos ficava visivel e descoberta; com a aplicaçaõ das papas, dentro de vinto e quatro horas os bichos de algum modo inchavaõ. Tornei a aplicarlhe segunda vez as papas, e depois de outras vinte e quatro horas vi; que quasi todos os bichos na circumferencia estavaõ apostemados, e que o escravo alem de ter febre, sentia humas gravissimas dores. Continuei terceira vez a applicaçaõ das referidas papas, e observei nas outras vinte e quatro horas, que a circumferencia dos bichos estava toda rasgada, e em figura de serem todos tirados. Continuei quarta vez a applicaçaõ das papas, e depois das vinte e quatro horas, estando ellas seccas pelo calor do pe do escravo, huma infinidade dos referidos bichos vinha em as papas seccas, ficando o pé do escravo como crivado com as cazas abertas e desamparadas dos bichos. E continuando a por este emplasto successivamente, dentro de poucos dias vio calcanhar do escravo todo bom.

V.

A outra enfermidade, que muito grassa, e acomete a escravatura, he a febre amalinada, que logo com sigo traz o symptoma da lingoa preta; e esta enfermidade he decisiva. Assim que se percebe no escravo, he logo muito sangrado; e taõ bem quando se julga preciso, he sarjado: aplicando-se lhe de mais continuadamente huma grande abundancia de quina, e

outros muitos remedios, como saõ continuadas mezinhas. Porem por nenhuma destas providencias vem a ser suprido o miseravel escravo, que em vida he sepultado no armazem terreo. E nesta por fia vem a morrer infinita escravatura.

VI.

Em os dias desta gravissima enfermidade ha huma evacuaçaõ inferior, sempre constante; e por esta cauza, salvando-se os escravos da tal enfermidade, insurge a perigoza *hemorragia*, que reduz o anus, ou via inferior, a huma desmarcada relaxaçaõ.

A medicina naõ he taõ pobre, que naõ tenha remedio com que se cure este genero de enfermidade; e tanto ella he provida, que concorrendo a referida molestia, ainda que mais raramente, em as pessoas brancas estabelecidas e ricas, sendo convocados os professores em tempo, saõ curadas e restabelecidas. Desta mesma utilidade partecipaõ os escravos, encontrando-se a piedade em os seos senhores; e partecipariaõ todos os escravos, se os senhores para a conservaçaõ do que era seo lhe chamassem medicos, que lhes assistissem.

Quando elles quizessem conservar a maõ fechada para taõ curto dispendio, se pelo menos cuidadozamente se informassem por si de outros, ou pelos interpretes da escravatura, pesquizando della o modo, com que em os seos certoens se curava este genero de enfermidade, taõ prejudicial; elles viriaõ a conseguir o sistema facil do tal e qual curativo della.

Nos certoens Africanos, e na lingoagem da escravatura he chamada e conhecida esta molestia com o nome de *Maculo*. O modo de ser entre ella curada, vem a ser o seguinte, segundo referem os Pretos, ainda que em parte naõ parece verdadeiro. Quando o Maculo he em o seo principio logo percebido em os Pretos, he facil de ser curado, procedendo-se a lavar-se a via por duas, tres, e mais vezes no dia em agoa de malvas, de tanxagem, de alfavaca de cobra, e de outras que elles chamaõ hervas frescas. Naõ obedecendo a esta especie de curativo, quando o

Maculo a mais se adianta, ou mais tardiamente foi percebido, lavaõ o interior do anus com agoa das referidas hervas, e uzaõ taõbem para este fim de leite de peito ainda morno, com o calor natural. A lem disto fazem, segundo dizem, huma especie de unguento, que vem a ser composto destes simplices: ao azeite de Dendé ajuntaõ alvaiade, e clara de ovo; e com tudo isto na consistencia de unguento untaõ a via laxada, e os labios della por tres ou quatro vezes no dia, athe que seja o Africano restabelecido.

VII.

Hindo a mais este genero do enfermidade, ella se observa degenerada em outra, que vem a ser, a da corrupçaõ vulgarmente conhecida pela *doença do bicho* da primeira especie de que ja fallámos. Declara-se de dois modos: primeiro, em o seo principio, quando se observa em as paredes do anus huma aspereza como de delicada lixa, bem semilhante a da ova dos peixes, a onde se entende que ja se achaõ gerados os bichos da corrupçaõ. Segundo, quando se sente hum fedor da mesma corrupçaõ dentro do quarto da habitaçaõ do enfermo, de hum tal modo que todos o percebem, assim que nelle entraõ.

O modo com que esta enfermidade rezultante da primeira isto he da febre; e da segunda, isto he, da hemorragia, se costuma curar; vem a ser com repetidas mezinhas, compostas de limaõ azedo, de sal, e de pimenta malagueta: tudo bem mexido, desfeito, e machucado, ficando com a cor como de agoa de huma sangria forte. Prezenciei serem deitadas algumas destas mezinhas; e observei que em quanto passavaõ pelos lugares interiores corrompidos, naõ sentia o escravo dor alguma; porem chegando á parte viva e naõ corrompida, faziaõ no escravo tantos effeitos de desesperaçaõ, como se a ajuda fosse de chumbo derretido. Observei mais, que quando estas mezinhas naõ produziaõ esses effeitos, que alli se proferia a sentença de que o escravo morria; e com effeito assim succedia ou em aquelle dia ou em o seguinte: porem sempre de continuo se hiaõ aplicando

estas ajudas fortes de duas em duas horas, ou de tres em tres; e algumas vezes succedia, que o escravo entrando a sentir-se em a terceira e quarta mezinha, vinha a escapar.

Observei por ultimo, que lançando-a o escravo fora depois de a ter dentro por qualquer espaço, occasiaõ em que tem logo lugar a applicaçaõ da segunda mezinha, que na lançada fora vinha huma especie de polme, parecendo serem os oviculos mortos, e desapegados da sua matrix.

Costumaõ os curadeiros, e ainda os professores uzar de mais para curar esta perigoza molestia, quando se adianta, de talhadas de limaõ azedo cubertas de sal; que ficaõ conservadas na via, para que perennemente estejaõ rezistindo á corrupçaõ.

Passei a informar-me milhor a esse respeito dos diversos homens que por muitos annos tinhaõ habitado em os paizes Africanos; recontando-lhes este modo de curativo, o approváraõ, e tiveraõ por verdadeiro e uzual: e de mais acrescentaraõ, que muitas vezes para se resistir a corrupçaõ, taõbem se deitavaõ com limaõ e polvora as referidas mezinhas; e que as talhadas de limaõ eraõ enxutas e cobertas com a polvora.

Esta enfermidade naõ he desconhecida na America, porque grassa em tempos ardentes, como entre nós as malinas.

VIII.

O escorbuto naõ hé huma doença nova, e desconhecida: e por isso mesmo he curavel antes da sua confirmaçaõ; e os povos Africanos, posto que incultos, a curaõ em tempo com as suas mezinhas; tomando buchechos continuados da herva chamada *Pempia*; soccorrendo-se com diversos purgantes da mesma herva e da casca da Acacia; fazendo hum continuado uso da laranja e do limaõ; e de diversas limonadas, e do ponxe do vinagre da palmeira ou do côco.

IX.

O banzo he outra gravissima enfermidade, que, surda e insensivelmente abrazando e consumindo a escravatura, a vai fielmente entregar á morte. O meio mais pronto, e o mais natural que, quanto á mim, pode haver para se exterminar esta molestia de taõ pessimas consequencias, pois que o seo curativo naõ pode achar soccorros ainda na melhor medicina, deve ser o excogitar-se tudo quanto possivel seja para desterrar-se da infeliz escravatura aquella justa paixaõ, á que se entrega, na cogitaçaõ de que vive combatida dos maiores males.

Em a dissuasaõ deste justo sentimento deve ter o primeiro lugar hum trato, que seja capaz de a desimmaginar de que ella naõ vive, e que naõ fora trazida para huma positiva desgraça; na qual se acha sepultada. Deve ter o segundo lugar, comportarem-se os seos Senhores para com ella de hum modo benigno e affavel, indicando-lhe que se achaõ bem servidos; inspirando na escravatura os sentimentos de que tem elles por acerto e por fortuna á huns bons escravos, para na recompensa nascerem os outros correlativos sentimentos nos escravos, de que tiveraõ a dita de encontrar a hum bom senhor. Deve ter o terceiro lugar, o moderarem-se os castigos. Deve ter o quarto lugar, a permissaõ de ella se divertir e folgar ao seo modo, e ainda com a convocaçaõ dos seos compatriotas e semelhantes; para lhe influir hum justo prazer, e a necessaria alegria; o que só he capaz de fazer desterrar o *banzo*, e as cogitaçoens funebres a que com facilidade se entregaõ.

X.

Os carbunculos ou antrazes taõbem naõ saõ novos na cirurgia: muitos escravos chegaõ a falecer delles, porem taõbem muitos chegaõ a escapar. Esta doença temivel e perigoza tem merecido os maiores cuidados dos Africanos; athe a reduzirem ao estado de se fazer

curavel com a maior facilidade. A receita extrahida das suas observaçoens e incultura, diz-se que he a seguinte. Deitaõ em azeite de *Dendê* alvaiade fino: fazem ajuntar huma porçaõ de farinha de milho, a mais apurada que possaõ conseguir; e sendo tudo bem misturado, estendem este emplasto em qualquer panno; lavaõ de manham e de tarde com a agoa de malvas morna, ou com outra qualquer que seja fresca; continuaõ pelos dias successivos nesta lavagem antes de se por o referido emplasto; e pela continuaçaõ delle, o carbunculo, ou antraz começa a abrir-se, formando huma especie de flor; de sorte que pelos dias seguintes com esta repetiçaõ de remedio, elle vem sahindo com todos os seos olhos e raizes, sem que nunca por elle ou pelos suas ramificaçoens se puxe: athe que a final vem elle pegado em o mesmo emplasto, ficando a chaga e o lugar do carbunculo em carne viva; e se continua a por o referido emplasto, ate que ella de todo se feche.

Esta receita he taõ especiosa, e produzio taõ bons effeitos em a prezença de D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho, que fora Governador em o Reino de Angola; que a trouxe para Portugal, e ha de existir entre as suas memorias.

XI.

O cancro sendo taõbem huma molestia antiga, e conhecida em aquelles paizes Africanos, aonde se ignora a medicina especulativa, taõbem se cura com feliz successo desta sorte: o pó, ou serradura do páo, chamado *quicongo*, misturado em partes iguaes com a folha de pita, ou figueira do inferno, sendo tudo bem moido subtilissimamente, como entre nós o tabaco, com esta qualidade de pó se vai polverizando o cancro; ao tempo que queima vai alimpando a chaga brandamente, e de tal sorte que nunca se quebra a raiz delle. Cobre-se a chaga com o emplasto de qualquer unguento puxante, assim como o basilicaõ; e com effeito se consegue o fim de ser curada esta ferida, que á tantos mata.

O mesmo D. Francisco Innocencio, governando An-

gola, vio effeitos taõ prodigiosos, que naõ se contentou só de trazer a receita para Portugal, trouxe taõbem o *quicongo*, e a folha da pita. Tudo isto ha de constar igualmente das suas lembranças, que seraõ achadas no arquivo da sua caza.

XII.

Todas estas enfermidades, que levaõ os escravos á sepultura, seriaõ desviadas se em tempo fossem tratadas; porem se o desamparo, e máo trato a humas acorda, e a outras promove, para que me hei de esforçar pelas outras que ainda me faltaõ?

CONCLUZAÕ.

No fim porem deste discurso só me restaõ duas reflexoens, que qualquer dellas seria capaz de dar materia a outro novo discurso: porem nesta parte abraçarei a concizaõ, deixando o que me resta á milhores pennas*.

I.

Primeira. que ainda que a variedade das agoas, dos mantimentos, da qualidade das frutas, dos peixes, que por infimos saõ repartidos com a escravatura, e a mesma estranheza do clima de algum modo influe para as enfermidades que padece a escravatura; com tudo, quanto a mim, isto apenas lhe serve de irritaçaõ, e estimulos para a insurgencia das molestias que dormem, e para a promoçaõ das que ja vem criadas com anticipaçaõ, e originadas pelas grandes fomes, pelas insupportaveis sedes, e por todo o genero de máo trato; o que tudo se augmenta pelo desamparo, aque ella he entregue.

* Assim como se omitte o que neste Discurso poderia dizer-se de consideraçoens moraes: mas deve ler-se o P. *Vieira* nos Sermoens 14, 20, 27, do Rozario.

Concluindo nesta parte, que nem a mudança do estado da ociosidade para o trabalho, para cujo fim saõ os escravos comprados, pode influir para a suscitaçaõ das suas muitas enfermidades; porque os que de novo entraõ a trabalhar, trabalhaõ o que podem, e ninguem delles deve mais exigir: dentro de poucos dias se habituaõ para o trabalho, de hum tal modo, que vem a ser constantes e assiduos nelle.

O que porem muito nestas circunstancias do trabalho, assim como em todos os outros periodos da vida servil pode influir, he a fome, e a necessidade, que se combate com os esforços do mesmo trabalho, e que os obriga a serem fracos, porque os seos Senhores lhes naõ daõ raçaõ certa, e só de ordinario o sabado livre. Influe porem muito o máo trato do *tronco*, e outros rigorozos castigos, que recahem no fim do trabalho, quando se naõ tem completado a tarefa; o que vem a servir de augmento aos infinitos males principiados com a escravidaõ, e ultimados com a fiel entrega dos ossos á terra.

II.

Segunda, que havendo huma rigoroza necessidade da mesma escravatura para a promoçaõ das nossas fabricas, e estabelecimentos no Brazil, donde nos vem copiozos, e abundantissimos generos, e nos quaes a Real Coroa percebe os seos justos e devidos direitos, a humanidade, e os interesses da mesma Real Coroa exigem, que se resista á estes absurdos.

Esta Real Academia, assim como o publico, me ha de perdoar ter eu talves transgredido os limites. O amor da patria me transportou, e o dezejo de querer ser util do modo que me foi possivel, á porçaõ mais infelis da humanidade.

FIM.

EPISODE DE VENUS

Dans le second Chant de la Lusiade.

OCTAVE 33.

Sensible à cette voix, la tendre Cytherée
Quitte du Dieu des mers les humides etâts,
Et les Nymphes des eaux dont elle est entourée
De ce depart soudain ne se consolent pas !
S'elançant jusqu'au haut de la voute etherée
Vers le sejour des Dieux elle porte ses pas,
Et penêtre au de lá de la sixieme sphére
Jusqu'au trone elevé du maître du tonnerre.

34.

La douce emotion qui se peint dans ses yeux
De ses attraits encore augmente l'influence,
Prés d'elle tout s'anime, et la terre et les cieux,
Tout aime en la voyant, tout subit sa puissance ;
A ce regard si tendre et si voluptueux
On reconnoit le nid où l'amour prit naissance
Et d'ou ce jeune Dieu s'elançant dans les airs
De ses feux tout puissants embrasa l'univers !

35.

Sure de son pouvoir, la belle Cytherée
S'avance vers l'amant d'Alcmêne et de Léda
Brillante des attraits dont elle etait parée
Quand elle descendit dans les forets d'Ida ;
Lorsque pleine d'espoir, de pudeur colorée,
Au berger Phrygien elle se presenta ;
Et du premier regard decidant la querelle,
Obtint le prix fatal promis à la plus belle ;

36.

Ce front qui de la neige egale la blancheur
De mille tresses d'or et s'entoure et se pare,
`A l'aspect seduisant de son sein enchanteur
Un doux fremissement de tous les cœurs s'empare,
Ses regards, à travers une douce langueur,
Lancent les traits brulants que l'amour nous prepare,
Et semblable au lierre, un desir amoureux
Suit en les enlaçant ses bras voluptueux!

37.

Sous le tissu leger que Venus leur oppo se,
Les Zéphyrs caressants s'agitent au hazard,
Et laissent entrevoir et les lys et la rose
Qu'elle parait vouloir derober au regard;
Pour servir les desseins que son cœur se propose,
Les Graces en ce jour ont espuisé leur art;
L'Olympe ne voit qu'elle, et le Dieu de la Guerre
Decele à tous les yeux l'amant qu'elle prefere.

38.

La mere des Amours s'avance en soupirant
Et sa tristesse ajoute au pouvoir de sés charmes;
Telle en proye aux soupçons prés de son jeune amant
Une tendre beauté le cœur rempli d'allarmes,
Etouffe ses soupirs lui parle en souriant
Et detourne aussitôt ses yeux baignés de larmes;
Ainsi l'on voit Venus qui dęrobant ses pleurs
Addresse à Jupiter ces accents enchanteurs.

39.

O Monarque eternel que l'Univers adore,
J'esperais que suivant vos desseins genereux

On vous verrait deffendre et guider vers l'Aurore
Ces marins qui poursuit un destin rigoureux!
Coupable devant vous d'un crime que j'ignore,
Ma pitié devient elle un obstacle à leurs veux?
Laisserez vous gemir vôtre fille cherie
Pour servir de Bacchus la noire jalousie?

40.

Ce peuple m'appartient, c'est pour lui que mes pleurs
Invoquent, mais en vain, vôtre pouvoir suprême;
Car ma protection agravant leurs malheurs,
Est peutêtre un fleau pour ces guerriers que j'aime!
Ah sans doute c'est moi qu'on destine aux douleurs.
En poursuivant ce peuple on me poursuit moi même,
Et je vois trop, helas, que ma haine, en ce jour,
Servirait ses desseins, bien plus que mon amour!

41.

Enfin ils periront et Venus meprisée
Ne pourra desormais leur offrir de secours,
Je dois..... ici les pleurs dont elle est arrosée
De sa tendre complainte interrompent le cours.
Ainsi les jeunes fleurs s'humectent de rosée
Dans la douce saison consacrée aux amours.
Mais le pere des Dieux cedant à sa tendresse,
Adoucit les douleurs de la belle Déesse.

42.

Emû par cet accent, qui du tigre Africain,
Du lyon des deserts appaisarait la rage,
Jupiter la regarde avec cet air serein
Qui rend le ciel plus pûr et dissipe l'orage;
Il l'embrasse bientôt, et penché sur son sein
En essuyant les pleurs qui baignent son visage,

Il sourit à Venus ; et la celeste cour,
Pour la seconde fois croit voir naitre l'amour !

43 et 44.

Cessez, dit-il alors, Déesse de Cythere,
De deplorer le sort des enfants de Lusus ;
Ils seront protegés par le Dieu du tonnerre
Comme les favoris de la belle Venus,
Vous les verrez bientot poursuivant leur carriere
Dompter de l'Orient les peuples eperdus,
Bientot de leurs exploits la brillante memoire
Des Grecs et des Romains eclipsera la gloire.

45.

Ces illustres guerriers seront les fondateurs
De superbes cités, de forts indestructibles ;
Les peuples du croissant, les Turcs devastateurs,
Ne pourront resister á leurs bras invincibles.
Tous les rois dont le Gange adore la grandeur
Flechiront sous le joug de ces hôtes terribles ;
Ils sçauront établir la justice et la loi,
Sur ces trônes soumis au trône de leur Roi.

46.

Autrefois Antenor jusqu'aux bords du Timave
Parvint en a frontant mille perils divers ;
Fuiant l'Isle où le sort le retenoit esclave
Le sage roi d'Ithaque á sçu briser ses fers,
Par vos soins le Troyen aussi pieux que brave
De Scylla, de Charybde a parcouru les mers,
Mais les fils de Lusus dominateurs de l'onde
De mondes inconnûs enrichiront le monde !

47 et 48.

Cette terre d'Afrique où leur bras triomfant
Chatia les forfaits d'une horde egarée
Vous la verres bientot aux vaisseaux d'Occident
Ofrir une retraite en tout tems assurée,
Et ces peuples qu'on vit, avides de leur sang,
De l'hospitalité trahir la foi sacrée,
Bientot de toutes parts apportant leurs tributs,
Devant ces fiers guerriers tomberont abattus.

49, 50, et 51.

Ils recevront Goa des mains de la victoire
Et regiront de lá leurs empires nouveaux,
Cette cité sera le centre de leur gloire,
Et deviendra par eux la maitresse des flots.
Ormus de leurs exploits attestant la memoire
Vera leurs etendarts flotter sur ses creneaux
Et les Turcs leur livrant cette noble conquete
Fuiront en blasphemant le nom du faux prophete.

52.

Assaillis dans Diu ces illustres guerriers
Feront à l'univers admirer leur constance,
Vainement Calecut et ses peuples altiers
Leur auront opposé leur nombre et leur puissance,
Et l'intrepide chef de quelques Chevaliers
Sçaura par tant d'exploits signaler sa vaillance
Que sans doute jamais la Lyre d'Apollon
D'un plus noble heros n'a celebré le nom!

53.

On avait vû jadis les navires d'Auguste
D'Actium, de Leucate ensanglanter les mers.

Lorsque soumettant Rome à son empire injuste
Octave à son rival enlevait l'univers :
Tandis que le vainqueur du Bactrien robuste
Ce chef dont l'Orient avait porté les fers
Retenu par l'amour auprès de Cleopatre
Oubliait l'ennemi qu'il aurait dû combattre.

54.

Mais des succés plus grands, des combats plus fameux
Illustreront un jour les rives de l'Asie,
Et l'aveugle idolatre et le Maure odieux
Fuiront devant les fils de la Lusitanie ;
On les verra dompter par le fer et les feux
La Chersonese d'or, les côtes d'Arabie
Et fonder à la fin un empire brillant
Des confins de la Chine aux bords de l'Occident.

55.

Cessez donc de gemir ô ma fille cherie,
Je vous ai devoilé les arrets du destin ;
Desormais au dessus des efforts de l'envie
Vos guerriers poursuivront leur glorieux chemin.
Pour vaincre ces heros de la Lusitanie
Les Dieux et les mortels se ligueraient en vain
Tous les heros fameux que celebre l'histoire
Reparaitraient en vain pour disputer leur gloire !

SCIENCIAS.

MEMORIA

Sobre a Exposiçaõ dos Factos ate agora collegidos respectivos aos Effeitos da Vaccinaçaõ; e o Exame das objecçoens propostas em differentes tempos contra ella. Lida á classe das Sciencias Physicas e Mathematicas do Instituto Francez, por M. M. Berthollet, Percy, e Hallé a 17 de Agosto de 1812.

No anno de 1803 algumas observaçoens sobre esta relevante materia foraõ lidas ao instituto; e huma memoria sobre o mesmo objecto, feita em Lucca em 1806, foi impressa no oitavo volume deste illustre corpo. Nos agora, depois de doze annos de experiencias repetidas naõ só em toda a Europa, mas em todas as partes do mundo civilizado, offerecemos os resultados deduzidos da confrontaçaõ de numerosos factos, frequentemente incompativeis entre si, observados em todos os climas, e em todas as circunstancias possiveis. Porem a pezar de quasi todos os medicos, governos, e a maior parte do publico estarem convencidos da importancia da vaccinaçaõ, e das vantagens, que della tem provido á sociedade, com tudo este grande preservativo tem tido, e ainda tem alguns antagonistas. Quando as objecçoens saõ propostas por individuos benemeritos e dotados de erudiçaõ, e cujo alvo naõ he o interesse pessoal, ellas saõ sem duvida dignas de consideraçaõ. Longe de nos o censurar aquelles, cujas ideas naõ se conformaõ com as nossas nesta materia. Hum espirito de oppoziçaõ, e independencia he huma qualidade apreciavel nas sciencias de observaçaõ, quando este anda a par de saber, e talentos; e quando o seo intuito (mesmo no caso que siga a estrada do erro) he o de descubrir

a verdade, e de evitar seguir precipitadamente huma opiniaõ, que elle recea pender para o enthusiasmo. He por este motivo, que na exposiçaõ, que apresentamos á classe, nós temos fomente attendido ás objecçoens suggeridas por pessoas instruidas.

1. Os effeitos sensiveis da vaccinaçaõ tem-se comparado com aquelles occasionados pela inoculaçaõ para as bexigas. Como esta ultima, depois de huma febre mais ou menos violenta, termina com huma erupçaõ de bexigas, tem-se daqui inferido, que naõ seguindo-se da vaccinaçaõ os mesmos fenomenos, esta produz unicamente huma revoluçaõ incompleta no sistema, e naõ pode por conseguinte ser taõ proveitosa; e que mesmo talvez deixe hum pernicioso fermento, o qual a pustula vaccinica per si so naõ possa remover. Esta primeira objecçaõ he puramente theoretica; porem as seguintes saõ apoiadas por factos, que se tem julgado corrobora-las.

2. Quando a vaccinaçaõ foi pela primeira vez praticada em diversos paizes, appareceraõ erupçoens em differentes individuos. Doenças severas, e ás vezes fataes eraõ concomitantes a estas erupçoens. Isto deo origem a que se inferisse, que o virus introduzido pela vacciniçaõ tinha a propriedade de as occasionar; mas como ellas frequentemente naõ apparecem, e saõ sempre irregulares, ou incompletas, o virus nesses casos em lugar de ser expellido por meio da pelle, segundo a intençaõ da natureza, permanece no sistema; e vem a ser o motivo de varias mudanças perniciosas á constituiçaõ.

3. Algumas indisposiçoens, e mesmo doenças que tem-se observado apparecer, em quanto o individuo estava debaixo da influencia da vaccinaçaõ, tem sido a esta attribuidas, e tem igualmente induzido a que se receie o virus vaccinico como productivo de doenças perigozas, e fataes.

4. Algumas vezes depois da vaccinaçaõ ter felizmente terminado, dahi a pouco tempo os individuos tem sido incommodados com infermidades, as quaes tem tambem sido imputadas aos effeitos da vaccinaçaõ. Donde tem-se concluido, que mesmo depois de hum successo apparente, a vaccinaçaõ pode ser a origem

de doenças chronicas mais ou menos violentas, ou deixa no sistema as sementes, que para a futuro se desenvolvem.

5. Finalmente, confrontando alguns factos, em que a inoculaçaõ para as bexigas tem sido a epoca de huma feliz revoluçaõ na saude de alguns individuos, com as inconveniencias, que se tem supposto resultar da vaccinaçaõ, algumas pessoas tem julgado, que mesmo admittindo ambas serem igualmente efficazes, como preservativos contra as bexigas, com tudo a inoculaçaõ para esta ultima doença tem a vantagem de muitas vezes eradicar molestias sobre que a vaccinaçaõ naõ tem influencia. Estas saõ as mais fortes objecçoens, que se tem proposto contra a vaccinaçaõ: as outras, visto serem menos ponderosas, seraõ mais concisamente expostas. A objecçaõ, a que primeiro attenderemos he, ao nosso ver, a mais fraca, naõ firmando-se em outra base, senaõ em huma theoria pathologica. Ella pode-se comprehender na seguinte questaõ.

PRIMEIRA QUESTAÕ.

Por ventura a febre, e a erupçaõ geral, que se seguem a inoculaçaõ para as bexigas, mas que naõ apparecem depois da vaccinaçaõ, effeituaõ huma necessaria purificaçaõ do sistema, sem aqual resultariaõ consequencias perigozas?

A theoria, segundo a qual se conjectura que em hum grande numero de doenças agudas e chronicas ha no sistema hum movimento destinado a produzir evacuaçoens mais ou menos consideraveis, e por este meio expellir do corpo huma substancia estranha que motivou a molestia, tem sido suggerida, a fim de explanar certos phenomenos, que apparecem consecutivamente durante o decurso de algumas doenças agudas, e a ordem regular, com que estes phenomenos succedem huns aos outros, e terminaõ com a cura da doença. O progresso de varias molestias he bem adaptado a esta theoria; nem se pode negar, que os symptomas das bexigas, sejaõ ou naturaes ou occasio-

nadas pela inoculaçaõ, conformaõ-se bellamente com os principios sobre que ella tem sido fundada.

Tirando-se de qualquer pustula *variolosa* huma porçaõ de pus apenas vizivel, e sendo introduzido debaixo da epiderme pela ponta d'huma lanceta, este cedo occasiona inflammaçaõ, e huma erupçaõ local. Em seis ou sette dias apparecem symptomas de huma doença geral, isto he,—ha huma febre; a qual tres dias depois termina com huma maior ou menor erupçaõ de bexigas sobre todo o corpo. Estas pustulas se assemelhaõ exactamente a aquella donde se extrahio a materia para a inoculaçaõ, e contem huma pus capaz de communicar pelo mesmo meio a mesma doença a outros individuos. A vaccinaçaõ naõ he seguida dos mesmos phenomenos. Em geral observa-se huma unica pustula no terceiro dia depois da inoculaçaõ, e nunca mais cedo (quando a materia vaccinica he boa) mas algumas vezes mais tarde. Em cinco dias esta pustula chega ao estado de perfeiçaõ. No oitavo dia he rodeada de huma areola vermelha algum tanto dorida; e a final transforma-se em huma crusta trigueira tirante a preto analoga á aquella, donde se tirou a materia vaccinica. Algumas vezes ha huma pequena febre com inchaçaõ das glandulas axillares, quando a pontura tem sido feita no braço. Se o liquido contido nesta pustula for extrahido no principio da sua formaçaõ, e inoculado em algum individuo, tem a propriedade de occasionar os mesmos phenomenos; e este processo poder-se-ha continuar *ad infinitum*.

Segundo o que se tem exposto he evidente, que a inoculaçaõ para as bexigas produz pustulas realmente *variolosas*, porem que da vaccinaçaõ se naõ segue o mesmo resultado. Donde as materias introduzidas naõ saõ somelhantes: e consequentemente a theoria de huma destas doenças, e da sua inoculaçaõ naõ pode ser appropriada á outra.

A unica coiza, em que ellas saõ analogas, he que os individuos inoculados por ambas ficaõ para o futuro izentos de serem inficionados com o contagio das bexigas. Esta izençaõ, de que goza a pessoa que tem tido bexigas naturalmente e por inoculaçaõ, ou que tem sido vaccinada, indica ter havido no sistema

huma revoluçaõ geral, que em todos estes cazos he productiva da mesma resulta, isto he, de salvar o individuo de hum grande flagello, em quanto que naõ passando o mesmo por taes processos está sugeito a ser victima delle.

Qual he a natureza desta differença todos ignoraõ; a experiencia unicamente prova a sua realidade. He do mesmo modo a experiencia, que somente pode decidir se huma erupçaõ geral he essencial, ou se devemos recear perigo algum quando ella naõ apparece: pois que naõ he por meio de theoria, que tal questaõ se pode resolver, mas so por huma confrontacaõ de factos. Se a materia vaccinica inoculada debaixo da epiderme naõ só produz os phenomenos accima mencionados, mas tambem deixa no sistema hum virus capaz de occazionar varias doenças severas, a observaçaõ deve confirmar se assim he. Por tanto, quando este ponto he propriamente exposto, ve-se, que os antagonistas fundaõ-se meramente sobre huma questaõ de facto.

Porem mesmo quando nos fiamos somente na experiencia, e observaçaõ, muitas circumstancias, que se julgaõ de pouca valia, mas que na medicina podem concorrer para o mesmo resultado, e a difficuldade de attribuir os effeitos produzidos ás verdadeiras cauzas, necessariamente occasionaõ grande incerteza relativamente as consequencias inferidas de observaçoens. Huma pequena porçaõ de factos, analogos aos que allegaõ os adversarios, pode unicamente produzir probabilidade. He so havendo hum grande numero e sendo elles invariaveis, que huma conjectura pode chegar ao gráo de certeza. A fim de apreciarmos os factos citados contra a vaccinaçaõ, devemos compara-los com a natureza e porçaõ de factos estabelecidos, em que se funda a favoravel opiniaõ, que geralmente se concebe da grande descuberta *Jenneriana.*

Alguns dos factos allegados contra a vaccinaçaõ tem se extrahido da obra do Dr. Woodville, intitulada, *Report on the Cow-pox*, publicada em Londres em 1799, e traduzida no mesmo anno em Francez por M. Aubert. M. Chappon collegio em 1803, em huma

obra com o titulo de *Traité Historique des Dangers de la Vaccine*, tudo o que se tinha proposto contra esta nova practica. Ahi achamos alguns factos notaveis, os quaes examinaremos; porem pela maior parte constaõ de asserçoens sem provas e sem individuaçoens, e parecem ter sido coadunados com menos juizo que preoccupaçaõ. O author a final, convencido da futilidade das suas provas, publicou huma retractaçaõ, que dirigio aos Redactores do *Journal de Medecine*, M. M. Corvisart, Le Roux, e Boyer, a fim de ser inserida no numero deste Jornal de Septembro de 1807, tomo 6. pag. 238. Em differentes livros tem-se publicado outros factos, a maior parte dos quaes os authores da *Bibliotheque Britannique* tem collegido, e averiguado. Nos attenderemos a aquelles, que forem dignos do nosso exame. Tem-se nos communicado separadamente algumas observaçoens; porem quasi todas que tivemos opportunidade de verificar, foraõ occasionadas por informaçoens destituidas da verdade e exacçaõ; e naquellas mais correctas achámos somente factos pouco interressantes, e cujas consequencias eraõ equivocas. Observaçaõ alguma jamais pode ser ponderosa sem ser accompanhada das investigaçoens necessarias relativamente á origem do virus, ás qualidades caracteristicas da pustula vaccinica, á sua forma, desenvolvimento e effeitos, aos phenomenos que della tem procedido, e ao estado da pessoa vaccinada. Ao nosso ver parece-nos naõ ter omittido sobrepensado hum unico facto importante proposto pelos adversarios.

Nós confrontaremos com estes factos 1. os resultados da correspondencia da sociedade estabelecida em Paris debaixo dos auspicios do Governo intituláda *Societé pour la extermination de la Petite-Verole*. Esta sociedade, ja por ter collegido os papeis pertencentes á commissaõ central da vaccinaçaõ formada em 1799, quando este grande preservativo foi introduzido na França, ja por ter tido em addiçaõ huma mui activa correspondencia que continua ate o prezente, tem adquirido hum grande conhecimento dos effeitos da vaccinaçaõ observados em todas os partes da França, e esta em posse da mais completa collecçaõ de factos

respectivos á este importante objecto*. 2. Os factos compiládos na excellente obra *La Bibliotheque Britannique*, a qual desde o anno 1798 ate o prezente tempo offerece aos Philosophos, as principaes observaçoens feitas sobre esta materia em todas as partes da Europa, e em todas as mais regioens civilizadas. Tambem temos tido a satisfacçaõ de ler a obra publicada pelo Dr. Sacco intitulada *Trattato della Vaccinatione, Milano* 1809, nella se ve como levado da mais louvavel philantropia este estimavel medico tem se esforçado com o maior desvelo a promover a pratica da vaccinaçaõ na Italia. Advertimos que naõ pomos outra valia nas nossas reflecçoens, se naõ que unidas aos factos encerrados nestas varias collecçoens, ellas tendem a confirmar, segundo julgamos, as consequencias ja estabelidas por outros observadores. Pois que evidencia completa nunca pode resultar dos factos observados por hum so homem, por maior que seja a sua erudiçaõ, e por mais aturada que seja a sua diligencia, sem a cooperaçaõ de varios individuos, cujas observaçoens concordaõ, e tem sido feitas em differentes periodos, em differentes paizes, e em differentes circunstancias.

SEGUNDA QUESTAÕ.

Por ventura os factos observados demonstraõ, que a materia vaccinia sendo introduzida no sistema tem a propriedade de occasionar erupçoens, ou doenças, que se devem attribuir a difficuldade, imperfeiçaõ, ou falta de erupçoens ?

Tem-se julgado, que as erupçoens, que algumas vezes se seguem á vaccinaçaõ, demonstraõ a realidade desta opiniaõ. A' falta de sufficiente energia para produzir estas erupçoens tem-se imputado as doenças severas, que se tem observado apparecer de-

* As resultas desta correspondencia se achaõ inseridas em huma exposiçaõ, que a commissaõ central publicou em 1803; em duas exposiçoens feitas na sessaõ geral da Sociedade em 1804 e 1806; em outras em de 1807, 1808, e 1809; em huma exposiçaõ para o anno de 1810, que se esta imprimindo; e nos bulletins de correspondencia publicados ate agora, cujo numero monta a 20.

pois da vaccinaçaõ. O Dr. Woodville na obra, que publicou em Londres 1799, da huma relaçaõ dos phenomenos que appareceraõ em individuos vaccinados por elle em 1798, logo depois da descuberta do Dr. Jenner. Elle assevera ter observado erupçoens precedidas ou acompanhadas de febre, anciedade, dor no ventre, vomito, diarreya, syncope, ophtalmia, tosse e convulsoens. Estes mesmos symptomas elle diz ter presenciado em individuos, que naõ tinhaõ erupçoens; e entaõ elle os attribue á falta de energia no sistema para expellir o virus. Elle igualmente descreve huma erupçaõ, que foi acompanhada com espasmo, e que occasionou a morte d'huma criança.

Para fazer-mos hum proprio apreço destas observaçoens, e das consequencias, que se podem dahi inferir, devemos considerar attentamente a historia das observaçoens do Dr. Woodville, e das differentes circunstancias, quando a vaccinaçaõ foi seguida de varias especies de erupçoens.

O Dr. Woodville era o primeiro medico do Hospital instituido em Londres para a recepçaõ dos doentes que tinhaõ bexigas, e dos individuos dezejozos de serem inoculadas com materia *vaccinica*. Elle igualmente inoculava na cidade e no campo. A sua obra foi publicada em 1799 logo depois da epoca da grande descuberta de Jenner. O numero total de casos, de que nos informa Woodville, monta a 510. Em 274 destes elle affirma ter visto erupçoens mais ou menos abundantes, e em 147 huma febre mais ou menos severa*.

Ora ao mesmo tempo o Dr. Jenner annunciou que a inoculaçaõ com a materia vaccinica naõ occasionava erupçoens; que elle jamais as tinha observado. Deste voto eraõ tambem os medicos, que tinhaõ vaccinado em Londres, e em outras partes da Inglaterra†. Tendo o Dr. Woodville mandado ao Dr.

* Bibliot. Brit. Vol. IX. pag. 394; XII. 163, 298, 325.

† Vejaõ-se a obra do Dr. Woodville traduzida por M. Aubert, e a *Biblioteque Britannique departement scientifique*, Vol. XII. pag. 146, 163, 172, 173, 272.—*Pearson's Observations* concerning Eruptions, extrahidas na *Bibliot. Brit.* Vol. XIV. pag. 254.—*Jenner's Enquiry into the Causes and Effects of the Variolæ Vaccinæ, London* 1798, da qual obra se achaõ ex-

Jenner materia vaccinica collegida n'hum hospital, e enviando-lhe este ultimo huma porçaõ de materia, que tinha em seo poder; o Dr. Jenner, e outros medicos inocularaõ com a materia remettida pelo Dr. Woodville mais de 60 individuos em *Berkeley* e na sua vizinhança, sem apparencia alguma de erupçoens, no entretanto que a materia enviada ao Dr. Woodville pelo Dr. Jenner, (naõ obstante o nunca ter occasionado erupçoens nos casos por este inoculados), veio com tudo a produzir-las de novo, quando a vaccinaçaõ foi feita por Woodville*. Donde o phenomeno so occorria á este medico; e naõ devia a sua origem ao virus nem a coiza alguma particular em Londres.

Cedo depois o Dr. Woodville fez huma nova observaçaõ:—que as erupçoens começavaõ gradualmente a desapparecer no seo hospital á proporçaõ, que os doentes inoculados com materia variolosa naõ tinhaõ permissaõ de permanecer no dito hospital;—indicio evidente donde ellas derivavaõ a sua origem. A sua diminuiçaõ foi notavel, pois que de 310 reduziraõ-se á 19 por cento, á 13 por cento, a 7 por cento, e a final a 3 ou 4 por cento. Woodville confessa naõ ter visto erupçoens nas pessoas vaccinadas fora do hospital†.

Tambem observou-se, que em algumas aldeas na vizinhança de Londres, onde grassavaõ as bexigas, de novo appareceraõ erupçoens durante a vaccinaçaõ; e isto igualmente occorreo em *Hetley* no *condado* de *Shropshire*, em huma caza onde havia hum numero consideravel de pessoas inoculadas com materia *variolosa*‡. Finalmente o Dr. Jenner em huma carta ao Dr. Marcet, datada a 25 de Fevereiro de 1803, assevera que de dez mil pessoas vaccinadas na Inglaterra por elle e seos sobrinhos hum unico individuo naõ tinha sido afflicto com erupçoens§.

tractos na *Bibl. Brit.* Vol. IX. pag. 367, 394.—Correspondencia do Dr. De Carro, e exposiçaõ do Dr. Woodville, ibid. Vol. XII. pag. 163, 290.

* Bibl. Brit. Vol. XII. pag. 293, 325; XV. 367.

† *Observations on the Cow-pox, Woodville, London*, 1800.

‡ Bibl. Brit. Vol. XV. pag. 371.

§ Bibl. Brit. Vol. XXV. pag. 182.

Segundo a exposicaõ que fez o Real Collegio de Cirurgioens em Londres no anno de 1807, de cento e sessenta quatro mil trezentas e oitenta huma vaccinaçoens, *sessenta* e *seis* meramente foraõ accompanhadas de erupçoens; isto he na proporcaõ de 1 para $2490\frac{1}{6}$.

Estas observaçoens feitas na Inglaterra conformaõ-se com o que occorreo em outros paizes. Quando a pratica foi introduzida em Dinamarca observaraõ-se erupçoens, que ao depois cessaraõ de apparecer *. O mesmo aconteceo em Hanover e Genebra: e neste ultimo lugar as circumstancias foraõ realmente mui notaveis; pois que em 1800 e 1801, quando grassaraõ os bexigas, pela primeira vez a vaccinaçaõ foi accompanhada de erupçoens. Estas depois desappareceraõ; porem em 1808 sendo Genebra segunda vez afflicta com o flagello das bexigas, as erupçoens de novo sobrevieraõ; mas desde este periodo ellas nunca tem occorrido. Hum de nos observou o mesmo em Lucca no mez de Julho de 1806. As bexigas eraõ entaõ epidemicas, e entre muitas crianças vaccinadas algumas tiveraõ erupçoens, que desappareceraõ ao depois †. Na correspondencia da sociedade instituida em Paris ha exemplos de erupçoens esporadicas; porem o seo numero he mui limitado relativamente a grande copia de vaccinaçoens que se tem praticado no Imperio: copia esta que desde os ultimos seis mezes de 1804 ate os fins de 1810 naõ monta a menos de *dois milhoens seis centos setenta e hum mil seis centas e sessenta huma vaccinaçoens* ‡.

A natureza das erupçoens observadas tem sido mui variavel. Em geral as pustulas saõ mais analogas ás da *varicella*, do que ás das bexigas: algumas tem-se assemelhado ás da vaccina, e varios medicos affirmaõ ter effectuado a verdadeira vaccinaçaõ pelo liquido contido nesta ‡. As vezes ellas tem tido a apparencia de huma erupçaõ miliaria; saõ mui duras e

* *Dr. Jenner's letter to Dr. Marcet.*

† Memoria da Classe das Sciencias Physicas e Mathematicas do Instituto, vol. viii. pag. 21.

‡ Papeis dirigidos ao Secretario da Sociedade estabelecida em Paris para a exterminaçaõ das bexigas.

‖ *Bibl. Britan.* vol. XVI. pag. 86, 369; XXXIX. 94.

naõ contem humor algum. Em outros casos ellas tem constado somente de manchas vermelhas. Poderiamos referir ao numero de erupçoens consecutivas, observadas durante a vaccinaçaõ, as pustulas vaccinicas secundarias que apparecem no mesmo lugar da precedente, ou em outras partes do corpo, a naõ ter-se demonstrado em hum grande numero de casos, que as crianças ellas mesmas as tem produzido coçando as differentes partes do corpo com as unhas, depois de ter com ellas arranhado a pustula vaccinica. Aquellas pustulas, que mais se assemelhaõ ás pustulas variolosas e vaccinicas, tem-se observado ser mais fugitivas, do que as pustulas verdadeiramente variolosas ou vaccinicas.

Do que se tem exposto segue-se, que os casos, em que erupçoens, ou febres tem succedido á vaccinaçaõ, comparados com aquelles, em que taes phenomenos naõ tem occorrido, saõ relativamente taõ poucos de sorte, que elles naõ devem com propriedade ser attribuidos ao virus vaccinico, ou considerados como huma consequencia das suas propriedades. Elles so podem ser imputados á circumstancias geraes ou individuaes. Ainda que a natureza destas algumas vezes nos seja desconhecida com tudo a maior parte, particularmente quando saõ mui frequentes, deve a sua origem ás bexigas, que inficionaõ os lugares, onde se pratica a vaccinaçaõ. Donde he destituida de todo o apoyo a conjectura, que a vaccinaçaõ introduz no sistema hum fermento pernicioso, o qual deve ser expellido por erupçoens ou febre. Pelo contrario os numerosos casos, em que a vaccinaçaõ naõ tem produzido mudança alguma sensivel, e naõ tem occasionado febre ou erupçaõ (excepto na parte onde a inoculaçaõ tem sido feita), nos authorizaõ a deduzir huma consequencia diametralmente opposta.

(Continuar-se-ha.)

Descripçaõ d'uma Especie de Plumbago de Moçambique, por Edmund Davy, Esq. &c.

Esta substancia foi exportada de Moçambique, no continente d'Africa, onde se diz que occupa huma extensaõ de terreno consideravel. Visto naõ estar sciente, de que se tenhaõ ate agora publicado observaçoens algumas mineralogicas sobre a natureza desta substancia, por conseguinte passarei a expor as suas propriedades physicas, e chimicas. A sua cor he hum cinzento tirante a cor de ferro. Está espalhada em pequenas laminas n'huma matriz levemente aggregada, a qual he composta de feldspar, quartz, e mica. As laminas s'atravessaõ mutuamente em differentes direcçoens, porem naõ apresentaõ apparencia alguma de cristallizaçaõ. O seo lustre he metallico, e semelhante ao d'áço polido. He macio, e unctuoso áo tacto, e sendo esfregado nos dedos, e papel deixa vivas marcas da mesma sorte, que o plumbago commum. He conductor d'electricidade. A sua gravidade especifica no estado puro naõ me foi possivel acertar, visto estar intimamente misturada com a sua matriz; porem, quando foi purificada o melhor possivel das suas particulas terreas, achei-a ser 1·6, sendo a da agoa tal como 1. Naõ tenho podido informar-me, qual seja a sua situaçaõ geologica, ou qual seja a natureza das rochas, com que está associada; mas as suas propriedades carateristicas, e o ella occupar *strata* distinctos me inclinaõ a conjecturar, que a sua origem foi derivada da degradaçaõ de granite primario; e talvez se possa correctamente classificar naquella ordem de rochas chamadas *secundarias*. Se attendessemos meramente aos seos caracteres externos, esta substancia julgar-se-hia pertencer á classe das vetas de molybdena; porem os effeitos, que os agentes chimicos produziraõ sobre ella, naõ foraõ de forma alguma favoraveis á tal hypothese. Naõ soffreo mudança alguma sendo posta em platina, carvaõ de lenha, e borax, e assoprando-se o lume para augmentar a temperatura. Da sua mistura com os acidos apenas resultaraõ fenomenos alguns. Huma pequena

porçaõ della foi successivamente fervida nos acidos nitrico concentrado, nitro-muriatico, muriatico, e sulfurico, mas o seo lustre conservou-se sem alteraçaõ, e o seo pezo o foi mui pouco diminuido. Com tudo lançando-se depois nestes acidos huma porçaõ de prussiato de potassa, observou-se hum precipitado algum tanto azul; prova evidente, que os acidos extrahiraõ della huma pequena quantidade de ferro. Quando esta substancia no seo estado natural foi exposta em calor vermelho á acçaõ de potassa pura, e nitro, naõ descubri mudança alguma chimica; nem obtive resultados conclusivos das primeiras experiencias, que fiz com estas substancias. Porem a sua composiçaõ foi o mais claramente dilucidada, sendo aquentada com acido arsenico ate tornar-se vermelha; experiencia esta anteriormente feita pelo illustre Scheele *, o qual he d'opiniaõ, que o acido carbonico naõ he hum producto, mas sim hum dos ingredientes de plumbago.

ANALYSIS.

Em consequencia de ter em meo poder mui pequena quantidade desta substancia, e em virtude da summa difficuldade, com que podia-se occasionar sobre ella effeito algum, vi-me obrigado a usa-la em porçoens mui limitadas. Visto naõ ter podido em caso algum consumir em vasos lutados tanto, como cinco graõs, consequentemente os resultados, que obtive, naõ foraõ de todo decisivos. De varias experiencias tenho feito escolha de tres das mais exactas, e dellas tenho inferido a sua composiçaõ.—— Experiencia primeira,—7½ graõs desta substancia (depois de ser bem purificada das suas particulas terreas) foraõ misturados com 30 graons d'acido arsenico, e expostos á huma calor vermelho forte numa pequena retorta de vidro barrada, e posta sobre o mercurio. Obtiveraõ-se nove polegadas cubicas de

* Memoires de Chimie de M. Scheele, tom. ii. p. 31.

gas acido carbonico* alem d'huma porçaõ d'oxygenio, e oxido d'arsenico branco, cristallizado, e sublimado. Depois do residuo ser bem lavado com agoa distillada, e aquentado n'hum calor pouco vermelho, pezou 4¼ graõs, e indicou naõ ter soffrido alteraçaõ alguma nas suas propriedades geraes. Destes 4¼ graos extrahio-se meio graõ de materia terrea, a qual sendo examinada achou-se constar de silex, alumina, e huma pequena porçaõ de ferro. Ora segundo as exactas experiencias de M. Allen e Pepys,† 100 polegadas cubicas de gas acido carbonico contem 28.60 graõs de carvaõ; e 9 polegadas cubicas contem 2.57 graõs: por tanto os 7½ graõs produziraõ

De mineral sem alteraçaõ . .	4.25 graõs
de carvaõ	2.57
de silex, alumina, e ferro . .	0.5
perda	0.18
	7.50

Experiencia segunda—5 graõs deste mineral foraõ aquentados com 35 graõs d'oxymuriato de potassa do mesmo modo, que na experiencia anterior. Os productos gasosos foraõ 6 polegadas cubicas de gas acido carbonico, e huma porçaõ d'oxygenio. O residuo foi cuidadosamente extrahido, misturado com acido muriatico, e dirigido por alguns minutos n'uma temperatura augmentada quasi á 70 de Fahrenheit. A soluçaõ acida foi entaõ filtrada, e a materia solida foi lavada, seccada, e aquentada á ponto de tornar-se vermelha: esta pezou 3.1 graõs, e na sua apparencia pouco differençava-se do seo estado natural, excepto em ter perdido hum pouco do seo lustre. Observaraõ-se nella algumas particulas de silex. Foi limitada a quantidade de ferro, que por meio do reagente prussiato de potassa, se obteve da soluçaõ acida; e sendo esta neutralizada com o carbonato de potassa, naõ separou-se porçaõ alguma determinada de mate-

* A quantidade de gas acido carbonico nestas experiencias foi acertada pela absorvencia com agoa de cal, e huma soluçaõ forte de potassa caustica.

† Phil. Trans. vol. xcvii. p. 290.

ria terrea. Dondè os 5 graõs de uniaõ com o oxymuriato de potassa renderaõ 6 polegadas cubicas de gas acido carbonico, e

De carvaõ	1.71
do mineral apenas alterado . .	3.1
de silex com hum pouco de ferro .	.19
	5.00

A fim de acertar a quantidade de ferro contida nesta substancia, eu fiz a seguinte experiencia. Experiencia terceira—8 graõs deste mineral foraõ misturados com perto de 70 graõs de oxymuriato de potassa, (depois de derretidos,) e aquentados n'hum cadinho de platina. A mistura appareceo acesa, quando o calor chegou a hum vermelho escuro; e este foi elevado a ponto de todo o oxygenio ser expellido do sal. A apparencia com tudo da substancia naõ foi muito alterada por este processo. Introduzi entaõ 150 graõs de nitro, e augmentei o gráo de calor ate chegar á hum vermelho vivo: depois de meia hora examinei o cadinho, e ainda achei parte do mineral no seo estado virgem. Huma nova porçaõ de nitro foi introduzida, e o calor augmentado, e continuado por perto de duas horas; e neste entremeio s'accrescentaraõ de vez em quando novas porçoens de nitro. O cadinho foi entaõ examinado, e naõ se observaraõ vestigios alguns do mineral no seo estado virgem. A materia solida foi misturada com acido muriatico diluido, e sendo digirida por algum tempo n'hum calor moderado, foi inteiramente dissolvida á excepçaõ da quarta parte d'hum graõ, que achou-se constar principalmente de silex, e hum pouco de pó derivado do carvaõ. A soluçaõ acida accrescentou-se ammonia n'huma quantidade hum tanto avultada; e depois d'hum curto espaço de tempo appareceo hum precipitado branco, e floculento, o qual foi filtrado, lavado, e aquentado n'hum cadinho de platina á ponto de tornar-se mui vermelho. Endureceo no fogo, e indicou pelos seos caracteres ser alumina corada por meio de ferro. Foi pulverizado, e digirido em acido muriatico diluido; a maior parte conservou-se insoluvel, e constou principalmente d'alumina, e hum pouco de silex. O

prussiato de potassa foi entaõ misturado com esta soluçaõ acida, e hum pouco depois o prussiato de ferro foi condensado n'hum filtro, lavado, e seccado. Visto naõ poder separar do papel huma porçaõ exacta deste precipitado, queimei o filtro n'hum cadinho de platina, e appliquei hum calor vermelho até consumir-se toda a materia carbonacea. O oxido de ferro, que se obteve, pezou a quarta parte d'hum graõ, e foi em parte attrahido pelo magnete. Esta experiencia naõ he com tudo conclusiva quanto á verdadeira porçaõ de ferro, que existe neste mineral. Na hypothesis, que o ferro existe nelle em estado metallico, a sua quantidade naõ pode exceder dois, ou tres por cento. As experiencias, que temos exposto, nos authorizaõ a concluir, que esta substancia he huma especie de plumbago, e que o seo ingrediente principal he materia carbonacea. He muito semelhante nos seos caracteres geraes aos productos artificiaes d'humas fornalhas de ferro nas Indias Orientaes bem sabidos pelo nome de *Kish iron*. Naõ tenho idea de variedades algumas de plumbago, que contenhaõ huma taõ pequena porçaõ de ferro, e que resistaõ taõ fortemente a acçaõ de reagentes chimicos. Aquellas especies, que Scheele, Pelletier, e outros eminentes chimicos tem analysado, produzem maior quantidade de ferro, e differem deste mineral em outras propriedades.

N. B. Ao nosso ver a substancia, cuja descripçaõ forma o objecto da memoria precedente, he digna de huma mais miuda investigaçaõ. Nos temos esperanças, que alguns dos nossos mineralogistas contribuaõ a estender o nosso conhecimento sobre as suas propriedades; visto que pertencendo-nos a colonia, donde ella he extrahida, parece ser dever nosso, hajamos de completar huma materia, cujo resultado será talvez importante; dizemos importante, por que conforme as experiencias de M. Edmund Davy este mineral he huma especie de plumbago: ora se o plumbago he estimavel, ja por formar a melhor sorte de lapis; ja por ser algumas vezes accrescentado as terras com as quaes se fabrica louça de barro; ja por ter a virtude, huma vez que esfregado sobre a superficie do ferro, de preserva-lo da oxygenaçaõ, ou ferrugem

quando este he exposto á humidade ; ja por ser adaptado, em consequencia da sua molleza, e lubricidade, a diminuir o attrito das maquinas, e facilitar o movimento d'huma superficie sobre outra ; naõ poderemos nos, fazendo tentativas, appropriar a substancia, que pertence a mesma classe, á usos semelhantes, principalmente quando esta resiste tanto a acçaõ de reagentes chimicos? A probabilidade he grande, he por tanto de esperar os nossos esforços recebaõ a sua devida remuneraçaõ.—Naõ podemos com tudo deixar de neste lugar manifestar o sentimento, que nos acompanha considerando, que sendo Mozambique huma das nossas primeiras colonias, e que occupando a substancia, de que se trata, hum taõ vasto espaço de terreno, nenhum dos nossos mineralogistas tenhaõ ate o presente publicado observaçoens sobre ella, e que fosse necessario, que hum sabio estrangeiro primeiramente descubrisse a sua natureza, e propriedades. Os annaes da nossa historia, os literatos, que ainda adornaõ a nossa naçaõ, evidentemente comprovaõ, que a natureza nao tem sido escassa na sua repartiçaõ de talentos para com a naçao Portugueza. He a falta de afouteza, e energia, que faz com que os nossos sabios encerrem nos seos gabinetes thezoiros, que deviaõ presentar ao mundo ; e que os impede de arrancar das maõs estrangeiras a palma, que frequentemente alcançariaõ, a gloria de que cubririaõ a nossa naçaõ, e o lugar illustre, que lhes compete na republica das lettras.—*Nota dos Redactores.*

CORRESPONDENCIA.

OBSERVAÇOENS

Dirigidas aos Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra, sobre a nossa Economia Politica, particularmente relativa á nossa Agricultura.

(*Continuadas da pag.* 646. *do No. XXXII.*)

A CIRCULAÇAÕ livre de todos os generos pelo interior foi hum grande beneficio, que o Soberano fez aos seos povos, e hum *muito maior*, que lhes annunciou para o *futuro*, quando essa circulaçaõ se poder realizar pelo vehiculo de estradas, rios, ou canaes; e quando se tiverem feito na legislaçaõ sobre a agricultura e commercio dos seos productos aquellas alteraçoens que requerem os interesses (somente em apparencia oppostos) do lavrador, do consumador, e do Soberano, que protege a ambos. E para descobrir quaes estas alteraçoens devem ser, desenvolvamos hum pouco mais as consequencias, que deve ter produzido o sistema que seguimos com taõ pasmoza constancia.

§.

Se Portugal fosse hum paiz absolutamente improprio para a lavoura como a Hollanda, ou hum Estado que se encerra na capital, como Hamburgo e Genova, certo que nenhum methodo poderia ter adoptado mais proprio para diminuir a despeza inevitavel do seo sustento do que abrir em seos portos do mar e seccos hum *mercado franco em todos os annos*, e tempos do anno para toda a qualidade de graõ, farinha, e legumes de fora, *livres de toda* e qualquer imposiçaõ na *entrada*: mas como o nosso Reino, por pequeno que seja a proporçaõ dos nossos dezejos, sempre he huma superficie de perto de tres mil legoas quadradas, e contem huma povoaçaõ de tres milhoens de almas, naõ tinhaõ os moradores de Lisboa e do Porto direito de pertender que ao seo apparente commodo se sacrificasse o *Reino todo*, o qual apezar dos seos areaes e montes estereis, comprehende campos muito ferteis,

e infinitos valles amenos, que fecundaõ essas mesmas serras pedregozas com os abundantes mananciaes de agoa que sobre elles derramaõ.

§.

A consequencia immediata é a mais funesta do sistema que se tem seguido he, que o lavrador Portuguez nunca he Senhor de por ao seo genero hum *preço* que cubra as despezas da cultura, os tributos que paga, e o carreto athe o lugar da venda, e lhe deixe hum *lucro certo:* preço, que seria modificado ou regulado como o deve ser o de todos os generos pela qualidade, abundancia, e consumo. Nem a superior fertilidade de algumas terras impediria a lavoura das mais fracas: toda a differença seria a maior riqueza dos proprietarios das primeiras; e andando todas arrendadas, e pagando maior renda a proporçaõ da superficie o rendeiro da mais fertil, viria a ser igual o lucro dos rendeiros de humas e outras, quer dizer, o lucro dos lavradores effectivos.

§.

Naõ pode succeder assim entre nos. A certeza do *mercado sempre aberto e sempre* livre de todas as imposiçoens, attrahe para Portugal o graõ e legumes de todo o paiz do mundo, aonde naquelle anno a colheita foi abundante. (Fallo particularmente dos portos do mar; separadamente tratarei do que entra de Hespanha.) Hé logo o preço do graõ e legumes nos nossos portos do mar o mais barato que hé possivel combinar-se com a despeza do *frete, seguro, gastos e lucro* do commissario de trigos. A este preço he força que o lavrador Portuguez sugeite o seo, porque tem sempre certa a concurrencia delle, seja o anno bom, seja máo, seja qual for o pezo dos tributos e o da conducçaõ, que deve pagar pelo seo genero.

§.

A experiencia prova, que o graõ de fora se vende geralmente em Lisboa por menor preço que o da terra: e ainda que as vezes a milhor qualidade deste seja a cauza da differença, a violencia feita á lavoura Portugueza he sempre a mesma, porque o consumador he assim tentado a comprar o mais barato, como se vio em todos os tempos pela mistura que de hum e outro se fazia em Lisboa. Só para semente he que os lavradores tem difficuldade de uzar do trigo de fora. Os do nosso Riba Tejo apenas consentiraõ em semear o de Sicilia em annos de grande necessidade; e este vende-se geralmente pelo preço do trigo da terra.

§.

Apezar da falta de calculos impressos sobre esta materia, e da difficuldade de comparar o preço do nosso trigo com o da America que entra ja reduzido á farinha, temos no facto ja citado hum argumento certo que o nosso milhor trigo he obrigado a vender-se pelo preço do trigo de Sicilia, que ja pagou *frete, seguro, gastos e lucro* do negociante; e devendo estes juntós andar de 10, a 20 por $\frac{0}{0}$ pelo menos, de outro tanto lucro he privado o lavrador Portuguez, e deprimida a lavoura Portugueza.

§.

Da parte de Hespanha o damno he menos intenso, porque a concurrencia he menor, mas he o mesmo em natureza. Naõ he como nos portos de mar, em que o trigo, e em geral o graõ e legumes de todo o universo vem desafiar o lavrador Portuguez: mas o trigo de Hespanha (dali naõ entra geralmente outro graõ) vende-se em Portugal pelo mesmo, ou menor preço que o da terra.....He dali taõbem menor o damno, porque as tres Provincias do Norte produzem, e consomem huma grande quantidade de milho e centeio. Mas naõ he facil o dizer porque o trigo de Hespanha seja mais barato em Portugal do que o nosso: naõ he de prezumir, que os nossos vezinhos tenhaõ a destreza que tem os Inglezes de *conceder premios a exportaçaõ*. O rigor na cobrança do Dizimo, e outras instituiçoens, que pezaõ sobre a agricultura, he de crer que existiaõ entre elles como entre nós, nem algumas modificaçoens, que os Ministros Campomanes e Florida Branca introduzissem a beneficio do lavrador Hespanhol saõ de assaz antiga data para ter produzido hum *facto que he muito antigo*. Outro tanto se pode dizer de quaesquer innovaçoens boas ou más, duraveis ou tranzitorias, que tenhaõ feito as *Côrtes verdadeiramente extraordinarias de Cadiz*. Naõ parece que proceda esta differença excluzivamente da superior fertilidade das terras de paõ dos Reinos de Castella, Leaõ, e Galliza, porque a differença se observa em territorios do nosso Reino fertilissimos e contiguos a Raia.—Deixando pois a soluçaõ desta duvida particular ao exame de pessoas que possuem conhecimentos locaes dos dous paizes, torno a pegar no fio do raciocinio geral.

§.

A fertilidade dos terrenos mede se ordinariamente pela proporçaõ entre a producçaõ e a semente:—mas o calculo do lavrador he muito mais complicado. A sua despeza de

cultura naõ se reduz simplesmente á lavoura ; compoem-se de todas aquellas a que o obriga a esperança de recolher, por exemplo : a de Vallas, Vallados, tapumes contra as cheias, e guardadores contra a caça das coutadas, compoem-se dos riscos, a que estes damnos o expoem, e que se devem avaliar com os riscos da navegaçaõ para o negociante. Compoem-se dos tributos geraes ou locaes, que tanto mais incommodos seraõ quanto recahirem mais igualmente sobre a terra, ou seja fertil ou seja fraca ; — como succede com a despeza do carreto. — Todas estas consideraçoens he o lavrador Portuguez obrigado a submetter á huma unica :—*o preço do trigo de fora*,—que he argumento sem replica.

§.

A 2. consequencia, e filha primogenita da primeira he : —que o lavrador Portuguez se ve obrigado a abandonar a lavoura do paõ em todas as terras fracas, ou em todas aquellas, cuja producçaõ e circunstancias particulares naõ o ajudaõ a cobrir todas as despezas referidas, e vender com lucro o seo genero. Daqui nasce a grande tentaçaõ de plantar vinhas, de que taõ estupidamente accuzamos nossos lavradores, em vez de agradecermos ao nosso clima naõ somente, como diz Arthur Young fallando da França, o favor que nos faz de permittir que façamos render areaes, e montes pedregozos ; mas o muito maior obsequio de subministrar aos nossos lavradores meios para se remediarem com as terras fracas, que a ignorancia e o egoismo dos moradores das cidades lhes impedem de cultivar em paõ.

§.

Se naõ fossem as vinhas e olivaes, todas as terras de mediocre fertilidade, e todos os espaços intermediarios entre as povoaçoens grandes seriaõ charnecas e baldios. As cidades e villas fariaõ no nosso Reino a figura que fazem nos mapas de Africa as nodoas Verdes, as Ilhas de Verdura, as taõ decantadas Oases do dezerto, que as Caravanas encontraõ depois de cançados dias, que atravessáraõ hum mar de areia. E a julgar por algumas descripçoens economicas, que se achaõ entre as Memorias da nossa Academia das Sciencias naõ estaõ muito longe desta comparaçaõ as Villas, e Termos ali descriptos.— Observa-se em todos elles a cultura limitada ao estricto necessario para o sustento da gente do Termo, posto que haja muita terra boa, e susceptivel de cultura. Ali nada

entra taõbem porque naõ há estradas; dali nada se exporta pela mesma razaõ, excepto a gente, que emigra para buscar fortuna.

§.

Mas para que o leitor naõ julgue que eu exagero, ou criticando aspiro ao merito da originalidade, ou á outro que naõ seja o de traduzir em lingoagem Portugueza verdades ja sabidas por outras naçoens, offereço-lhe aqui a traducçaõ de huma passagem de hum Auctor moderno, e de nome*, que vem muito a proposito, e na qual o auctor parece que fallou como inspirado á nosso respeito, se hé que naõ viajou por Portugal.

" Se com o fim de abaixar o preço do trabalho, (dos jornaes) animassemos a importaçaõ do trigo de fora, he provavel que agravariamos o damno dez vezes mais. A experiencia nos auctoriza a dizer, que abaixa no preço dos jornaes seria incerta, mas a ruina da lavoura infallivel. O lavrador Britanico naõ poderia nos annos de *colheita media* competir nos seos *proprios Mercados* com o lavrador estrangeiro. Cada dia hiriamos cahindo mais e mais na dependencia das outras naçoens para o nosso sustento. Terras lavradias de qualidade me dia naõ pagariaõ as despezas da cultura. Somente os torroens mais ferteis he que poderiaõ pagar renda.—Em derredor das nossas cidades e villas a apparencia seria a mesma; porem no interior do Reino metade das terras seria deitada á monte, e quasi geralmente, aonde ao menos fosse praticavel deixalas para pastos em vez de se lavrarem.

" *Que tremendamente precarios seriaõ o nosso commercio, as nossas Fabricas, e athe a nossa propria existencia*, em circunstancias taes? Naõ he muito dizer, que naõ tardaria hum seculo, antes que *a nossa actual Povoaçaõ* se fosse reduzindo aos estreitos limites dessa mesquinha cultura, e experimentasse a mesma melancolica catastrophe, que soffreo a antiga e florente povoaçaõ da Hespanha."

§.

Aqui naõ escapará por certo á todo o leitor instruido hum reflexaõ mui simples, e naõ pequeno motivo de admiraçaõ,—que a auctor citado receie tamanho damno, se a sua Patria adoptar *somente metade do sistema*, que nos

* Malthus's Essay on Population. 2 Edit. Liv. III. Cap. IX. pag. 445.

seguimos ha 700 annos, partindo do ponto em que a Graõ Bretanha se acha actualmente, que todos nos sabemos ou pelos livros, ou pela testemunho de milhares dos nossos compatriotas, que la tem estado, que he, o de possuir estradas commodissimas em todas as direcçoens; huma quasi igual navegaçaõ interna; e huma agricultura florescente, livre de quasi todos os vexames a que a nossa está sugeita.

§.

Que remedio tem o lavrador Portuguez senaõ abandonar a lavoura do paõ em todas as terras, que naõ saõ de huma fertilidade Egyptiaca, ou que naõ estaõ situadas perto de alguma povoaçaõ grande, aonde a certeza do consumo, e alto preço, a facilidade da conducçaõ, e a abundancia dos estrumes habilitaõ a cultivar com lucro qualquer terreno?

§.

Fóra do alcance daquellas vantagens, se o lavrador quizesse levar o seo graõ a hum Mercado grande, naõ tem estradas para la o levar; e se as tivesse, lá acharia o graõ estrangeiro, com que elle naõ poderia competer; porque sendo produzido em terras pobres, lhe sahe o seo mais caro.—Exemplos há neste Reino de milho vendido no celleiro a 120 reis, de preferencia á leva-lo dali cinco legoas a vender por hum cruzado, ou 400 reis, preço porque se vendia o milho de fora, que subia pelo Douro.

§.

Esta he pois, ao que me parece, e arremedando a lingoagem dos Mathematicos, huma Formula geral, capaz de rezolver todas as duvidas da nossa Administraçaõ interna.

—FORMULA GERAL—

—Se a Agricultura Portugueza vier algum dia a vencer a difficuldade, que por hora experimenta da falta de communicaçoens faceis, naõ vencerá nunca o garrote que lhe dá a importaçaõ, livre de todos os Direitos, de todos os mantimentos que vem de fora por mar ou por terra, seja o anno bom, ou seja máo.

Aplique-se a formula á todos os quezitos, asserçoens, hypotheses, ou projectos que se lêm nesses poucos escriptores, que entre nós se occupáraõ da economia do Reino, e achar-se ha, que todos se rezolvem por ella.

I. Quesito, ou Asserçaõ.—A povoaçaõ do reino hé diminuta, e falta o sustento para a que ha! . . .

I. Resposta.—*Assim he, foi, e será sempre*, em quanto o *lavrador Portuguez estiver certo* de se ver peado por huma ou por outra das pontas do dilema exposto na formula.

II. Quesito.—O reino contem tres milhoens d'almas, e naõ produz nos melhores annos paõ para mais do que 8 mezes. Logo hum milhaõ dos seos habitantes sustenta-se de paõ de fora.

II. R.—*Opiniaõ algum dia geral, e que prova a ignorancia geral.* Vms. ja demonstráraõ *o absurdo* desta opiniaõ no 1. vol. do seo Jornal. Os Francezes saõ reputados *a naçaõ*, que mais paõ consome; os *Inglezes* a que menos.—Os Inglezes *estimaõ* o consumo a 20 alqueires por anno e por cabeça de todo o sexo e idade. Os Francezes á 30 alqueires, ou meio moio. Segundo aproporçaõ Ingleza bastariaõ para sustentar este milhaõ.—Moios: 333,333$\frac{1}{3}$. Segundo a proporçaõ franceza seriaõ necessarios—Moios: 500,000.

Naõ será preciso folhear os registos das alfandegas para saber que, exceptuado o anno da invazaõ de Massena, e abandono das duas provincias, ja mais se importou nem huma nem outra quantidade de graõ de fora; pois em qualquer epocha, e qualquer preço, e qualquer proporçaõ que se fixe o calculo das tres espécies de trigo, milho, e centeio, ja mais teve o reino fundos com que pagar semelhante importaçaõ. A maior importaçaõ em que ouvi fallar antes do anno de 1803, foi de 8 milhoens de cruzados; que á razaõ de 40 mil reis o moio mixto das tres especies, seria o sustento de 200 á 240 mil pessoas. O facto he, que a falta de *estradas, e a concurrencia* dos mantimentos de fora reduzem *a povoaçaõ, e a subsistencia* de cada villa e termo ao maior *equilibrio*, que permite a fertilidade, ou a esterilidade das terras.

III. Q.—Algum dia era o reino mais povoado e produzia paõ de sobejo!

III. R.—Se houve alguma epocha da nossa historia em que os *mantimentos de fora* naõ entráraõ no reino *mais baratos* do que os da terra em annos de *colheita* regular, *pode ser;* mas quando foi essa epocha? Quando houveraõ estradas? Quando houve outro sistema?—Se já no Reinado do Sr. Rei D. Fernando, isto he, no seculo XIV. se faziaõ as mesmas queixas de falta de gente e de lavoura, e para remedia la se promulgou a celebre lei das Sesmarias! . . .

IV. Q.—Antes do Sr. D. Fernando, reinou o Sr. D. Dinis, que fundou huma infinidade de villas e castellos!

IV. R.—E que prova isso se naõ que o Sr. Rei D. Dinis *achou o reino despovoado;* e que este senhor foi hum *Grande Rei, e fez tudo quanto a Rei se deve!*

V. Q.—Pode-se provar, que em tempos antigos se exportava grande quantidade de trigo para o Mediterraneo!

V. R.—Aonde estaõ os mapas de importaçaõ e exportaçaõ desse tempo, se do *prezente os naõ ha?*

VI. Q.—A prohibiçaõ de exportar mantimentos, excepto para os lugares de Africa, que se lê nas ordenaçoens, prova que se exportava!

VI. R.—Assim como a prohibiçaõ de exportar pannos de lam e linho, prova que tinhamos grandes fabricas de lanificios, e de cambraias!—Aonde estaõ os mapas de importaçaõ e de exportaçaõ *desse tempo*, que me haõ convencer, que naõ se exportava para a Africa, &c. &c. em quantidade e em qualidade, tanto quanto se tinha importado de fora?

VII. Q.—O Reino he fertilissimo: O Termo da Villa de . . . . . e o da Villa de . . . . . deo ao Dizimo tantos moios! . . .

VII. R.—O Termo de . . . . e o Termo de . . . . naõ saõ o reino inteiro. Se este naõ tivesse muitas terras ferteis, que se remedeiaõ com a sua producçaõ sem *importar nem exportar*, ha muito tempo que o nosso sistema teria feito escuzados—arados, e charruas.

VIII. Q.—Os Lavradores do Alemtejo despedem os colonos, e poem as herdades de cavallaria, ou á monte, ou em pastagens. O Snr. Rey D. Joze fez muitas leis para reprimir estes abuzos.—

VIII. R.—Louvemos a *intençaõ* do legislador; mas *essas leis naõ destruiraõ* o dilema, em que está posto o *lavrador Portuguez.*

IX. Q.—A lei das Sesmarias naõ se executa . . . . Se as nossas leis antigas se observassem! . . .

IX. R.—Hé o maior dos males por certo naõ se observarem as leis, sejaõ antigas ou modernas. Mas leis como a das sesmarias se promulgáraõ em outros paizes, e taõbem nos seculos de ignorancia, e nunca se *executáraõ*.—Na historia de Inglaterra se lê, que Henrique VII, Henrique VIII, e a Rainha Izabel fizeraõ *leis semelhantes*, hum seculo e mais *depois* do Sr. D. Fernando, e com igual proveito.—A lei das sesmarias naõ investe com o dilema.—

X. Q.—Os nossos Reis antigos davaõ senhorios a quem chamava lavradores, e fundava povoaçoens.—D. Estevaõ de Faro! . . . .

X. R.—O Sr. Antonio Henriques se fosse vivo, acharia nesta memoria a razaõ por que naõ há mais D. Estevaõs de Faro, com maior facilidade do que no Decreto de Graciano ou no Digesto *.

XI. Q.—A despovoaçaõ do reino procede principalmente de falta de fabricas, e de officios mechanicos. Em França faz-se isto, diz D. R. de Macedo—Em outros reinos faz-se estoutro, diz Severim M. de Faria.

XI. R.—Todas as terras deste reino, aonde consta que houveraõ fabricas de alguma importancia, saõ aquellas aonde se estabeleceraõ os Judeos, que entráraõ de Castella com grossos cabedaes!—Para que os lançaraõ fora, ou perseguiraõ os que ficáraõ? Quem quer os *fins*, deve querer os *meios*. Porque os naõ toleráraõ como a corte de Roma os tolerava, e aconcelhava que se tolerassem? . . . . A corte de Roma queria, El Rei queria; quem he que naõ quiz? . . . He couza singular que a Naçaõ Portugueza queira tudo o que tem as outras, fazendo sempre o avesso do que ellas fazem! . . . .

A segunda reposta he:—porque razaõ havia de sahir bem para as Fabricas o mesmo sistema que deo o garrote á agricultura? Quero dizer:—a prohibiçaõ de exportar todas as producçoens da industria, e o maior favor a entrada de todas as manufacturas, navios, e negociantes estrangeiros; isto he,—desde o tempo do Sr. Rei D. Fernando?

Bastará de exemplos.—Façamos agora de conta que alguem opponha a esta doutrina objecçoens e reparos, que se naõ achaõ em D. R. de Macedo, nem M. Severim de Faria, nem outros escriptores deste lote, e que diga:—

" Eu admito que hum sistema, como este de que V. demonstra evidentemente o erro seguido (ao que parece) desde o principio da monarquia, (e nunca alterado senaõ para peior) ajudado pela falta de comunicaçoens faceis e esterilidade de muitos terrenos, baste para dar razaõ da constante falta de gente e de lavoura em todos os tempos, e torne pelo menos riziveis todas as discussoens historicas para o fim de provar o contrario. Entendo, que athe o meio do Seculo XVI. era a ignorancia dos verdadeiros principios de economia dos estados modernos taõ geral na Europa, que os nossos gloriosissimos monarchas naõ perceberaõ athe entaõ o erro. Da quella epocha por diante ou fosse a culpa dos Jezuitas, como quer o Marquez de Pombal, ou fosse da inquisiçaõ, como querem outros, naõ se dissipáraõ as trevas, e dahi nasceo pedirem os povos cousas absurdas; e as circun-

* Vejaõ-se as Memorias Econ. d'Acad. R. das Sciencias de Lisboa, Tom. I. pag. 41.

stancias obrigarem os soberanos a concede-las, como V. mostrou no cazo do Sr. Rei D. Joaõ IV.—Mas agora que o mal esta feito, e consolidado com a funesta pratica de 700 annos; agora que as duas provincias centraes estaõ devastadas pela invazaõ, e despovoadas pela transmigraçaõ dos seos habitantes, morte, epidemia, e enfermidades de tantos, que a reproducçaõ será pouca e muito vagaroza; quem pode pensar em consentir na exportaçaõ de mantimentos que naõ sobejaõ, ou carregar de direitos os que vem de fora, para augmentar a miseria da gente pobre, e altear ainda mais o preço dos jornaes, que a falta de braços ja faz excessivo?——"

A isto respondo em 1. lugar com huma observaçaõ geral.—Se no longo decurso dos nossos triumfos de Africa e da Asia naõ pudemos perceber que hum cancro nos roia o coraçaõ; se a venda exclusiva por longo tempo dos generos coloniaes, e o oiro e diamantes do Brazil nunca servirão para milhorar o estado interno deste reino; demonstrado está:—que a prosperidade que nasce da cauzas externas naõ nos convem, e que a longa paz nos faz apodrecer.

Duas vezes nos temos deixado aniquilar como crianças—Duas vezes temos resurgido do nada com gloria.—Fiquemos desta vez acordados, e experimentemos a differença.

A licença de exportar hum superfluo, que naõ existe, naõ pode ser mais ridicula do que a prohibiçaõ constante de o deixar sahir, combinada com admissaõ livre de direitos de todos os mantimentos, que vem de fora. Estes haõ de sempre acudir á precizaõ, que o reino tem delles; e a penas algum districto fertil da Raia, que por falta de estradas naõ podesse transportar o seo superfluo para dentro do reino, estaria no caso de exportar; e para que se hade impedir esse lucro aos lavradores? Os Termos que necessitarem, o importaraõ. Isto he pelo que respeita á fronteira de terra. Pelo mar a melhor couza, que pode fazer o governo, he deixar o commercio absolutamente livre de trazer e levar o que lhe parecer. Saõ bem poucas as excepçoens desta regra geral.

Quanto á segunda parte do sistema, e do argumento, respondo que se o governo pensar jamais em derivar lucro ou rendimentos de tributos, que puzer sobre os mantimentos de fora, melhor he que deixe as coizas como estaõ, do que emendar hum erro com outro. O tributo naõ deve ter outro objecto, senaõ o de equilibrar o preço de mantimentos de fora aos da terra de sorte, que o lavrador ache proveito em cultivar terras fracas, e naõ seja obrigado a desempara-las: e se a carestia dos nossos generos procede de tributos

locaes, de vexaçoens de coutadas, de falta de estradas, &c. &c. claro está, que nenhum tributo sobre os mantimentos de fora sera bastante, para que as terras fracas se possaõ cultivar com proveito. Para acalmar o susto de huma grande novidade, o governo pode principiar revogando a ordenaçaõ geral, mas reservando-se o direito de prohibir a exportaçaõ em annos calamitosos. O beneficio essencial consiste em que o lavrador se persuada, que ha huma mudança absoluta nos principios, que dantes se seguiaõ, que pode por consequencia esperar modificaçaõ em todos elles. Quanto a altear o preço dos trabalhadores, e falta de braços, he bem facil a resposta—mudar de principios.—Queixaõ-se da falta de braços!—O mesmo reino, que mantem ao menos vinte mil Frades, e Freiras, hum excessivo numero de clerigos sem cura d'almas, e que deixa emigrar 30 a 40 mil homens de Mar, he huma contradicçaõ, da qual diria o velho Horacio que naõ haveria em Roma Nobre ou Peaõ, que a ouvisse, e naõ desse huma rizada.

A leitura desta memoria deve atequi ter produzido no animo do leitor a convicçaõ, que o sistema errado que se seguio, procedia da ignorancia dos povos. Agora devo acrescentar que procedeo tambem da falsa sciencia de alguns individuos, ou classe de individuos. O nosso reino teve a desgraça de começar a sua gloriosa carreira exactamente pelo tempo, em que na cidade de Amalphi em Italia se descobrio hum exemplar das Pandectas, ou digesto de Triboniano. A ignorancia geral era taõ grande naquelles seculos e tal a barbaridade, e estupidez das leys Gothicas e Saxonicas, que regiaõ por toda a parte debaixo do nome de Direito Feudal, que as leys mais racionaveis dos Romanos se estudaraõ, e adoptaraõ com huma grande sofreguidaõ, e os monarcas favoreceraõ este gosto, por que as leys Romanas combatiaõ a anarchia, e prepotencia dos feudatarios, e davaõ a authoridade Real meios de introduzir melhor ordem no estado. Por toda a parte se fundaraõ universidades, e o Direito Romano foi a sciencia mais da moda. Juntaraõ-lhe os Papas o Direito Canonico; e os Doutores em Leys, e Canones ficaraõ sendo reputados por longo tempo os unicos homens doutos, e os unicos depositarios da sciencia humana; taes como os sacerdotes no Egypto.—Em Reino algum tam longamente como em Portugal gozaraõ os Juristas e Canonistas desta exclusiva reputaçaõ; e os nossos Dezembargadores, que daquellas duas massas se formaõ, longo tempo foraõ o Oraculo da Naçaõ, e ate hoje tem sido os autores de toda a nossa legislaçaõ. Elles viraõ na Historia e Legislaçaõ Romana hum cuidado extremo em fazer o paõ barato na capital, ao ponto de se fazerem ate distribuiçoens gratuitas á Plebe. Naõ reparáraõ, que a nossa monarquia em

coiza alguma se parecia com a Republica de Roma, ou com o imperio Romano degenerado. Os Canonistas particularmente repararaõ, que a Curia Romana herdou dos Imperadores a praxe de mandar vir graõ de fora, senaõ para distribui-lo gratuitamente, ao menos para vender com perda ao povo, e fazer o paõ barato em Roma; mas naõ repararaõ, que huma Monarchia Agricola e Militar naõ se póde regular pelos principios de hum Governo Theocratico.

He pois aos D. D. em Leys e Canones que se deve a primeira parte do sistema, isto he, a prohibiçaõ geral, que se lé nas ordenaçoens; e ao seo conselho as successivas *alteraçoens*, que os Povos pediraõ nos Direitos sobre os mantimentos de fora.

Mas como o objecto desta Memoria naõ he positivamente o de enumerar todos os males, que produzio na Europa a reputaçaõ longamente usurpada de exclusiva sciencia dos Legistas e Canonistas, apontarei somente aquelles, que pezáraõ mais directamente sobre a agricultura, e economia interna de Portugal. Hum dos maiores foi o erro de conceder a izençaõ dos encargos municipaes a quaze todos os homens, que tem de seo de sorte, que naõ ficou quem contribuisse para as despezas dos Conselhos, senaõ a classe dos mais pobres Proprietarios,—os Jornaleiros e Artistas,—isto he, exactamente aquellas pessoas, que senaõ fosse por compaixaõ, pelos bons principios de Politica deviaõ ser izentos de toda a impoziçaõ directa. Huma finta sobre estes miseraveis naõ pode ser senaõ miseravel, ou hum vexame que os obrigue a emigrar. A consequencia he, que se naõ lança, e se o Conselho naõ tem rendimento proprio, obra publica naõ se faz. Esta he a cauza mais natural para naõ haver estradas, nem pontes, do que o receio de facilitar a entrada do Reino aos inimigos, pretexto *hypocritamente* inventado, e posto adiante para encobrir a verdadeira *mazella*, que he o egoismo, e estupidez dos ricos proprietarios, que naõ percebem que em seo beneficio he que se tornariaõ essas despezas, para que elles naõ querem concorrer; pretexto, que se tornou cada vez mais absurdo, quando se foi mais combinando com o total descuido da arte militar, e com a aniquilaçaõ do exercito, que he so quem poderia fazer impenetraveis ao inimigo essas mas estradas, esses desfiladeiros, esses rios, como bem diz, e justamente se lastima o Conde de Lippe na relaçaõ da campanha de 1762, que Vmces. imprimiraõ. Analogo ao precedente e naõ menor erro foi a quazi aboliçaõ entre nós de huma das boas instituiçoens, que resultou em toda a Europa da mistura successiva da Legislaçaõ dos povos barbaros, direito feudal, e direito Romano, que era a pratica constante que os juizes

inferiores nas provincias fossem locaes, temporarios, e gratuitos, isto he, pessoas da terra abastadas, que naõ precizaõ de excitar demandas e querelas para viver, e que a pezar da propensaõ natural do homem para abuzar do poder, tem o receio saudavel da pena de Taliaõ, quando tornarem a ser simples particulares. A estes que nós chamamos juizes ordinarios substituiraõ os Dezembargadores, e substituem ainda hoje cada vez que podem persuadir o Governo, Juizes de Fora, isto he, rapazes, que sahem de Coimbra no primeiro calor da mocidade, alguns delles de nenhuma familia, e que naõ tem nada de seo, com hum *ordenado fixo de cem mil reis por anno.* O pretexto foi a ignorancia dos juizes ordinarios, e a necessidade de cohibir os Regulos, e facinorosos das provincias. Estes ficaraõ como dantes; por que a sua existencia depende somente da falta de processo prompto, e castigo certo, na qual naõ podem ter culpa nem os juizes ordinarios, nem os de fora. Quanto á superior sciencia dos Bachareis ate o anno de 1772 todos sabem á que ella se reduzia. Depois da reforma, que fez o Marquez de Pombal, o mais que se pode dizer he, que o Bacharel, que melhor desempenhou as suas obrigaçoens, sahirá da universidade sabendo assaz direito Romano ou canonico, mas com muito pouco conhecimento do foro, pois que até os lentes se accusaõ muitas vezes com a ignorancia do que nelle se pratica, naõ obstante que as vezes ali recebem a Beca, e fazem lugares de relaçaõ. Porem naõ he a maior ou menor aptidaõ dos juizes; nem a accumulaçaõ de poderes na mesma pessoa, o ponto que eu tenho aqui em vista. He a entrada do Juiz de fora na camera munido da autoridade Real directamente; e assumindo p. ex. á si toda a da camera, que governa como quer, reduzindo os vereadores, e Almotaceis á meros automatas, donde procede, que todas as pessoas *notaveis* das provincias fogem quanto podem de exercer estes lugares, e só pensaõ nos meios de se subtrahir á dependencia dos Juizes de fora, e corregedores. As cameras cahiraõ em huma grande insignificancia, o seo voto, he o voto dos Juizes de fora; e este que por si so seria hum grande mal, unindo-se á izençaõ dos encargos municipaes, de que fallei precedentemente, consolidou o egoismo, e apathia dos ricos, e da mais que sufficiente razaõ do estado deploravel do regime municipal em todo o reino. Haverá sem duvida honrozas excepçoens, mas aquem viajou pelo nosso reino, e o compara com os estrangeiros, he por certo licito Julgar dos juizes de fora pelos seos effeitos, seguindo o preceito do evangelio.—Ex fructibus eorum cognoscetis eos.—Estes e outros pessimos Conselhos saõ o fructo da reputaçaõ longamente uzurpada de

exclusiva sciencia nos legistas e canonistas. Mas eu limito-me aos que mais directamente pezaõ sobre a agricultura, e omitto os outros. Com tudo he precizo confessar, que se os Dezembargadores (em que se transformaõ os legistas e canonistas) erraraõ tam gravemente nos Conselhos, que deraõ para a economia do reino, naõ erraraõ igualmente para a sua, introduzindo nas nossas leis huma excepçaõ, ou privilegio, de que naõ se acha *exemplo* ou apologia em legislaçaõ alguma, que se conserva ate o dia de hoje; e do nome dos seos autores se chama privilegio ou privilegios de Dezembargadores, que consiste naõ somente na izençaõ de pagar jugadas, e outros tributos locaes, mas em muitos favores ás suas fazendas, e cazeiros, que as cultivaõ: e naõ podem os Dezembargadores excusar este uso que fizeraõ da sua influencia na compoziçaõ das Leys com o parallelo dos privilegios feudaes antigamente concedidos á nobreza; por que estes ao menos reputaõ-se a equivalente paga do serviço pessoal, que se devia ao soberano, ou ao Senhor da Terra; mas o Dezembargador he hum empregado publico, senaõ bem pago, indemnizado como os mais pela remuneraçaõ de serviços, que requer como elles. E naõ havia razaõ para que as suas fazendas, e seos cazeiros naõ fossem tratados como os mais vassallos, ou se lhes dessem prerogativas taõ especiaes; e que á maneira do *jus trium liberorum*, ou privilegio que os Imperadores Romanos concederaõ a quem tivesse tres filhos varoens vivos, o qual depois que a Corte Imperial foi degenerando se concedeo por especial mercê a quem nem se quer cazado era, se fosse tambem entre nós concedendo o privilegio de Dezembargadores aquem nem Bacharel era de sorte, que talvez o unico remedio agora será o de dar os privilegios de Dezembargador á toda a naçaõ. Se a classe dos Dezembargadores fosse entre nós huma casta como na India applicada de pays á filhos e netos á mesma profissaõ, seguir-se-hia que as terras desta casta poderiaõ ser cultivadas com proveito, ainda que fossem menos ferteis, por isso que estaõ izentas de pagar o $\frac{1}{5}$ da producçaõ, e saõ aliviadas de muitos outros incommodos: mas naõ havendo entre nós este regime Indiano segue-se, que terras cultivadas na vida do Dezembargador A. poderaõ muito bem ser deitados á monte debaixo do seo filho B. Podia por ventura inventar se hum regulamento mais nocivo, e mais contrario á todos os principios de economia publica Que merito, que serviços fez esta corporaçaõ nos tempos antigos e nos modernos para merecer huma distincçaõ, que confunde todas as ideas? Pois a izençaõ do tributo ou devia ser concedida á todas, ou de preferencia ás terras fracas. Eia pois—dirá alguem, se da classe aonde se presumia maior

sciencia de Governo he que sahiraõ os maiores erros, qual he aquella aonde se devem buscar homens capazes? Os ecclesiasticos tudo puxaõ para a igreja, os negociantes para os monopolios, os nobres para o favor da Corte. A resposta he bem simples—A idea de buscar os homens capazes em huma so classe, he idea Indiana, naõ he Europea, e por tanto deve-se regeitar como absurda. Individuos he que se devem buscar, e o modo de os descubrir adiante se dirá. Agora aperta a soluçaõ de huma pergunta naõ menos importante. Se os nossos politicos julgaraõ necessario prohibir a exportaçaõ de toda a producçaõ *Cereal*, isto he, de toda a qualidade de graõ, e legumes, assim como a exportaçaõ de toda a manufactura nacional, com que generos, ou com que fundos faziaõ elles conta de pagar as grandes importaçoens de mantimentos de fora, e de todas as fazendas estrangeiras, que elles admittiaõ livremente?

(*Continuar-se-ha.*)

POLITICA.

ESTADOS UNIDOS D'AMERICA.

Washington, 7 de Dezembro de 1813.

Hoje ao meio dia o Prezidente dos Estados Unidos transmittio a seguinte Mensagem ás duas Cazas do Congresso, por Mr. Coles, seo Secretario Privado.

MEMBROS DO SENADO E DA CAZA DOS REPRESENTANTES.

Nesta interessante sessaõ oxalá, que vos podesse informar, que a missaõ dirigida a fim de se restaurar a paz tinha sido productiva de huma favoravel resulta. Esta esperança com razaõ nos lizongeavamos ver realizada considerando o respeito devido ao illustre Soberano, que se offereceo como medianeiro, considerando a promptidaõ, com que os Estados Unidos annuiraõ á esta intervençaõ, e considerando o penhor (que se pode achar em hum acto da sua legislaçaõ) da liberalidade com que os seos Plenipotenciarios estavaõ encarregados de haver-se nas negociaçoens, a fim de que o Governo Britannico sem perda de tempo aproveitasse a opportunidade de pôr termo á effusaõ de sangue. Que o Governo Americano naõ hesitaria em aceitar a mediaçaõ era tanto menos problematico, quanto a potencia mediadora se naõ incumbia de decidir sobre direitos e pretensoens das partes adversarias, mas somente dezejava offerecer huma boa, e honroza opportunidade, a fim das ditas partes discutirem entre si as causas das suas desavenças, e se possivel, limita-las amigavelmente. O Governo Britannico, ou persuadido que o terror das suas armas nos obrigava a dezejar a paz, ou illudido por outras ideas erroneas, tem frustrado esta justa expectaçaõ. Ainda que os nossos Enviados naõ nos tem ainda participado informaçaõ alguma respectiva á esta materia, com tudo he assaz notorio que a mediaçaõ foi immediatamente rejeitada; e naõ

obstante o intervallo que tem havido, o Governo Britannico continua inalteravel na sua resoluçaõ, e provavelmente continuará. — Em taes circunstancias huma naçaõ, firme em manter os seos direitos, e sciente da força que pode desenvolver, tem so huma escolha a fazer—apoiar com as armas a honra do seo paiz.

O successo, com que o Altissimo se tem dignado felicitar os nossos combates tanto por mar como por terra, nos anima a proseguir nesta contenda. Em quanto os nossos corsarios publicos e particulares continuaõ a dar no Oceano provas de valor e sagacidade, e se tem ganhado hum novo trofeo na tomadia de hum navio de guerra Britannico por outro Americano depois de huma acçaõ que cobrio de loiros o seo victorioso commandante; mesmo os grandes rios, onde tambem se achava o inimigo, tem sido hum theatro de gloria para as nossas armas navaes, as quaes tem obtido successos taõ brilhantes na sua natureza, como relevantes nas suas consequencias.

No Lago Erie, a esquadra debaixo do commando do Capitaõ Perry tendo encontrado a esquadra Britannica de força superior, seguio-se hum combate porfiado, o qual terminou com a tomadia de toda a esquadra inimiga. A bella conducta daquelle official, e a bizarria, com que se portaraõ os seos camaradas, saõ dignas do applauso, e gratidaõ da sua patria, e seraõ cedo commemoradas nos seos annaes militares a par de huma victoria. que se tem sido sobre pujada em grandeza, nunca o foi em esplendor.

No Lago Ontario a cautela do commandante Britannico favorecida por contingencias, frustrou os esforços, que fez o Commandante Americano para obrigar o inimigo á huma acçaõ decisiva. Com tudo o Capitaõ Chauncy pode obter alguma vantagem neste importante lûgar; e mostrar, pela maneira com que effeituou tudo quanto era possivel, que só faltavaõ opportunidades para hum mais brilhante desenvolvimento dos seos talentos, e do valor dos seos camaradas.— Em virtude do successo no Lago Erie ter aberto huma passagem para o territorio do inimigo, o official commandante do exercito do Norueste transferio a guerra para ahi, e perseguindo rapidamente as tropas inimigas, que fugiaõ com os seos salvagens companheiros, as forçou á huma acçaõ geral, cujo rezultado foi a tomada das forças Britannicas, e o destroço dos salvagens. Neste combate cobriraõ-se de gloria o Major General Harrison, cujos talentos militares cooperaraõ principalmente para o seo feliz successo; o Coronel Johnson e a sua cavallaria voluntaria, cujo attaque impetuoso desbaratou de todo as fileiras do inimigo; a milicia voluntaria, que se houve com grande valor e patriotismo; e principal-

mente o seo commandante o primeiro magistrado de Kentucky, o qual estimulado pelo heroismo, que tanto se assignalou na guerra que estabeleceo a independencia do seo paiz, mesmo em huma idade avançada procurou ter parte nos trabalhos, e combates, a fim de manter os direitos e a segurança da sua patria. A rezulta destes successos tem sido o livrar os habitantes de Michigan das suas oppressoens agravadas pelas grandes infracçoens da capitulaçaõ, que os sujeitou ao inimigo; alienar os salvagens de muitas tribus do poder do inimigo, pelo qual foraõ illudidos, e abandonados; e alliviar huma vasta porçaõ de territorio de huma guerra cruel, que dessolou as suas fronteiras, e tantos males occasionou aos seos habitantes. Em consequencia da nossa superioridade naval no Lago Ontario, e da opportunidade que ella nos offerecia para reconcentrar as nossas forças navaes; operaçoens, que se tinhaõ previamente deliniado, foraõ entaõ principiadas contra as possessoens do inimigo em S. Lourenço. Tal porem foi a demora produzida pelo maõ tempo de huma duraçaõ, e violencia extraordinaria, e taes foraõ as circunstancias, que acompanharaõ os ultimos movimentos do exercito de sorte, que o prospecto no principio taõ favoravel, naõ pode ser realizado. A crueldade do inimigo, em alistar salvagens para huma guerra, que faz contra huma naçaõ dezejoza de huma mutua emulaçaõ em mitigar as suas calamidades, naõ tem sido confinada á hum so lugar. Em qualquer parte que elles se podiaõ armar contra nos naõ se tem poupado meios para os revoltar. Nas nossas arraias do Suduest, as tribus Creek, que cedendo aos nossos constantes esforços, hiaõ gradualmente adquirindo habitos mais civilizados, tem sido igualmente victimas da seducçaõ. A consequencia tem sido huma guerra enfurecida por hum cruel fanatismo ha pouco propagado entre elles. Era necessario pôr termo á esta guerra antes de ella estender-se ás tribus contiguas, e antes do inimigo valer-se della para executar os seos projectos neste districto. Para este fim os Estados Unidos convocaraõ para o seo serviço tropas dos Estados da Georgia e Tennessee, as quaes unidas ás tropas regulares mais viziuhas, e á outros corpos do territorio Missisissipi, podessem forçar os salvagens a fazer paz, e castiga-los de huma maneira exemplar. O progresso da expediçaõ ate o prezente corresponde ao zelo heroico, com que ella foi emprehendida; e podemo-nos lizonjear que o seo exito será favoravel ja pelo successo que tem obtido a milicia voluntaria de Tennessee debaixo do commando do habil General Coffee contra huma porçaõ de salvagens; e ja por huma victoria ainda mais importante sobre hum maior numero delles, ganhada pelas forças commandadas pelo Major General Jackson, official taõ

illustre pelo seo patriotismo, como pelos seos talentos militares. O sistema em que o inimigo persevera, de procurar em toda a parte o auxilio dos salvagens, tem occasionado o triste effeito de inflammar a natural propensaõ, que elles tem para a guerra ; e mesmo os mais affeiçoados aos Estados Unidos, se tornariaõ hostis contra nós, se naõ fossem convocados para o nosso serviço. Assim temo-nos visto obrigados a aceitar o auxilio, que elles taõ urgentemente nos tem offerecido. Porem esta revendita impulsiva naõ tem sido levada ao auge e crueldade do inimigo, o qual deve as vantagens que ás vezes tem obtido á multidaõ de salvagens que o auxiliaõ, e o qual naõ tem obstado ao usual procedimento destes brutos de mancharem-se com o sangue de habitantes indefensos ; e á carnagem sem parallelo, que se tem feito nos prisioneiros Americanos protegidos pelas sagradas leis da humanidade, e de huma guerra honroza. O inimigo está responsavel por estes crimes enormes, ou ja por naõ os impedir podendo faze-lo, ou ja por aproveitar-se de taes instrumentos, naõ obstante o estar convencido da sua insufficiencia.

Por outro lado o inimigo esta proseguindo em hum plano, que ameaça as mais tristes consequencias á humanidade. Huma lei fundamental da Gram-Bretanha naturaliza, como he bem sabido, todos os estrangeiros, que se conformaõ com condiçoens limitadas á hum periodo mais curto, do que aquellas requeridas pelos Estados Unidos ; e durante a guerra o Governo Britannico alista debaixo das suas bandeiras os individuos naturalizados. Em huma provincia Britannica contigua, regulaçoens promulgadas depois de principiar a guerra, obrigaõ os cidadaõs emigrantes dos Estados Unidos, que ali estaõ debaixo de certas circunstancias, a pegar em armas ; donde muitos emigrantes o tem actualmente feito ; e alguns delles tem sido aprisionados pelas nossas tropas. Ora o Commandante Britannico naquella provincia com a permissaõ segundo consta, do seo Governo, tem segregado dos prisioneiros de guerra Americanos, e mandado para a Gram Bretanha, a fim de serem sentenciados como criminosos, muitos individuos, que tinhaõ emigrado dos dominios Britannicos muito antes da guerra principiar entre as duas naçoens, que se tinhaõ incorporado no nosso governo segundo as formalidades estabelecidas pela lei e a pratica da Gram Bretanha, e que pelejando por manter os direitos e segurança de sua patria adoptada foraõ aprisionados pelo inimigo. A protecçaõ devida á estes cidadaõs exigindo huma efficaz interposiçaõ em seo favor, o Governo Americano ordenou, que hum igual numero de prisioneiros de guerra Britannicos fossem prezos, notificando ao mesmo tempo, que

estes soffreraõ toda e qualquer violencia, que se commettesse contra os prisioneiros Americanos. Esperavamos que em consequencia desta resoluçaõ o Governo Britannico reflecteria sobre o seo imprudente procedimento, e que condoendo-se pelo menos dos prisioneiros Britannicos poria termo á á medidas tam crueis. As nossas expectaçoens foraõ infelizmente frustradas. O inimigo violando as leis da humanidade ordenou fossem prezos muitos dos nossos officiaes superiores, e inferiores (cujo numero duplica o dos soldados Britannicos prezos pelo Governo Americano,) avizando ao mesmo tempo, que estes officiaes seriaõ sentenciados á morte, se o Governo Americano se revendicasse da morte, que soffressem os prisioneiros de guerra enviados para a Gram Bretanha. O inimigo tambem notificou, que os commandantes das esquadras e exercitos Britannicos tinhaõ recebido ordens para que, no caso que o Governo Americano naõ desistisse de tal determinaçaõ, procedessem com o maior rigor contra as nossas villas, e habitantes. A fim de convencer o inimigo, que nos estavamos determinados em hum despique necessario ordenámos, que se prendesse hum numero igual de officiaes Britannicos prisioneiros de guerra, com o intento de executar nelles o mesmo, que soffressem os nossos officiaes prisioneiros; e o Governo Britannico tem sido informado da nossa resoluçaõ de retribuir todo e qualquer injusto procedimento contrario ás leis da guerra. He huma circunstancia feliz para o nosso Governo o ter podido oppor-se ao inimigo nesta lamentavel contenda; na qual naõ entraria a naõ ser urgentemente forçado, e a naõ ser movido pelo louvavel dezejo de obrigar o inimigo a naõ infringir as formalidades da guerra.

Os nossos negocios com a França naõ tem recebido explanaçaõ alguma desde a vossa ultima sessaõ. O Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos por falta de opportunidades naõ tem podido decidir o objecto da sua missaõ.— Devendo-se sempre considerar a milicia como huma grande barreira de defeza, e segurança de estados livres, e tendo a constituiçaõ sabiamente commettido á authoridade nacional o uso desta força, como o melhor prezervativo contra hum estabelecimento militar perigozo, e tambem como hum recurso particularmente adaptado á hum paiz taõ extenso e exposto como os Estados Unidos; eu recommendo ao Congresso huma revisaõ das leis concernentes a milicia, a fim de que desta se derivem as vantagens de que he susceptivel. —Taobem será digno da consideraçaõ do Congresso o examinar, se entre outros melhoramentos das leis respectivas á milicia, a justiça naõ exige hum regulamento (debaixo de certas precauçoens) para que se paguem as despezas occa-

sionadas pelo primeiro ajuntamento, e os subsequentes movimentos das forças empregadas no serviço nacional. Para que os nossos navios da guerra publicos e particulares tenhaõ nos seos corsos todas as vantagens necessarias, he muito essencial, que elles tivessem para si e suas prezas o uso dos portos das naçoens, que estaõ em concordia com os Estados Unidos. Por este motivo eu recommendo ao Congresso, que expeditamente se tomem as medidas necessarias, a fim de que as Potencias, que estaõ em guerra com os inimigos dos Estados Unidos, possaõ servir-se dos portos e mercados Americanos com privilegios equivalentes áquelles, que as ditas Potencias concederem aos corsarios Americanos.

No anno, que finalizou a 30 de Septembro passado receberaõ-se no Thesoiro mais de trinta e septe milhoens e meio de dollars, dos quaes vinte e quatro foraõ emprestados. Depois de pagos os dispendios feitos a bem do estado, ficaraõ no thesoiro perto de sette milhoens de dollars. Em consequencia da authoridade contida no decreto de 2 de Agosto passado, para se tomar de emprestimo a quantia de sette milhoens e meio de dollars, esta soma foi obtida em condiçoens mais vantajosas, doque a que se tinha emprestado no anno precedente. Necessitaõ-se neste anno de quantias avultadas; e a augmentada riqueza do nosso paiz juntamente com a fidelidade, com que se tem comprido as promessas do governo, e mantido o credito publico, nos authorizaõ a esperar, que naõ haverá fallencia em subsidios pecuniarios. Os dispendios do prezente anno, em virtude das numerosas operaçoens, que tem occorrido, tem por conseguinte sido avultados. Porem comparando-se estas com as vantagens obtidas achar-se ha, que ellas se equilibraõ. He verdade, que a campanha tem sido para o fim em hum districto menos favoravel, do que se esperava; com tudo em addiçaõ á importancia do nosso successo naval; as armas Americanas tem-se coberto de gloria em varias occasioens. Os assaltos do inimigo em *Craney Island*, em *Fort Meigs*, em *Sackett's Harbour*, e em *Sandusky*, tem sido vigorosa, e efficazmente repulsados; os seos esforços tem sido igualmente infructuosos em ambas as fronteiras excepto quando elle tem attacado as habitaçoens de individuos innocentes, ou aldeas indefensas. Pelo contrario os movimentos do exercito Americano tem occasionado a reduçcaõ de York, e dos Fortes George, Erie e Malden; a recuperaçaõ de Detroit, e a extincçaõ da guerra Indiana no occidente: e a posse ou commando de huma grande porçaõ do Alto Canada. Temos combatido com o inimigo nas margens do rio S. Lau-

renço, e ainda que destas batalhas naõ tem resultado consequencias decisivas, ellas com tudo tem dado opportunidade aos nossos soldados de desensolverem o seo valor e disciplina—os melhores presagios do feliz exito da nossa contenda. Tem taobem sido de grande momento os nossos ultimos successos no sul contra huma das mais poderosas e que se tinha tornado huma das mais hostis das tribus Indianas. Seria improprio o terminar esta mensagem sem render ao altissimo as graças pelas numerosas felicidades com que o nosso amado paiz continua a ser favorecido; pela abundancia de viveres, e a boa saude dos seos habitantes; pela preservaçaõ da nossa tranquilidade interna, e a estabilidade das nossas livres instituiçoens: e principalmente pela luz de Verdade Divina, e liberdade da consciencia. Ainda que naõ temos sido izentos dos males da guerra; com tudo estes nunca seraõ considerados como os peiores dos males pelos amigos da liberdade e direitos das naçoens. Estes mesmos males o nosso paiz ja anteriormente preferio á triste condiçaõ, que alias resultaria; naquella celebre contenda os nossos esforços foraõ coroados com a independencia nacional; e quem contemplar a grandeza, e propriamente apreciar aquelle glorioso acontecimento nunca afrouxará em huma cauza, que tem por fim o manter o povo Americano na exaltada situaçaõ, em que se acha. Todos os bons cidadaõs convencidos da justiça e necessidade de resistir á injurias e usurpaçoens insofriveis, suportaráõ sem duvida heroicamente as privaçoens e sacrificios, que sempre acompanhaõ a guerra. Porem hum facto, que nos deve particularmente consolar he que tendo geralmente a guerra huma terrivel influencia na prosperidade dos paizes, que se achaõ nella envolvidos; tal he a boa fortuna dos Estados Unidos, que a prezente contenda tem ao contrario dado origem a melhoramentos e vantagens. Se o nosso commercio tem sido interceptado em virtude da guerra, por outro lado as nossas manufacturas tem sido multiplicadas, e aperfeiçoadas, fazendo-nos por este modo independentes nos artigos mais essenciaes, e nos quaes nunca devemos depender de paiz algum; e ellas se estaõ levando á tal perfeiçaõ, que sem duvida derivaremos consideravel vantagem no nosso futuro commercio com as naçoens estrangeiras. Se os nossos dispendios tem sido avultados, grande parte do dinheiro tem sido empregado em objectos de hum valor duravel, e necessarios á nossa segurança permanente. Se a guerra nos tem exposto á roubos por mar, e incursoens por terra, ella tem taobem desenvolvido os meios nacionaes de retribuir os primeiros, e de providenciar contra as segundas;

convencendo o inimigo, que todos os golpes, que elle dirige contra a nossa independencia maritima, saõ outros tantos impulsos, que acceleraõ o augmento do nosso poder maritimo. Diffundindo se geralmente pela naçaõ os elementos de instruçaõ e disciplina militar, augmentando-se e distribuindo-se preparativos de guerra applicaveis ao uso futuro, manifestando-se o zelo e valor com que elles seraõ empregados, e o contentamento com que todas as pensoens necessarias seraõ suportadas; o respeito devido aos nossos direitos, e a duraçaõ da nossa paz futura ficaraõ firmadas em bases mais solidas, do que se podia esperar sem estas provas do caracter, e recursos nacionaes. A guerra tem alem disso mostrado que o nosso livre governo, semelhante aos outros governos livres, ainda que tardo nos seos primeiros movimentos, adquire no seo progresso huma força proporcionada á sua liberdade; e que a uniaõ destes estados, (a guarda tutelar da liberdade e segurança de todos e de cada hum) se fortifica, tanto mais quanto ella tem sido tentada. Em fim a guerra com todas as suas vicissitudes está desenvolvendo a capacidade e destino dos Estados Unidos, mostrando ser huma naçaõ grande, florescente, e poderosa, digna da amizade que ella está disposta a cultivar com as mais Potencias; e authorizada, pelo exemplo que ella mesma dá, a exigir de todas huma observancia das leis da justiça, e reciprocidade. Estas saõ as unicas pretensoens que temos feito; e combatendo por mante-las nós observamos, nas continuas provas da grande harmonia que reina por toda a naçaõ, hum objecto mui digno das nossas congratulaçoens; e confiamos os ceos seraõ propicios á huma taõ justa cauza.

Os sentimentos hostis, que respiraõ na mensagem precedente nos authorizavaõ a concluir que a harmonia entre as duas naçoens estava mui longe de ser restaurada, porem os nossos receios achaõ-se agradavelmente frustrados; a concordia taõ essencial a felicidade destas duas naçoens, que por tantos direitos se devem reciprocamente amar; esta concordia, em que tanto estaõ envolvidos os interesses das mais naçoens; com summo prazer observamos, talvez cedo seja restituida ao seo antigo estado; como assim o indica o documento seguinte.

Ao Senado e Caza dos Representantes dos Estados Unidos. Eu transmitto para informaçaõ do congresso copias de huma carta do Ministro Britannico dos Negocios Estrangeiros ao Secretario de Estado, e da resposta deste ultimo.

Ainda que nos devemos aproveitar da proposta que faz o Governo Britannico, a fim de se entabularem negociaçoens para a paz; com tudo o congresso naõ deve perder de vista, que preparativos vigorosos para o proseguimento da guerra naõ podem de forma alguma retardar o progresso para huma favoravel resulta; entretanto que a relaxaçaõ de taes preparativos, no caso que os esforços dos Estados Unidos para a restauraçaõ da paz fossem infructuosos, seria productiva das mais perniciosas consequencias.

DIOGO MADISON.

6 *de Janeiro de* 1814.

EUROPA.

FRANCA.

Origem das actuaes negociaçoens de paz, ou Exposiçaõ do Baraõ de St Aignau.

A 26 de Outubro achando-me tratado ja depois de dois dias como prizioneiro de guerra em Weimar, aonde estavaõ os Quarteis-Generaes dos Imperadores da Austria e da Russia, recebi ordem para partir no dia seguinte com huma columna de prizioneiros que eraõ mandados para a Bohemia. Athe ali naõ tinha visto ninguem, nem feito reclamaçaõ alguma, julgando que era sufficiente o saber-se qual era o meo caracter publico, e o protesto que taõbem ja tinha feito pelo máo tratamento que havia experimentado. Com tudo, em taes circunstancias sempre julguei do meo dever escrever ao Principe Schwartzenberg e ao Conde Metternich, expondo-lhes a pouca decencia do comportamento que havia para comigo.

O Principe Schwartzenberg mandou-me logo as suas desculpas pelo Conde Parr, seo Ajudante de Campo, e dizia-me ter grandes dezejos, que eu lhe fosse fallar, ou ao Conde Metternich. Immediatamente me dirigi a caza deste ultimo, por se ter auzentado naquelle mesmo momento o Principe Schwartzenberg. O Conde Metternich recebeo-me com grandes sinaes de interesse, e me fallou em poucas palavras da minha situaçaõ, dizendo-me o muito que folgava de amilhorar, naõ só por me fazer este serviço; porem em attençaõ a muita estima que o Imperador d'Austria tinha pelo Duque de Vicenza. Passou entaõ a fallar-me do congresso, sem que eu previamente lhe houvesse tocado em couza, que podesse dirigir-se a esta conversaçaõ.—" Nos dezejamos sinceramente a paz, me disse elle; estes foraõ

sempre os nossos dezejos; e por conseguinte nós a faremos. Para isto nada mais he preciso do que olhar a questaõ francamente, e naõ entrar em subterfugios. A coaliçaõ conserva-se unida e os meios indirectos que o Imperador Napoleaõ tem empregado para ter a paz ja naõ podem ser bem succedidos. He necessario que todas as partes interessadas se declarem com a maior sinceridade, e entaõ de certo a paz de fará."

Depois desta conversaçaõ o Conde Metternich mostrou dezejos de que eu fosse para Toeplitz, aonde eu teria noticias suas, e elle esperava logo ver-me depois da minha chegada. Em consequencia disto parti para Toeplitz a 27 de Outubro. Cheguei ali a 30, e a 2 de Novembro recebi huma carta do Conde Metternich, em virtude da qual deixei Toeplitz a 3, e dirigi-me para o Quartel-General do Imperador d'Austria em Frankfort, aonde eu cheguei a 8. Neste mesmo dia fui ter com o Conde Metternich, que me fallou immediatamente nos progressos do exercito alliado,—na revoluçaõ acontecida em toda a Alemanha,—e na absoluta necessidade de fazer a paz. Disse-me;—que os Alliados, muito antes da declaraçaõ da Austria, haviaõ proclamado o Imperador Francisco com o titulo de Imperador d'Alemanha, mas que elle naõ tinha aceitado este insignificante titulo, e que a Alemanha, a pezar disso o interessava agora mais do que nunca. Que os seos dezejos só eraõ, que o Imperador Napoleaõ se capacitasse do grande espirito de moderaçaõ que animava os Alliados, os quaes nunca se desuniriaõ, porque naõ queriaõ perder nem a sua energia nem a sua força. Que quanto mais fortes se viaõ mais moderados queriaõ ser; e que nenhum delles intentava couza alguma contra a dynastia do Imperador Napoleaõ. Que a mesma Inglaterra se mostrava mais moderada do que se podia imaginar, e que naõ podia achar-se hum momento mais favoravel do que este para tratar com ella. Huma vez pois que o Imperador Napoleaõ desejava sinceramente a paz, devia poupar á humanidade grandes calamidades, e a França grandes perigos, naõ se recuzando a entrar logo em negociaçoens de paz. Que a occaziaõ de todos se entenderem estava chegada; e que as ideas que haviaõ sobre a paz naõ somente poriaõ justos limites ao poder de Inglaterra, mas dariaõ á França toda a *liberdade maritima*, que ella tinha direito de reclamar assim como todas as mais potencias da Europa.

Que a Inglaterra estava agora pronta a restituir, á Hollanda, como estado independente o que nunca lhe restituiria como huma provincia de França. Que tudo o que Mr. de Meerfeldt tinha sido encarregado de dizer da parte do Impe-

rador Napoleaõ, podia muito bem auctorizar agora a resposta que elle me pedia lhe levasse; rogando-me com tudo que fosse mui exacto em referir-lha, sem a mais pequena mudança, a fim de que o Imperador Napoleaõ naõ podesse deixar de conceber a possibilidade he hum equilibrio entre as potencias da Europa, cujo equilibrio naõ só era possivel porem da ultima necessidade. Que ja em Dresda se haviaõ proposto para indemnidades paizes que o Imperador naõ possuia, tal como o Graõ-Ducado de Varsovia; e que semilhantes compensaçoens ainda agora mesmo taõ bem podiaõ ter lugar.

A 9 o Conde Metternich me mandou chamar as 9 horas da noite. Naquelle mesmo instante acabava elle deter estado com o Imperador d'Austria, e me entregou da parte de sua Magestade huma Carta para a Imperatriz. Disse-me que o Conde Nesselrode havia estado com elle, e ambos tinhaõ concordado no que eu devia dizer ao Imperador. Rogou me de certificar ao Duque de Vicenza, que ainda pela sua pessoa se conservavaõ os mesmos sentimentos, que o seo nobre caracter sempre tinha inspirado.

Poucos momentos depois entrou o Conde Nesselrode, e me repetio em poucas palavras o que o Conde Metternich ja me havia dito á respeito da missaõ de que eu estava encarregado; acrescentando, que o Conde Hardenberg se devia considerar como prezente, e ter approvado quanto se havia tratado. Entaõ, M. Metternich expoz as intençoens dos alliados taes e quaes eu devia taõbem expor ao Imperador. Depois de o ter ouvido, respondi-lhe, que á mim só me competia o ouvir, e naõ fallar couza alguma, naõ tendo mais nada que fazer do que referir literalmente o que se me acabava de communicar; porem a fim de que eu pudesse fazer isto com toda a exactidaõ, desejava poder escreve-lo para o meo uzo particular, e que depois o aprezentaria para ser por elles examinado. O Conde Nesselrode dizendo que eu podia alli mesmo escrever isto, o Conde Metternich me conduzio a hum gabinete aonde eu escrevi a nota que abaixo se segue. Depois de ater escripto, voltei para a salla, e entaõ me disse o Conde Metternich :— Aqui está taõbem Lord Aberdeen, o Embaixador Inglez; mas como as nossas intençoens saõ as mesmas, nos podemos continuar a mesma conversaçaõ na sua prezença. Pedio-me depois que lesse eu o que tinha escripto; porem quando cheguei ao artigo, relativo a Inglaterra, Lord Aberdeen deo a entender que naõ o comprehendia muito bem. Tornei a lé-lo segunda vez, e entaõ me observou que as expreçoens— *Liberdade de comercio, e Direitos de navegaçaõ*—eraõ extre-

mamente vagas, Respondi-lhe, que eu naõ tinha feito mais do que escrever o que M. de Metternich me tinha encarregado de dizer. M. de Metternich replicou, que de facto estas expressoens podiaõ confundir a questaõ, e que seria milhor substituir lhe outras. Pegou entaõ na penna, e escreveo—que Inglaterra faria os maiores sacrificios para a paz, fundados naquellas bazes, ja dantes mencionadas.—

Eu fiz a observaçaõ de que estas expressoens eraõ na realidade taõ vagas e taõ pouco determinadas como as primeiras. Lord Aberdeen concordou nisto, e disse, que lhe parecia justo conservar o que eu primeiramente tinha escripto, reiterando-me a segurança de que Inglaterra estava determinada a fazer os maiores sacrificios ; que ella possuia muito ; e que estava pronta a restituir tudo com a maior liberalidade.—Como o resto da nota se achou em tudo conforme ao que eu tinha ouvido, entramos depois a conversar sobre differentes objectos. O Principe Schwartzenberg entrou neste tempo, e se lhe repetio o que tinhamos passado. O Conde Nesselrode, que se havia auzentado por alguns momentos durante esta conversaçaõ, voltou, e me incumbio da parte do Imperador Alexandre de dizer ao Duque de Vicenza, que elle nunca mudaria de conceito da sua boa fé e caracter, e que tudo bem depressa se arranjaria se o nomeassem para esta negociaçaõ.

Eu estava pronto para partir na manham de 10 de Novembro, quando o Principe Schwartzenberg me mandou pedir que esperasse athe a noite, porque naõ havia tido ainda tempo para escrever ao Principe de Neufchatel.

A noite enviou-me a carta por hum dos seos ajudantes de campo, o Conde Vagna, o qual me conduzio athe os postos avançados.

(Assignado) SAINT AIGNAU.

Nota escripta em Frankfort, a 9 de Novembro, pelo Baraõ St. Aignau.

" O Conde Metternich disse-me, que as circunstancias de eu me achar no Quartel-General do Imperador d'Austria pareciaõ proprias para me incumbir de levar a S. M. o Imperador a resposta ás proposiçoens, que elle havia mandado fazer pelo Conde Meerfeldt. Em consequencia o Conde Metternich e o Conde Nesselrode dezejavaõ, que eu participasse á Sua Magestade:

" Que as Potencias alliadas estavaõ unidas por laços indissoluveis, que as tinhaõ tornado muito fortes, e que nunca os quebrariaõ.

" Que as mutuas obrigaçoens, que todos tinhaõ contrahido, os haviaõ feito tomar a resoluçaõ de naõ assignarem paz alguma que naõ fosse geral.

" Que no Congresso de Praga se poderia com effeito ter imaginado huma paz continental, porque as circunstancias naõ haviaõ dado tempo a pensar de outra maneira; mas depois que as intençoens de todas as potencias, assim como as de Inglaterra, estavaõ bem conhecidas, era ja escuzado pensar em armisticio ou negociaçaõ alguma, que naõ tivesse por principio—a paz geral.

" Que os Soberanos alliados estavaõ absolutamente conformes sobre o poder e preponderancia que a França devia conservar com a sua integridade, circunscrevendo-se nos seos limites naturaes, que eraõ;—o Rheno, os Alpes, e os Pyrineos.

" Que o principio da independencia da Alemanha era huma condiçaõ, *sine qua non*. Era pois preciso, que a França renunciasse para sempre naõ só á influencia que hum grande estado pode ter sobre outros inferiores, mas á toda a especie de Soberania sobre a Allemanha; maiormente, quando era hum principio ja manifestado por Sua Magestade, que os grandes estados deviaõ estar separados por meio de outros mais pequenos.

" Que da parte dos Pyrineos, a independencia da Hespanha, e o restabelecimento da sua antiga dynastia eraõ taõbem outra condiçaõ, *sine qua non*.

" Que do lado da Italia devia ter a Austria huma fronteira, o que seria objecto de huma negociaçaõ. Quanto as differentes linhas que offerecia o Piemonte, isto seria discutido assim como a sorte da Italia; com tanto porem que á maneira da Alemanha fosse governada independente da França, como qualquer outra naçaõ preponderante. Pela mesma forma o estado da Hollanda seria objecto de huma negociaçaõ, mas sempre debaixo do principio de ficar independente.

" Que a Inglaterra estava pronta a fazer grandes sacrificios para huma paz fundada nestas bazes, e a negociar sobre a liberdade do commercio e da navegaçaõ, á que a França taõbem tinha direito de pertender.

" Que se estes principios para huma pacificaçaõ geral fossem approvados por Sua Magestade, se faria neutral na margem direita do Rheno hum lugar o mais accommodado, no qual immediatamente se ajuntariaõ os Plenipotenciarios

das potencias belligerantes, sem que por estas negociaçoens se suspendesse a marcha das operaçoens militares.

(Assignado) ST. AIGNAU.

Frankfort, 9 *de Novembro*, 1813.

Carta do Duque de Bassano ao Conde Metternich.

Paris, 16 *de Novembro*, 1813.

"SENHOR,

" O Baraõ St. Aignau chegou hontem aqui segunda feira, e nos communicou, segundo o que V. Ex. lhe havia dito, que Inglaterra tinha concordado na abertura de hum Congresso para a paz geral, e que as potencias estavaõ dispostas a neutralizar huma cidade na margem direita do Rheno, em que os Plenipotenciarios se podessem juntar. Sua Magestade dezeja que esta cidade possa ser Manheim. O Duque de Vicenza, aquem escolheo para seo Plenipotenciario, ali se achará logo que V. Ex. me informar do dia destinado pelos Alliados para a abertura do Congresso. Parece-nos justo, Senhor, e alem disto conforme com o costume, que naõ hajaõ tropas em Manheim, podendo fazer-se o serviço pelos mesmos moradores da cidade, e dando-se esta ordem a hum official civil, nomeado pelo Graõ Duque de Baden. Se alem disto se julgar necessario ter piquetes de cavallaria, a sua força deve ser igual de ambas as partes. Quanto as communicaçoens do Plenipotenciario Inglez com o seo Governo, podem estas fazer-se por França, pela via de Calais.

" Huma paz fundada na independencia de todas as naçoens, e debaixo de hum ponto de vista continental e maritimo, tem sido o constante objecto de todos os dezejos e da politica do Imperador. A vista da exposiçaõ de M. St. Aignau, Sua Magestade toma por muito bom agoiro tudo o que o Ministro Britannico referio.

" Eu tenho a honra de certificar a V. Ex. de toda a minha alta consideraçaõ.

(Assignado) DUQUE DE BASSANO.

Resposta do Principe Metternich ao Duque de Bassano.

"SENHOR,

"O correio, que V. Ex. expedio de Paris a 16 de Novembro, chegou aqui hontem. No mesmo momento fui mostrar a S. M. Imperial e a El Rei de Prussia a carta que me fizestes a honra de escrever-me; e Suas Magestades viraõ com muita satisfacçaõ que as communicaçoens confidenciaes feitas a Mr. de St. Aignau, fossem consideradas por S. M. o Imperador dos Francezes como huma prova das intençoens pacificas das altas potencias alliadas. Animadas do mesmo espirito, invariaveis no seo ponto de vista, e indissoluveis na sua alliança, estaõ prontas a entrar em negociaçoens logo que lhes conste que S. M. o Imperador dos Francezes admitte as geraes e sumarias bazes, que eu tenho manifestado na minha conversaçaõ com M. de St. Aignau.

"Na carta de V. Ex. naõ se faz com tudo mençaõ alguma destas bazes. Limitai-vos taõ somente á hum principio commum á todos os Governos da Europa, e de que todos estaõ assas convencidos. Este principio, porem por dar occasiaõ á muitos equivocos, naõ pode de modo algum suprir o plano destas bazes. Suas Magestades dezejaõ, que o Imperador Napoleaõ se explique pois claramente sobre isto; e só por este modo se poderaõ prevenir os invensiveis obstaculos, que taõbem podem logo no seo principio embaraçar as negociaçoens.

"Os Alliados naõ achaõ alguma difficuldade na escolha da cidade de Manheim; e a sua neutralizaçaõ, assim como todos os mais arranjos de policia, propostos por V. Ex. taõbem naõ podem occasionar alguma duvida.

"Aceitai, Senhor, toda a segurança da minha alta consideraçaõ."

(Assignado) Principe METTERNICH.

Frankfort sobre o Meno, 25 de Novembro, 1813.

Carta do Duque de Vicenza ao Principe Metternich.

Paris, 2 de Dezembro, 1813.

"PRINCIPE,

"Eu mostrei a S. M. a carta que V. Ex. enviou ao Duque de Bassano, em data de 25 de Novembro. Admittindo sem

restricçaõ a independencia de todas as naçoens como a baze da paz, e isto debaixo de hum ponto de vista territorial e maritimo, a França tem admittido o principio, que os alliados parecem dezejar. Sua Magestade tem por consequencia admittido todos os rezultados deste principio, o ultimo dos quaes deve ser a paz, fundada sobre a balança da Europa, ou sobre o reconhecimento da integridade de todas as naçoens dentro dos seos limites naturaes, e sobre o reconhecimento da absoluta independencia de todos os estados; de maneira que nenhum possa arrogar-se sobre qualquer outro especie alguma de soberania ou supremacia, quer seja por mar ou por terra.

" Apezar disto, eu tenho a maior satisfacçaõ de annunciar a V. Ex. que eu estou auctorizado pelo Imperador, meo Augusto Amo, para declarar, que S. M. aceita as geraes e summarias bazes, que lhe tem sido communicadas por M. de St. Aignau. Ellas exigem com effeito grandes sacrificios da parte da França, porem S. M. os fará sem pezar, huma vez que por taes sacrificios Inglaterra dê occasiaõ a huma paz honroza para todos, que segundo V. Ex. affirma, he dezejada naõ só por todas as Potencias do Continente, mas pela mesma Inglaterra.—Aceitai, &c.

(Assignado) CAULAINCOURT,
Duque de Vicenza.

Resposta do Principe Metternich ao Duque de Vicenza.

" SENHOR,

" A carta official de 2 de Dezembro, com que V. Ex. me honrou, chegou-me de Cassel pelos nossos postos avançados. Naõ perdi tempo, e fui logo aprezenta-la a Suas Magestades, que viraõ com muito gosto que S. M. o Imperador dos Francezes tinha adoptado as bazes essenciaes ao restabelecimento do estado de equilibrio, e futura tranquilidade da Europa.

" Rezolveraõ pois que este papel fosse communicado sem demora aos seos Alliados. E Suas Magestades naõ duvidaõ, que as negociaçoens se possaõ logo principiar assim que receberem a resposta.

" Nós informaremos disto sem demora a V. Ex., e entaõ de concerto se faraõ os arranjos necessarios para o fim que temos em vista.

" Rogo-vos que aceiteis, &c.

PRINCIPE METTERNICH.

Frankfort sobre o Meno, 10 *de Dezembro.*

CARTA

Do Duque de Vicenza ao Conde Metternich.

Luneville, 6 de Janeiro, 1814.

PRINCIPE,

Recebi a Carta, que V. Excellencia me fez a honra de escrever á 10 do mez passado. O Imperador naõ quer precipitar a seo juizo sobre os motivos que houveraõ para que o completo e inteiro consentimento, dado ás bazes, que V. Excellencia propoz conjunctamente com os Ministros de Inglaterra e da Russia, fosse communicado aos alliados antes da abertura do Congresso. He mui difficil supor, que Lord Aberdeen, que tinha poderes para propor as bazes, os naõ tivesse para entrar em negociaçaõ. Sua Magestade, com tudo, naõ quer fazer máo conceito dos alliados; mas elles ja estaõ de todo desenganados, e ainda assim continuaõ a deliberar. Devem porem conhecer, que toda a offerta condicional se converte em huma absoluta obrigaçaõ para aquelle que a faz, quando esta condiçaõ se aceita e se cumpre.

" Em quaesquer circunstancias nós tinhamos razaõ para esperar antes de 6 de Janeiro a resposta, que V. Excellencia nos annunciou a 10 de Dezembro. A vossa correspondencia, e as reiteradas declaraçoens das potencias alliadas naõ nos deixaõ ver ulteriores difficuldades; e o que nos communicou M. Talleyrand na sua volta da Suissa, confirma que as suas intençoens ainda saõ as mesmas. Donde procedem logo estas demoras? Naõ tendo S. M. couza alguma que mais o interesse do que a immediata renovaçaõ de huma paz geral, julgou que naõ podia dar huma mais forte prova da sinceridade dos seos sentimentos á este respeito do que mandar as potencias alliadas o seo Ministro dos Negocios estrangeiros, munido de todos os poderes. Eu me apresso pois, Principe, a communicar-vos, que eu esperarei em os nossos postos avançados pelos passaportes necessarios para passar aos dos exercitos alliados, e depois aprezentar-me a Vossa Excellencia.

Aceitai, &c.

CAULAINCOURT.

RESPOSTA DO PRINCIPE METTERNICH.

Friberg, no Brisgau, 8 de Janeiro.

SENHOR,

Hoje recebi a carta que V. Excellencia me fez a honra de escrever-me de Luneville a 6 do corrente. A demora da resposta que o Governo Francez esperava em consequencia da minha carta official de 10 de Dezembro, rezultou do modo de proceder, que as potencias alliadas querem guardar entre si. A conversaçaõ confidencial, que houve com o Baraõ St. Aignau, tendo dado lugar ás communicaçoens officiaes da parte da França, Suas Magestades Imperiaes e Reaes assentaraõ, que a resposta de V. Excellencia de 10 de Dezembro era de tal natureza, que devia ser communicada aos alliados. A supposiçaõ de V. Excellencia que Lord Aberdeen foi quem propoz as bazes, e que elle estava auctorizado para isto, naõ tem nenhum fundamento. A Corte de Londres acaba de mandar mesmo agora para o continente o Secretario de Estado dos negocios estrangeiros. Sua Magestade o Imperador de todas as Russas havendo-se auzentado daqui por pouco tempo, e esperando-se a toda a hora o Lord Castlereagh, o meo Augusto Amo, e S. M. El Rei de Prussia me encarregaõ de informar a V. Excellencia que o mais de pressa possivel vos recebereis a resposta que pedieis para poder aprezentar-vos nos Quarteis-Generaes dos Soberanos alliados.

Peço á vossa Excellencia, &c.

PRINCIPE METTERNICH.

Paris, 5 de Fevereiro.

S. M. a Imperatriz Rainha e Regente recebeo as seguintes noticias da situaçaõ dos exercitos a 3 de Fevereiro.

" O Imperador chegou a Vitry, a 26 de Janeiro.

" O General Blucher com o exercito da Silesia tinha passado o Marne, e marchava para Troyes. A 27 o inimigo entrou em Brienne, e continuou na sua marcha; porem perdeo algum tempo em reparar a ponte do Lesmont sobre Aube.

" No dia 27 o Imperador mandou atacar St. Dizier. O Duque de Belluno se aprezentou diante da cidade. O Ge-

neral Duhesme derrotou a retaguarda do inimigo, que ainda ali se conservava, e fez alguns centos de prizioneiros.

" As oito horas da manham chegou o Imperador a S. Dizier. He impossivel descrever todo o excesso de alegria que nesta occaziaõ mostraraõ os habitantes. Os insultos de toda a especie cometidos pelo inimigo, e particularmente pelos Cossaccos, saõ superiores á toda a expreçaõ.

" No dia 28 partio o Imperador para Montierender.

" A' 29, as oito horas da manham, o General Grouchy, Commandante da Cavallaria, deo avizo de que o General Milhaud, com o 5 Corpo de Cavallaria, estava entre Maires e Brienne em prezença do exercito inimigo, commandado pelo General Blucher, que se supunha constar de 40,000 Russianos e Prussianos, os primeiros dos quaes estavaõ as ordens do General Sacken. As quatro da tarde a pequena cidade de Brienne foi atacada. O General Lefebre des Nouettes, que commandava huma divizaõ de cavallaria das guardas, e os Generaes Grouchy e Milhaud fizeraõ differentes bellos ataques na direita da estrada, e se apossáraõ da altura de Perthe. O Principe de Moskwa poz-se a frente de seis batalhoens em columna cerrada, e avançou contra a cidade pela estrada de Mazieres. O General Chateau, chefe do Estado-maior do Duque de Belluno, á testa de dois batalhoens fez hum movimento obliquo pela direita, e entrou no Castello de Brienne pelo parque. Neste mesmo momento o Imperador dirigia huma columna pela estrada de Bar-sur-Aube, que parecia ser o lugar por onde o inimigo pertendia retirar se. O ataque foi vigorozo, e a resistencia obstinada.

" O inimigo naõ esperava por hum ataqne taõ vivo, e apenas teve tempo para fazer retroceder a sua artilharia que tinha sobre a ponte de Lesmont, aonde intentava passar o Aube para avançar. Esta contra-marcha lhe cauzou hum grande embaraço.

" A noite naõ poz com tudo fim ao combate. A divisaõ Decouz da nova guarda, e huma Brigada da Divizaõ Meunier ainda combatiaõ. A grande força do inimigo, e a excellente situaçaõ de Brienne lhe davaõ muitas vantagens; porem a perda do Castello que elle se descuidou de guardar com forças sufficientes, lhas fez perder todas. As 8 horas da noite vendo que naõ podia mais guardar o terreno, lançou fogo á cidade, que entrou a arder com toda a rapidez, por serem as cazas todas de madeira. Aproveitando-se deste successo, esforçou-se para retomar o castello, o que naõ poude conseguir pela intrepidez do bravo commandante de batalhaõ do 56. As vezinhanças do castello ficaraõ alastradas de mortos, particularmente as escadas que sabem para o

parque. Este ultimo revez obrigou o inimigo a retirar-se, para o que teve a vantagem de estar ardendo a cidade.

" As 11 da manham do dia 30, o General Grouchy e o Duque de Belluno perseguiraõ o inimigo athe alem da aldea de la Rhotiere, aonde tomaraõ posiçaõ. O dia 31 foi empregado em reparar a ponte de Lesmont sobre o Aube. O Imperador dirigio-se para Troyes, a fim de operar contra as columnas que marchavaõ por Bar sobre o Aube, e pela estrada de Auxerre sobre Sens.

" A ponte de Lesmont naõ se poude reparar antes da manham do 1 de Fevereiro. Huma parte das tropas desfilou immediatamente por ella.

" As tres horas da tarde, tendo-se o inimigo reforçado com todo o seo exercito, desembocou por la Rothiere e Deinville, que nos ainda conservavamos. A nossa retaguarda mostrou muita firmeza; e o General Duhesme se distinguio mantendo-se em la Rothiere, e o General Gerard, em Deinville. O corpo Austriaco do General Giulay, que tentou passar da margem esquerda para a direita, e forçar a ponte, perdeo alguns dos seos batalhoens. O Duque de Belluno se manteve todo o dia na aldea de la Giberie, apezar da enorme desproporçaõ que havia entre o seo corpo e as forças que o atacavaõ. Este dia, em que a nossa retaguarda se manteve em huma vasta planicie contra todo o exercito do inimigo, que tinha forças quintuplas, he hum dos mais brilhantes que ha tido o exercito Francez. No meio da obscuridade da noite, huma bateria da artilharia da guarda, que seguia os movimentos de huma columna de cavallaria, hum pouco avançada para repellir o ataque do inimigo, perdeo-se no caminho, e foi tomada. Quando os artilheiros perceberaõ a embuscada em que tinhaõ cahido, e viraõ que ja naõ tinhaõ tempo para formar a sua bateria, uniraõ-se em esquadraõ, atacáraõ o inimigo, e salvaraõ os cavallos e os arreios. Perderaõ 15 homens entre mortos ou prizioneiros.

" As 10 horas da noite o Principe de Neufchatel, vizitando os postos, achou os dois exercitos taõ vezinhos hum do outro, que por muitas vezes tomou os do inimigo pelos nossos. Hum dos seos ajudantes de campo, estando a 10 passos de huma vedeta, foi feito prizioneiro.

" O mesmo aconteceo a muitos officiaes Russianos, que traziaõ o *Sancto*, e que julgando estarem nos seos postos, vieraõ cahir em os nossos.

" Mui poucos prizioneiros se fizeraõ de parte a parte. Nós tomámos 250.

" As 2 de Fevereiro ao romper do dia, a retaguarda do exercito estava em batalha de fronte de Brienne; e succes-

sivamente foi tomando posiçoens para completar a passagem da ponte de Lesmont, e hir juntar-se com o resto do exercito.

" O Duque de Raguza, que havia tomado posiçaõ na ponte de Rosnay, foi atacado por hum corpo Austriaco que tinha passado por de traz dos bosques. Mas elle repellio o inimigo fez-lhe 300 prizioneiros, e o arrojou para alem do pequeno rio Voire.

" No dia 3, ao meio dia o Imperador entrou em Troyes.

" Nos perdemos na batalha de Brienne o bravo General Baste. O General Lefebre des Nouettes foi ferido por huma baioneta; e o General Forestier o ficou gravemente. A nossa perda nestes dois dias pode avaliar-se em 2, ou 3,000 homens, entre mortos ou feridos. A do inimigo tem sido dobrada.

" Huma divizaõ tirada do corpo de exercito inimigo, composta de 12 batalhoens, e que estava de observaçaõ a Metz, Thionville, e Luxembourg, marchou para Viry. O inimigo dezejava entrar na cidade, que o General Montmarie e os habitantes defendiaõ. Debalde lançou algumas bombas para intimidar os habitantes: estes o receberaõ com descargas de artilharia, e o repellíraõ para legoa e meia de distancia. O Duque de Tarentum chegou a Chalons, e ja estava em marcha contra aquella divisaõ."

Paris, 11 *de Fevereiro*, 1814.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeo hoje o seguinte despacho do exercito.

O Imperador attacou hontem em Champaubert o inimigo, que consistia em 12 regimentos, com 40 peças de artilharia. O General em Chefe, Ousouwieff, foi feito prizioneiro com todos os seos Generaes, Coroneis, Officiaes, Artilharia, Caixoens, e bagagem. Tomámos 6,000 prizioneiros; e o resto foi lançado em hum pantano, ou morto no campo da batalha. O Imperador vai perseguindo vivamente o General Sacken, que esta separado do General Blucher.

A nossa perda foi mui ligeira, e naõ chegou a 200 homens.

Paris, 12 *de Fevereiro*, 1814.

M. Alfredo de Montesquieu, Ajudante de Campo do Principe de Neufchatel, que foi enviado por Sua Magestade o Imperador, trouxe a Sua Magestade a Imperatriz as seguintes noticias :

A 11 de Fevereiro, ao romper do dia o Imperador, que tinha sahido de Champaubert no dia 10, fez avançar hum corpo para Chalons a fim de suspender as columnas inimigas, que se derigiaõ por aquelle lado. Com o resto do exercito tomou a estrada de Montmirail. A huma legoa de distancia encontrou-se com o corpo do General Blucher, e depois de huma acçaõ de duas horas, todo o exercito inimigo ficou desbaratado. As nossas tropas naõ podiaõ desenvolver huma mais brioza valentia. O inimigo foi por toda a parte forçado, e completamente posto em derrota. Infantaria, artilharia, e muniçoens ou ficaraõ em nosso poder, ou foraõ totalmente arruinadas. Os rezultados seraõ immensos. O exercito Russiano ficou destruido. O Imperador goza da mais perfeita saude, e nos naõ perdemos pessoa alguma de distincçaõ.

Paris, 18 *de Fevereiro*, 1814.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeo a seguinte relaçaõ do estado dos exercitos.

A 12 de Fevereiro Sua Magestade continuou nos seos successos. Blucher fez todos os esforços possiveis para entrar em Chateau Thierri ; porem as suas tropas foraõ arrojadas de posiçaõ em posiçaõ, e o corpo que se conservou junto, e que protegia a retirada, foi absolutamente cortado. A retaguarda era composta de quatro batalhoens Russianos, tres ditos Prussianos, e tres peças de artilharia. O General, que a commandava ficou taõbem prizioneiro. As nossas tropas entraraõ de envolta com as do inimigo em Chateau Thierry ; e os restos deste exercito na maior confuzaõ, foraõ perseguidos por toda a estrada de Soissons. Os rezultados deste dia, 12, saõ 30 peças de artilharia, e huma quantidade innumeravel de carros de bagagem. O numero dos prizioneiros ja monta a 3,000 ; e a cada mo-

mento estaõ chegando outros. Nos ainda temos duas horas de dia. Entre os prizioneiros ha cinco ou seis Generaes, que seraõ mandados para Paris. Suppoem-se que o General em Chefe Sacken fôra morto.

Bulonha, 16 *de Fevereiro*, 1814.

Telegrapho—Linha de Bolonha.

O Director do Telegrapho a Mr. Martin, Commissario Geral de Policia na Costa do Norte.

" SENHOR,

" O Telegrapho acaba de annunciar o seguinte :—

" A 15 o Imperador ganhou huma nova Victoria contra os Russianos e Prussianos junto a Montmirail, e tomou 10 peças de artilharia, 10 bandeiras, e 10,000 prizioneiros."—

Tenho a honra de ser, &c.

NAGUER.

N. B. Pelas noticias posteriores de Franca sabemos que esta batalha aconteceo a 14 e naõ a 15 como annunciou o Telegrapho. Buonaparte lhe da o nome da Batalha de Vauchamp; mas como de todas as suas exageraçoens, chamadas officiaes, naõ se colhe outro rezultado alem do que annunciou o Telegrapho, suppomos que os nossos Leitores naõ levaraõ a mal o naõ lhe transcrevermos por inteiro as suas particularidades.

Os papeis Francezes de 18 annunciaõ outra batalha a 17, a que chamaõ de Nangis, e que dizem ganharaõ, perdendo os Alliados 6,000 prizioneiros.

ALLEMANHA.

BULLETINS DO PRINCIPE DA COROA.

No. XXXIV.

Quartel General de Kiel, 17 *de Janeiro*, 1814.

A paz da Dinamarca com a Suecia e Inglaterra foi assignada a 14 de Janeiro. Domingo 16, houve huma grande parada, cantou-se hum solemne *Te Deum* em acçaõ de graças, e deraõ-se numerozas descargas de artilharia. O tratado foi enviado a Sua Magestade o Rei de Dinamarca, e a ratificaçaõ se espera athe 4. feira que vem. Todo o exercito se está agora pondo em marcha para o Rheno. Acabáraõ-se em fim as rivalidades entre as naçoens do Norte; e ellas todas tem conhecido, que os seos interesses saõ communs. Unidas pelo mais nobre objecto, de hoje em diante só combaterao pela liberdade do continente, e pela independencia dos Soberanos e das naçoens. As naçoens do Norte naõ olhaõ os Francezes como inimigos: so tem por inimigo aquelle, que tem feito tudo para as desunir; aquelle em huma palavra, que imaginou avassallar todas as naçoens, e que anhella por devorar todos os paizes.

No. XXXV.

Quartel General de Colonia, 12 *de Fevereiro*, 1814.

O Principe Real sahio de Buckenbourg a 9, e tomou o caminho de Leipstad e Eberfeldt na sua direcçaõ para Colonia, aonde Sua Alteza Real chegou no dia 10 á noite. Passou o Rheno entre repetidas salvas de artilharia, e ao som de mil acclamaçoens e mil vivas dos habitantes de ambas as margens. Toda a povoaçaõ de Colonia veio espera-lo a outro lado do rio; e nunca o enthuziasmo de hum povo, que se vê livre de hum jugo oppressor, se exprimio com mais unanimidade e ardor. A cidade se illuminou a noite, e hon-

tem houve hum grande baile, que Sua Alteza Real se dignou honrar com a sua prezença.

Como o exercito do Norte da Alemanha está para começar huma muito mais activa campanha nestes paizes, he necessario dezignar a marcha dos differentes corpos que o compoem, e os ulteriores projectos do Principe Real.

O Corpo do General Bulow, que forma a direita do exercito, está nas vezinhanças de Bruxellas, e tem adiantado os seos postos avançados para a parte de Mons.

O General Winzingerode, que tem o seo Quartel General em Namur, forma o centro. Ja elle tomou posse das cidades de Mons, Avesnes, e Rheims, das quaes mandou as chaves ao Principe Real, que as transmitio ao Imperador Alexandre.

O Corpo do Conde Woronzoff, que passou ali o Rheno, tomou taõbem a direcçaõ de Namur para se corresponder com o de Winzingerode. O General Strogonoff está pronto para segui-lo.

A guarda avançada do exercito Sueco estará junto do Rheno a 21; de sorte que todo o exercito passará o rio antes do fim do mez.

As tropas Dinamarquezas tomaráõ a estrada de Dusseldorff, passando por Bremen e Munster, e dali se derigiraõ depois para a sua linha de operaçoens.

As intençoens de S. A. R. saõ o reunir todo o exercito, que está debaixo do seo commando, sobre huma linha entre Soissons e Rheims; e depois operar com elle segundo as circunstancias o exigirem.

PORTUGAL

Recebemos com muita satisfaçaõ a Resposta, que vamos publicar a fim de que por ella vejaõ os nossos Leitores, que os briozos officiaes Portuguezes, sabem taõ desembaraçadamente manejar a espada como a penna, e que ao mesmo passo que arrojaõ com as armas o inimigo commum para alem das fronteiras Peninsulares, naõ se esquecem de combater os inimigos domesticos, que lhes ficaõ na sua retaguarda, que de ordinario saõ ainda mais temiveis que os

estranhos. A inconsiderada, para lhe naõ dar outro nome, publicaçaõ do Periodico de Cadiz he huma prova da maldade das intrigas cazeiras; e a resposta do bravo Official Portuguez he outra naõ menos equivoca do guapo e eminentemente briozo caracter nacional, que tanto nos distingue, e sempre nos tem distinguido entre os mais povos do mundo.

RESPOSTA

De hum Official Portuguez a hum artigo do Periodico Hespanhol.—El Duende de los Cafés,—impresso em Cadiz no dia 27 de Setembro de 1813.

Com o maior pezar pego na penna para escrever contra hum Periodico que se imprimio em Cadiz a 27 de Setembro de 1813, com o titulo—El Duende de los Cafés.—Neste papel se ve quaes saõ os sentimentos de que ainda estaõ possuidos alguns Hespanhoes, que aproveitando-se dos acazos mais ordinarios da guerra, e quasi sempre inevitaveis, buscaõ derramar o fel mais amargo sobre as heroicas intençoens dos dois generozos governos, Protectores da Hespanha; buscaõ denigrir a gloria que os Portuguezes e Inglezes tem alcandado em tantos combates e tantas batalhas na Peninsula; e finalmente pertendem levantar o estandarte da desordem, injuriando os valentes que os salvaraõ do mais barbaro conquistador que tem havido, e do inimigo mais atroz que athe hoje tem pizado o terreno Hespanhol. Eisaqui pois como os ingratos nos pagaõ tantos sacrificios como temos feito por elles! Eisaqui de que maneira conçolaõ os tristes orfaõs, que ainda agora clamaõ por seos Pais, mortos no alto da brecha de Badajoz, e enxugaõ as dolorozas lagrimas das Viuvas infelizes, que ainda lançaõ seos olhos magoados para todos esses campos de batalha em que pereceraõ seos maridos! Eis em huma palavra, a gratidaõ e as recompensas que a Hespanha liberaliza a mais de vinte mil guerreiros sacrificados por sua cauza!

Mas supponhamos ser verdade quanto se acha escripto naquelle Periodico: naõ seria mais prudente o naõ o revelar, á vista do muito que temos trabalhado pela independencia da Hespanha? O interesse commum das tres naçoens naõ exige que naõ só se esqueçaõ quaesquer motivos de antiga rivalidade, porem mui particularmente, que naõ se

suscitem outros de novo? Com tudo a historia militar de todas as nossas Campanhas na Peninsula refuta com toda a evidencia esta e outras semelhantes calumnias. Naõ temos nós atravessado toda a Hespanha? E quaes saõ as crueldades ou injustiças que de proposito ali temos commettido? Naõ somos nós os mesmos que combatemos o inimigo dentro das proprias ruas de Victoria; e haverá nesta cidade hum unico habitante que se queixe do procedimento do exercito alliado, apezar que ainda oito dias depois da batalha se encontráraõ ali mais de quinhentos Francezes escondidos, e protegidos pelos mesmos Hespanhoes? Agora estes se nos queixaõ do estrago que soffreo a praça de S. Sebastiaõ, e naõ se lembraõ que este pequeno mal, e inevitavel, foi para lhes conquistar a liberdade! Sim os Hespanhoes tinhaõ perdido o tezouro mais preciozo que tinhaõ, —a sua independencia;—nós os Portuguezes e Inglezes, á força da mais heroica valentia, sabemos retoma-lo ao uzurpador que lho havia roubado, e so porque lho entregamos com hum *real* por assim dizer, de menos, eis que gritaõ contra nos, e nos insultaõ com a mais escandaloza ingratidaõ. Se o Redactor do Periodico de Cadiz fizesse a enumeraçaõ das cidades, villas, e aldeas, destruidas pelo inimigo para reduzir a Hespanha a huma completa escravidaõ, e depois comparasse todas estas grandes perdas, feitas pelo *genio do mal* com o pequeno sacrificio que o *genio do bem* naõ lhe poude evitar na ultima restauraçaõ da sua liberdade; quanto mais justo e generozo naõ haveria sido em avaliar as acçoens dos seos libertadores!

Se o Redactor Hespanhol fosse mais sincero, ou tivesse lido o primeiro Officio do Governador Francez de S. Sebastiaõ ao Ministro da Guerra, em que lhe participa que huma parte da cidade ja estava ardendo, nunca teria ouzado dizer, que nos fomos os que methodicamente lhe lançámos o fogo. E se tivesse lido o segundo officio, nelle igualmente veria; que o Governador participava, que naõ so a metade da cidade ja estava reduzida a cinzas, mas que o fogo continuava no resto dos edificios com tanto vigor, que ja era impossivel o extingui-lo. No mesmo dia do assalto os Francezes lançáraõ fogo com archotes a dois grandes armazens que estavaõ junto do porto; e o mesmo General Francez, o Governador da Cidade disse depois de prizioneiro e jantando com muitos dos nossos officiaes: que os Hespanhoes attribuiaõ aos Alliados o fogo com que se consumio a cidade; mas que isto era hum engano; porque quando os Francezes se retiraraõ para o castello, ja era impossivel impedir que a cidade naõ ardesse. E he isto o que se chama deitar metho-

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

dicamente o fogo á huma cidade? Mas se taes factos, taõ notorios e taõ publicos, de nenhuma forma se podem negar; muito menos se poderá por em duvida, que muitos soldados do exercito alliado morreraõ no trabalho de quererem apagar aquelle incendio; e que athe hum desgraçado grandeiro, que estava cortando sobre hum telhado a viga de huma caza, foi morto por huma das muitas granadas que os Francezes lançavaõ do castello sobre a cidade. Assim, quando oito mil homens, costumados a todos os perigos e trabalhos, naõ podiaõ extinguir aquelle fogo, queria o engenhoso Redactor de Cadiz, que o General Graham desse esta incumbencia aos miseraveis paizanos de Oyarzum. Façamos porem ainda outra nova reflexaõ: se foi por ordem e com methodo que se lançou fogo á Cidade de S. Sebastiaõ; porque motivo se salvou ainda a rua da Trindade, e naõ foi incluida na ordem e methodo geral? E finalmente quem podia impedir que se arrazassem as suas fortificaçoens? Pelo contrario, os Inglezes restituiraõ logo a Praça ao seo legitimo Soberano, fazendo entrar nella guarniçaõ Hespanhola, e principiaraõ á fortifica-la a sua propria custa. Tal he o procedimento daquelles, que de proposito, e methodicamente a quizeraõ queimar!

Naõ duvido com tudo, que no tempo do assalto acontecessem alguns cazos de ferocidade e de roubo; mas estes sempre saõ effeitos inevitaveis da guerra; e muitos mais quando se nos fazia fogo das janellas, e era impossivel distinguir no ardor da acçaõ o soldado Francez do paizano Hespanhol. O Redactor do Periodico de Cadiz nos faria certamente hum obsequio infinito, se nos mostrasse em toda a sua historia hum só exemplo de huma praça tomada por Hespanhoes em o velho ou novo mundo, em que naõ houvesse alguma dessas tristes calamidades, que sempre acompanhaõ os assaltos. Mas ja tempo de sobejo tenho gasto em desmentir calumnias, que muitas mil testemunhas occulares podem contrariar. Acabarei só com advertir aos Gazeteiros Hespanhoes, que sejaõ mais imparciaes e mais justos em avaliar as acçoens dos seos Libertadores; e que em lugar de excitarem ciumes e rivalidades perigozas, illuminem a sua naçaõ sobre os seos verdadeiros interesses; sejaõ os pregadores da paz e da uniaõ: acabem por huma vez de ser os missionarios da intriga; e façaõ com que toda a Hespanha seja grata aos heroicos serviços daquelles, que a tem levantado á custa de tanto sangue da ignobil e abjecta condiçaõ de huma miseravel colonia Franceza.

Por hum official do Exercito Portuguez.

PORTARIA.

Sendo conveniente favorecer o entrada de carnes verdes nesta cidade, sem que o seo consuma diminua os gados necessarios para a cultura das terras: manda o Principe Regente Nosso Senhor, que *todos os gados de fora do Reino, que se importarem* nos Portos delle desde o primeiro de Janeiro ate o ultimo de Dezembro de 1814, *sejaõ isemptos de meia siza*, e se possaõ cortar, e vender nos Talhos desta cidade. O Senado da camera o tenha assim intendido, e faça executar, publicando por Editaes a presente Portaria.

Palacio do Governo em 29 de Dezembro de 1813.

Com as Rubricas dos Governadores do Reino.

OFFICIO

De Sua Excellencia o Marechal Marquez de Campo Maior dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, do seo Quartel General de Ustaritz, a 27 de Dezembro de 1813.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor:

Com a mais particular satisfaçaõ levo ao conhecimento de Vossa Excellencia, para que se sirva a presenta-la á Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino, a Ordem do dia 25 do corrente, e ser por sua intervençaõ levada á Augusta Presença de Sua Alteza Real, que mandei publicar ao exercito pelo seo brilhante comportamento nas ultimas acçoens desde 9 ate 13 deste mez: e posso certificar a Vossa Excellencia, de que naõ sou nada exagerado nas expressoens com que elogio as valorozas Tropas que o compoem, antes sinto muito, que os termos de que uso naõ possaõ expressar o seo abalizado esforço e disciplina taõ dignamente, como ellas merecem.

Tomo tambem a liberdade de remetter a Vossa Excellencia as traducçoens incluzas das participaçoens, que recebi de alguns Generaes Britannicos Commandantes das Divisoens, que particularizaõ com mui distincto louvor a exemplar conducta das Tropas Portuguezas, que cooperaraõ com elles, e o efficaz auxilio que dellas receberaõ, confessando ser-lhes devida huma grande parte da gloria do successo

d'aquelles dias, pois creio, que será muito agradavel á Suas Excellencias vêr o tributo de justa admiraçaõ que entre si se pagaõ as Tropas das duas Naçoens Britanica e Portugueza, e a perfeita harmonia, que entre ellas existe em todas as occasioens. Eu naõ deixarei escapar esta opportunidade sem recommendar á consideraçaõ de S. A. R. as esforçadas tropas do seo exercito, e implorar ao mesmo tempo a sua protecçaõ á favor das familias, que ficaraõ sem abrigo pela sentida, porem gloriosa morte dos seos chefes no serviço do seo soberano, ainda que Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino com o especial desvelo, e patriotismo que os anima em favor do seo paiz, tem tido toda a contemplaçaõ, com as familias, que estando nestas circunstancias, tem sido por minha intervençaõ postas debaixo do seo amparo.

Deos Guarde a Vosa Excellencia,

Quartel General em Ustaritz, 27 de Dezembro de 1813.

Marechal W. C. Beresford,
Marquez de Campo-Maior.

Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

Quartel General de Ustaritz, 25 de Dezembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

A Naçaõ Portugueza sem se lembrar dos feitos gloriosos dos seos antepassados, olhando somente para o que tem succedido na presente guerra, naõ pode duvidar de que sempre que ouvir fallar de huma batalha, em que as suas tropas tenhaõ co-operado, hade tambem ouvir elogia-las; e na occasiaõ actual naõ verá (nem he de presumir, que daqui em diante veja) frustrada a sua expectaçaõ.—Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, a respeito das acçoens, que tiveraõ lugar desde 9 ate 13 do corrente inclusivo, e que seraõ relatadas pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da *Victoria*, goza a satisfaçaõ e acha-se no agradavel dever de ter somente que referir á S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor a boa conducta das suas tropas, e fazer-lhe os seos elogios.—Será para S. A. R. hum prazer bem

agradavel; e fará em suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino, e em todo o Portuguez huma impressaõ das mais satisfatorias, e que naõ os deverá fazer menos ufanos, o verem que á medida que as tropas nacionaes sáõ experimentadas, se mostraõ dignas de toda a confiança, e que o seo comportamento e valor saõ sempre mui superiores á prova, por mais ardua e forte que esta seja. Desta verdade daõ testemunhos abundantes os feitos de armas das tropas Portuguezas nas ultimas batalhas. A sua reputaçaõ ja estava firmada: e o está igualmente ha muito tempo a estima e admiraçaõ dos seos valerosos companheiros de armas do exercito Britanico, existindo so entre huns e outros huma emulaçaõ honrosa para todos, e huma estimaçaõ e amizade reciproca. O Sr. Marechal tem a satisfaçaõ de dar a saber á S. A. R., e bem assim á Suas Excellencias os Senhores Governadores do seo Reino de Portugal, que naõ obstante achar-se taõ elevado o caracter das suas tropas por tantos feitos gloriosos, com tudo nestes ultimos acontecimentos ainda ellas augmentaõ a sua reputaçaõ, e a approvaçaõ do nosso grande Commandante o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria, como a admiraçaõ que os Senhores Generaes e todas as Classes do Exercito Britanico ja lhe prestavaõ. O Sr. Marechal naõ pode elogiar demasiadamente o Exercito Portuguez nestes acontecimentos; e ao mesmo tempo que he da sua obrigaçaõ levar o seo merecimento á presença de S. A. R., e á de Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino, naõ lhe compete menos assegurar ao exercito, que dirigindo as suas determinaçoens á favor do defensores da Patria, e da Europa, he certo serem recebidas e consideradas favoravelmente; pois he hum governo paternal, que contempla o merecimento das suas valerosas tropas, e se desvela em remunera-las quanto he possivel. O Sr. Marechal he testemunha dos desejos e cuidados de Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino de proverem ás necessidades das familias dos officiaes gloriosamente mortos no serviço do seu soberano; e o exercito deve estar certo de que o Sr. Marechal naõ ommittirá levar á presença de Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino com recommendaçaõ toda a familia, que assim perder o seo chefe, pois que so assim cumprirá com os desejos beneficos de S. A. R.—O Sr. Marechal desprezaria o seo dever, se deixasse nesta occasiaõ de lembrar ao Exercito Portuguez, quanto este deve á subordinaçaõ e disciplina; e o lembra com o unico objecto do que os seos officiaes nunca perçaõ de vista huma e outra.—O Sr. Marechal servindo-se do poder

que S. A. R. houve por bem conferir-lhe com o fim expresso de huma prompta recompensa do merecimento brilhante das suas tropas, promove os officiaes, e officiaes inferiores abaixo mencionados, que lhe foraõ recommendados, por que tiveraõ, ea proveitaraõ a occasiaõ de se distinguirem. e manda tomar em memoria os nomes de muitos outros, que merecem a sua contemplaçaõ para se lembrar delles na primeira conjunctura favoravel. O Sr. Marechal sente infinitamente que houvessem tantos officiaes e homens mortos, e feridos; mas naõ se adquire gloria sem perigo e perda; e foi esta ainda muito menor do que se podia esperar da grande força, com que o inimigo atacou. Porem o valor he a segurança do valerozo, e a perda anda sempre em proporçaõ com a falta de coragem. Entre os officiaes mortos naõ pode Sua Excellencia deixar de mencionar para receberem os pezares da sua patria o Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 3, Luiz Diogo Pereira Forjaz, official que ainda que de pouca idade, dava a maior esperança. Era elle sempre o primeiro a arrostar se com os perigos; subio ao posto que tinha pelo seo valor e merecimento; e perdeo a vida gloriosamente nas fileiras do inimigo em huma carga de bayoneta, mas vendo ainda os seos bravos soldados vencedores. O Sr. Marechal sente tambem a morte do Major do Regimento de Infantaria No. 18, Mathias Joze de Souza, que commandou bem e valerosamente o regimento na maior parte da batalha. Sua Excellencia da os seos agradecimentos ao Sr. Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor, que mereceo plenamente a sua estima, e approvaçaõ pelo modo, com que conduzio a divizaõ do seo commando, a qual se distinguio com muita particularidade: e deseja que assegure aos Senhores Brigadeiros Antonio Hippolyto Costa, e Joaõ Buchan da perfeita satisfaçaõ á respeito delles e das suas brigadas: A Brigada do Algarve, que commanda o Sr. Brigadeiro Antonio Hippolyto Costa, teve com especialidade occasiaõ de mostrar ao inimigo, que os homens de que ella constava, eraõ os mesmos que o expulsaraõ á bayoneta das alturas dos Pyrineos no dia 30 de Julho ultimo. O Sr. Coronel Jorge d'Avillez, e o Major Jacinto Alexandre Travassos, que commandavaõ os dois regimentos desta Brigada, receberaõ os agradecimentos de Sua Excellencia; e o Sr. Brigadeiro Joaõ Buchan fará saber ao Sr. Coronel Luiz de Souza Vahia do regimento No. 10, ao Tenente Coronel Joaõ Hill do regimento No. 4, e ao Capitaõ graduado em Major Francisco Antonio Pamplona de Caçadores No. 10, a plena satisfaçaõ de Sua Excellencia pela valerosa conducta dos seos corpos. O Sr. Brigadeiro Carlos Ashworth, e a quinta Brigada

(do Porto) composta dos regimentos No. 6, e 18, e Batalhaõ de Caçadores No. 6, tem direito á particular approvaçaõ de Sua Excellencia pela sua conducta no dia 13, que naõ podia ser mais brilhante em todas as circunstancias variaveis de huma longa e obstinada contenda. Sua Excellencia naõ pode ser excessivo fallando em abono da conducta dos referidos corpos commandados pelo Tenente Coronel Maxwell Grant, o valeroso Major Mathias Joze de Souza (cuja morte he tanto para sentir), e o Tenente Coronel Pedro Fearon. Sua Excellencia recommendará a S. A. R. estes Corpos, assim como os da Brigada do Algarve para alguma distinçaõ honrosa em memoria da sua boa conducta; e o Sr. Brigadeiro Carlos Ashworth (a respeito do qual Sua Excellencia sente que as suas feridas privem o Exercito por algum tempo dos seos serviços) receberá, e dará aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados da Brigada a segurança da perfeita satisfacçaõ de Sua Excellencia. A terceira Brigada naõ merece menos os elogios e approvaçaõ de Sua Excellencia. A sua conducta debaixo das ordens do seo valoroso Commandante o Sr. Coronel Luiz do Rego Barreto foi digna de Tropas Portuguezas. O Sr. Coronel Miguel M'Creagh do regimento No. 3. e o Major Archibaldo Campbell do Regimento No. 15., bem como os seos regimentos se distinguiraõ com particularidade; e o Sr. Coronel Luiz do Rego Barreto dará a todos os Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados os agradecimentos de Sua Excellencia.—O Sr. Marechal faz justiça ao merecimento do Sr. Brigadeiro Archibaldo Campbell Commandante da primeira Brigada, o qual pela sua conducta adquirio taõ particularmente a approvaçaõ do Illustrissimo e Excellentisso Sr. Tenente General Hope. O Sr. Brigadeiro faz a mais honrosa menção da comportamento dos seos Officiaes, e Sua Excellencia sente a perda que houve delles, e sobre tudo a do Sr. Coronel Francisco Homen de Magalhaes Pizarro do Regimento No. 16, e do Major Guilherme O'Hara do Regimento, No. 1., e dos outros Officiaes prisioneiros da da mesma Brigada; mas será para elles assim como para a sua Patria, e familias huma consolaçaõ o conhecerem que a causa de serem prisioneiros lhes he honrosa, e que a sua conducta merece a plena approvaçaõ de Sua Excellencia. O Sr. Marechal de Campo Bradford, Commandante da decima Brigada, assegurará o Sr. Tenente Coronel Joaõ Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun do Regimento No. 13, o Sr. Coronel Guilherme M'Bean do Regimento, No. 24., e o Tenente Coronel Thomaz St. Clair do Batalhaõ de Caçadores No. 5, e os mais Officiaes, Officiaes Inferiores, e

Soldados da approvaçaõ de Sua Excellencia a respeito da sua conducta, e da dos seos corpos. Sua Excellencia deseja, que o Sr. Coronel Joaõ Douglas, Commandante da setima Brigada, receba os seos agradecimentos pela sua conducta e da Brigada no dia 9; e Sua Excellencia naõ pode deixar de particularizar o Batalhaõ de Caçadores No. 9, cuja excellente conducta tem sido testemunhada muitas vezes por Sua Excellencia: e sente infinitamente Sua Excellencia as feridas do Tenente Coronel Jorge Brown, que commanda este Batalhaõ ha muito tempo com tanta distincçaõ; e o mesmo Tenente Coronel, como o Batalhaõ merecem igualmente os elogios de Sua Excellencia. Naõ pode Sua Excellencia deixar aqui de lamentar a morte de Major Joaõ Mellish Harrison, acontecida no ataque do dia 9.—A conducta dos Batalhoens de Caçadores No. 1. e 3, debaixo das ordens dos Tenentes Coroneis K. Snodgrass, e Manoel Pinto de Silveira, foi *digna do que se deve esperar de quem sempre tem merecido louvores* *: e o Regimento No. 17, commandado pelo Tenente Coronel Joaõ Rolt, segundo as occasioens que teve, fez bem o seo dever. O comportamento exemplar da Artilheria Portugueza ás ordens do Tenente Coronel Alexandre Tulloh, tendo-lhe adquirido os louvores de Sua Excellencia o Sr. Tenente General Rowland Hill, em todas as occasioens, e particularmente a 13 do corrente, naõ pode deixar de attrahir a attençaõ do Sr. Marechal, o qual dá a sua approvaçaõ e agradecimento ao mesmo Tenente Coronel (sentindo que fosse ferido) e aos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados do seo commando. O Sr. Marechal dá os seos agradecimentos ao Major do Regimento de Infantaria No. 3, Joaquim Rebello da Fonseca Rosado, pelo seo bom comportamento, do qual faz expressa menção o Sr. Coronel Miguel M'Creagh. Sua Excellencia está satisfeito do zelo, com que se houveraõ no importante objecto do tratamento dos feridos, os Cirurgioens Mores Antonio Joze da Costa do Regimento de Infantaria No. 2., Joze Machado da Ascençaõ do Regimento de Infantaria No. 15, Antonio Monteiro da Cunha, do Regimento de Infantaria, No. 6, Bernardo Maria de Moraes, do Regimento de Infantaria No. 18, e Joze Pedro de Oliveira, do Batalhaõ de Caçadores No 6; e dos Ajudantes de Cirurgia da quinta Brigada.

* O magnífico elogio dado aqui ao primeiro Batalhaõ de Caçadores, e ao seo bravo commandante deve considerar-se como a melhor, e mais energica resposta á carta insultuosa do Official Inglez, que foi publicada no Courier de 5 de Janeiro, e da qual ja fallámos a pag. 723, do nosso No. precedente.

O Sr. Marechal naõ quer deixar passar esta occasiaõ sem pagar huma divida, que reconhece ter retardado á demais, e a que saõ taõ particularmente credores os Officiaes do Estado Maior do Exercito Portuguez, e o seo Estado Maior Pessoal. O Sr. Marechal deseja reconhecer o zelo de S. Excellencia o Sr. Tenente General Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, e quanto o tem sempre auxiliado, e sente que o maõ estado da sua saude tenha privado temporariamente ao Sr. Marechal da sua assistencia. Ao Brigadeiro Ajudante General do Exercito Manoel de Brito Mozinho, deve o Sr. Marechal dar testemunho do maior zelo, e prestimo em todas as occasioens, e da obrigaçaõ em que lhe está pela sua assiduidade; e o Brigadeiro exprimirá a satisfaçaõ de S. Excellencia aos Officiaes da sua Repartiçaõ. O Sr. Marechal reconhece o zelo do Sr. Brigadeiro Benjamin d'Urban, Quartel Mestre General do Exercito; confessa a assistencia que tem recebido em todas as occasioens dos seos talentos, e conhecimeñtos militares, e particularmente na batalha de 10 do mez passado, e nestas ultimas operaçoens em tudo, o que tocava á direcçaõ de Sua Excellencia; e lhe roga o Sr. Marechal esteja certo de que aprecia plenamente os seos serviços. O Sr. Marechal naõ pode deixar de particularizar o merecimento do Sr. Coronel Henrique Harding Deputado do Quartel Mestre General (que por tanto tempo, tem servido de chefe da repartiçaõ) de quem naõ pode louvar de mais o zelo, e actividade sempre bem dirigidas pelos seos talentos: a sua conducta naõ menos na batalha de 10 do mez passado, do que em todas as outras a que Sua Excellencia tem assistido, attrahio sempre muito a sua attençaõ, assim como a sua approvaçaõ pelos serviços, que delle tem recebido. O Sr. Marechal lhe roga que acceite por tudo os seus agradecimentos. O Sr. Brigadeiro d'Urban asseg.rará á todos os Officiaes da sua Repartiçaõ, de que Sua Excellencia está perfeitamente satisfeito com o zelo destes. Tem Sua Excellencia todo o motivo para exprimir a sua satisfaçaõ ao Sr. Coronel Roberto Arbuthnot e aos Officiaes do Estado Maior Pessoal de Sua Excellencia pelo zelo, e promptidaõ, que mostraõ em todas as occasioens, e que particularmente manifestáraõ na batalha de 10 do mez passado, e nos ultimos successos.

COPIA

Dos Officios de que faz menção, o de S. Excellencia o Snr. Marechal, Marquez do Campo Maior.

PRIMEIRO.

Bivouac perto de Bearitz, 12 de Dezembro de 1813.

Meu querido Sir William: Tomo o primeiro momento que tenho de descanço, por ter sido rendida em a noite passada a 5 divisaõ pela 1., para informar-vos, que nos dias 9, 10, e 11 do corrente fomos bem fortemente atacados por huma força muito superior de inimigo, e sinto muita satisfação em participar o extremamente bom comportamento do Coronel Rego, e da sua brigada, e particularmente do Coronel M'Creagh, e do regimento 3, que teve occasiaõ de fazer hum dos mais bellos ataques, que eu nunca vi, sobre a estrada de Bayonna, occasiaõ em que foi morto infelizmente o Tenente Coronel Forjaz. O Major Campbell, e o regimento 15, tiveraõ occasiaõ de se distinguirem particularmente (na verdade elle he hum official muito benemerito) em o dia 11 dito, quando ficou com o 9 regimento Britannico para cubrir o ultimo movimento da divisaõ naquelle dia. Foraõ muito attendiveis em todos os tres dias o zelo e attençaõ do Major de Brigada Fitz Gerald, e do Capitaõ Brackenbury, que me prestaraõ consideravel auxilio; o Coronel Rego, ainda que recebeo huma contusaõ grave, naõ quiz deixar o campo. Eu supponho que elle mandara provavelmente huma participaçaõ dos sugeitos, que debaixo do seo commando tiveraõ occasiaõ de se distinguirem. Eu posso certificar que no decurso destes tres dias as tropas Portuguezas competiraõ com as Britannicas em bravura, desempenhando as suas obrigaçoens. O batalhaõ de Caçadores No. 8 fez consideraveis serviços, mas pedi ao Coronel Rego, que vos informasse, que elle tem falta de officiaes. Lamento que as casualidades tenhaõ sido taõ severas na divisaõ, e tivemos mais de que hum terço, que nellas foi comprehendido, entrando muitos officiaes estimaveis. Tive occasiaõ de observar particularmente o bom comportamento do Alferes Antonio Pinto de Carvalhaes de regimento 15. o qual ainda que ferido, naõ deixou o campo. Devo pedir licença para recommendar á vossa protecçaõ o Sargento Antonio d'Almeida Rozado, o mesmo homem, que me ajudou tanto a reunir as tropas em a sortida de S. Sebastiaõ que se tem distinguido muitas vezes desde entaõ, debaixo das minhas

vistas, e particularmente nestes ultimos tres dias; o Major Rozado (do Regimento 3 Portuguez), cujo comportamento foi exemplar, e ainda que gravemente ferido, ficou no campo por espaço de algumas horas exposto á hum fogo mui forte. O Major Soares do regimento 15 se distinguio particularmente, cubrindo no dia 11 do corrente o ultimo movimento da divizaõ para a nossa posiçaõ. Eu me considero muito feliz por ter debaixo do meu commando similhantes tropas. E permaneço com grande attençaõ—Vosso fielmente—Andrew Hay, Commandante da 5 Divisaõ—a Sir Guilherme Carr Beresford. P. S. Naõ devo esquecer-me de recommendar á vossa protecçaõ o Tenente Farinha do 8 de Caçadores, pelo seo comportamento no dia 9 do corrente, em o qual foi ferido, elle tambem se distinguio em S. Sebastiaõ.

SEGUNDO.

Villa Franca, 14 *de Dezembro de* 1813.

SENHOR,

Frequentemente tenho tido occasioens de mencionar á V. Excellencia o meritorio comportamento do Tenente Coronel Brown do 9 de Caçadores, e tambem do seo excellente corpo: eu agora me dirijo novamente á V. Excellencia, em consequencia da participaçaõ extremamente favoravel, que me fez o Major-General Byng, dos serviços hontem practicados pelo Tenente Coronel Brown, e pelos officiaes e soldados do 9 de Caçadores, e peço para os recommendar á favoravel attençaõ de V. Excellencia. Tenho grande razaõ para lamentar a grave perda, que este corpo soffreo ultimamente com particularidade pela morte do Major Harrison, e pela ferida que hontem recebeo o Tenente Coronel Brown, a qual ainda que naõ he perigosa, privará o seo paiz por algum tempo de aproveitar-se dos seos mais uteis serviços. He na verdade hum motivo de mais para o meo sentimento, que a força deste corpo ficasse taõ reduzida nos dous ultimos combates, em que elle entrou, de sorte que apenas poderá ser sufficiente para os serviços de hum corpo. Era contrario inteiramente ás minhas intençoens, que os deixassem ser os que mais soffreraõ na acçaõ, que tiveraõ hontem; porem o Tenente General Sir Guilherme Stewart, a quem foraõ mandados como apoio ate que chegassem as outras tropas, conhecendo muito bem o que devia esperar da bravura do Tenente Coronel Brown e do seo corpo, se aproveitou da occasiaõ que entaõ tinha para os empregar.—Tenho a honra de ser de V. Excellencia,—o mais obediente e humilde cria-

do, H. Clinton.—A S. Excellencia o Marechal Beresford, C. do B.

P. S. Omitti pela pressa com que escrevi esta carta, o nome do Tenente Ajudante Simpson, cuja assiduidade no desempenho dos seos deveres tive frequentemente occasioens de observar, e cuja bravura e intelligencia no campo mereceo por muitas vezes a attençaõ do seu commandante. O Major que succedeo no commando do Batalhaõ ao Tenente Coronel Brown, quando elle foi ferido, recommenda pela bravura que manifestaraõ no ataque sobre a montanha, em frente da direita da nossa posiçaõ de hontem, o Capitaõ Valente, e o Tenente Ajudante Simpson, e remetto a sua recommendaçao, convencido de que estes officiaes saõ dignos da attençaõ de V. Excellencia.

TERCEIRO.

Briscons, 16 *de Dezembro de* 1813.

Querido Senhor,

Em toda a carreira do meo serviço militar naõ tive de satisfazer huma obrigaçaõ mais agradavel do que aquella, que me sinto obrigado a fazer para com os valorosos officiaes e soldados do Exercito Portuguez, que foraõ postos debaixo das minhas ordens por Sir Rowland Hill na acçaõ de 13 do corrente.—O valor que manifestaraõ a Brigada de Artilheria do Tenente Coronel Tulloh, a brigada do commando do Brigadeiro General Ashworth, e a divisaõ commandada pelo Marechal de Campo Lecor nesta luta, foi tal como devia ser, e excitou a admiraçaõ de todos os que presenciariaõ, ou testemunharaõ os acontecimentos daquelle dia. Sem disparidade do valor e disciplina dos nossos proprios nacionaes estou inteiramente prompto a dar pelo menos huma parte igual destas virtudes guerreiras a todas as tropas Portuguèzas, que tem estado debaixo das minhas vistas em toda esta ardua campanha; nem estou menos prompto a attribuir o successo, que coroou os esforços do corpo alliado em 13 do corrente, ao comportamento verdadeiramente valoroso das tropas Portuguezas acima mencionadas. No meo officio á Sir Rowland Hill, sobre o comportamento daquellas tropas, que me fez a honra de por debaixo das minhas ordens naquella occasiaõ, conheço que naõ expuz sufficientemente o merecimento de muitos corpos e officiaes que se distinguiraõ; o zelo, a constancia, e a determinaçaõ para vencer foi taõ decidida da parte dos que combateraõ, que eu recei quasi ser injusto, se tivesse marcado mui precisamente merecimento algum particular. Sir

Rowland Hill presenciou occularmente, e pode juntamente com a minha participaçaõ official servir de amplo testemunho sobre a grande obrigaçaõ, em que esta constituida a nossa causa, para com a extremamente aperfeiçoada disposiçaõ das tropas Portuguezas, e particularmente para com a conducta dellas no dia 13 do corrente. Naquella participaçaõ mencionei o merecimento de cada corpo em termos quasi iguaes. A Brigada do Brigadeiro General Ashworth, em todas as acçoens desta campanha, tem excitado invariavelmente a minha admiraçaõ. Nem nos differentes exercitos da Europa, em que tenho servido durante esta guerra, ou a passada, eu me achei com tropas, em cujo nobre espirito eu podesse confiar tanto, sendo bem dirigido.—Unidos aos Batalhoens Britannicos da 2 divisaõ, e em muitas vezes ligados com elles os corpos Portuguezes, repelliraõ o inimigo á baioneta no dia 13 do corrente de hum modo, que poderei sempre apontar como exemplo á todos que combaterem na causa commum juntos com estes nossos valorosos alliados. Offereci á immediata attençaõ do Sir Rowland Hill o brilhante attaque, que em hum periodo critico da acçaõ foi executado pelo regimento 14, commandado pelo Major Jacinto Travassos, que foi gravemente ferido; e he da minha obrigaçaõ para com este valoroso official que eu chame a attençaõ de V. Excellencia para com o merecimento delle, e infinitamente me alegrarei, se vos o premiardes com promoçaõ, ou lhe conferirdes outras distinçoens. Se hum semelhante signal de respeito se pode mostrar á familia e memoria do valeroso Major Joze (cremos será Matthias Jose de Souza) que morreo em hum ataque do regimento 18, elle seria tributado com razaõ. O capitaõ Borges, que succedeo no commando deste esforçado corpo, vos será favoravelmente mencionado pelo Brigadeiro General Ashworth, e serei feliz se sober, que elle mereceo, e recebeo a vossa especial protecçaõ.—Em quanto ao Brigadeiro General Ashworth; o Tenente Coronel Tulloh da Artilheria; o Tenente Coronel Trant do regimento 6; o Tenente Coronel Fearon do 6 de Caçadores; e igualmente o Capitaõ Lumley do regimento 18, eu naõ posso explicar-me demasiadamente em seo louvor, e chamar com instancia a vossa attençaõ sobre o seo merecimento. Eu assim me expressei na parte que dei á Sir Rowland Hill, mas conheço que satisfaço agora por hum modo agradavel tanto á obrigaçaõ como a amizade, communicando com vosco directamente sobre este assumpto. Ha outros alguns officiaes, cujos nomes eu naõ conheço, mas cujo valor observei durante a acçaõ com particularidade. Se vos dezejardes que vos transmitta hum *memorandum* mais circunstanciado á respeito dos mesmos officiaes, ser-me-ha muito agradavel pro-

curar as informaçoens necessarias.—Pelos vossos esforços, e pela distincçaõ do merecimento, ganhou o exercito Portuguez a grande reputaçaõ, que com justiça conserva, e em quanto eu tiver a boa fortuna de servir com alguma parte delle será huma tarefa agradavel para mim dirigir o meo auxilio para o mesmo objecto, submettendo ao vosso conhecimento a benemerita conducta daquelles, que fossem postos debaixo do meu commando.

Tenho a honra de ser com attençaõ, &c.

W. Stewart, Tenente General.

P. S. O Marechal de campo Lecor, com quem tenho tido a felicidade de cooperar em arduo serviço anterior na Peninsula, terá a honra de vos participar o valeroso comportamento do regimento 2, debaixo do commando do Brigadeiro General Costa, quando foi destacado por minha ordem em hum periodo critico da acçaõ, para recupar o centro, e esquerda da minha posiçaõ. W. S.

Quartel-General de Ustaritz, 29 de Dezembro, 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, naõ quiz fazer apparecer na Ordem do Dia 25 do Corrente, nem mesmo alludir a couza, cuja lembrança podesse sombrear a satisfaçaõ que todo o Portuguez deve receber dos feitos das tropas nacionaes nella referidos; porque de outra forma teria dado o passo, que vai dar pela prezente ordem. S. Excellencia nunca perdeo da memoria nem de vista a sua ordem do dia 7 de Maio de 1812, da qual agora falla; e experimenta a mais viva satisfacçaõ em poder annunciar, que desde aquelle tempo tem os regimentos de Milicias, de que ella trata, preenchido tanto, quanto dependia delles, as condiçoens impostas na primeira parte do 2 §. da ditta ordem; pois que S. Excellencia tem motivo para louvar a regularidade, zelo, e boa disciplina patenteada, e adquirida por estes regimentos desde entaõ: e se os felizes successos da guerra, afastando de Portugal o inimigo, os tem privado como corpos de se lavarem mais completamente da mancha do infelis acontecimento, que deo origem á mencionada ordem, tem plenamente cumprido isto em seo lugar naõ só o Exercito Portuguez em geral, porem mais particularmente em muitas occasioens, e com especialidade no dia

13 do corrente, os regimentos do Porto, quinta Brigada do exercito. Esta Brigada, naõ somente composta de Irmaons, Sobrinhos, e Parentes proximos dos homens dos regimentos de Milicias do Porto, mas actualmente athe de muitos dos mesmos soldados, que entaõ eraõ destas Milicias. tem o direito de restabelecer, como com effeito tem restabelecido, o caracter da provincia, a que pertencem. Os Regimentos de linha da Provincia do Minho achaõ-se em circunstancias semelhantes para com os regimentos de Milicias da sua provincia, e se tem distinguido igualmente em todas as occazioens que se lhe tem offerecido, como se pode ver nas Ordens do dia: e em consequencia naõ so por justa contemplaçaõ com esta Brigada e regimentos de linha, mas taobem para boa vontade dos mesmos regimentos de Milicias, declara S. E. estes restituidos á consideraçaõ que sempre mereceraõ, excepto naquella unica occasiaõ; e ordena, que as suas bandeiras lhes sejaõ restituidas com as formalidades necessarias, as quaes seraõ designados pelos Senhores Generaes das provincias: e que as bandeiras, que foraõ perdidas na mesma occasiaõ, sejaõ substituidas por outras.

S. Excellencia na ultima parte do 2 §. da mesma Ordem do dia exprimio a sua opiniaõ sobre a cauza daquella desgraça; e bem demonstrado foi depois que naõ era falta de valor pessoal, (nem ninguem o poderia suspeitar á vista do que a Naçaõ tinha obrado athe entaõ,) porem sim huma especie de insubordinaçaõ, que naõ era positiva, ou filha de intençaõ, mas que procedeo do habito de demasiada familiaridade, ou convivencia entre os officiaes e os soldados; em consequencia da qual naõ tem estes ultimos aos superiores o respeito e pronta obediencia que o serviço militar exige. Se anticipadamente tivessem estes soldados sido acostumados ao respeito propriamente militar, e á pronta obediencia aos seos superiores, naõ teria havido o acontecimento, huma vez que naõ houvesse falta da parte dos officiaes, a qual com effeito naõ houve: mas os espiritos dos soldados naõ estavaõ preparados para temerem desobedecer-lhes em qualquer situaçaõ. Isto deve mostrar aos commandantes dos corpos, e officiaes de Milicias, que a disciplina so naõ basta, mas que elles devem adquirir por huma conducta justa, imparcial, e doce, e ao mesmo tempo firme, para com os seos soldados, o verdeiro respeito da parte destes, o que lhes assegurara a sua obediencia. Os Senhores Generaes de Provincia taobem verao daqui a necessidade de recommendarem para todos os gráos de officiaes de Milicias as pessoas mais abonadas, e de mais respeito dos seos districtos, combinando estas duas qualidades.

Ajudante-General—MOZINHO.

EDITAL.

A Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçaõ baixou o Avizo do theor seguinte:

Illmo. e Exmo. Senhor,

O Principe Regente Nosso Senhor he servido ordenar, que a Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegacaõ faça publicar por Editaes, que, por communicaçaõ do Ministerio de S. M. B. feita a este Governo, se achaõ levantados os bloqueios por navios Britanicos, tanto da costa situada entre Trieste, e a extremidade meridional da Dalmacia, incluzivamente, no mar Adriatico, como daquella parte do Norte da Allemanha, que comprehende a Provincia de East Frieseland, ou Frisia Oriental, o Estado de Kniphausen, e os Ducados de Bremen, e Oldenburgo; bem como de todos os portos e lugares das Provincias Unidas dos Paizes baixos, chamados vulgarmente Hollanda; devendo com tudo ser exceptuados em todas as sobreditas partes os portos e lugares que estiverem ainda na sugeiçaõ da França. O que participo á V. Ex. para ser prezente na Junta, e assim se executar.—Deos guarde a Vossa Excellencia.

Palacio do Governo, em 13 de Janeiro, de 1814.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Senhor Cypriano Ribeiro Freire.

E para assim constar, se mandaraõ affixar Editaes.

Joze Acursio das Neves.

Lsboa, 18 *de Janeiro, de* 1814.

SICILIA.

O Documento seguinte, extrahido do Morning Chronicle do primeiro, e segundo de Fevereiro, deve considerar-se como huma continuaçaõ, do que escrevemos sobre esta Ilha á pag. 209. do nosso No. XXXII. artigo Sicilia.

Extracto de huma carta de Trapani, na Sicilia, datada á 18 de Novembro, de 1813.

Eu tenho a final podido obter noticias respectivas á situaçaõ dos negocios em Palermo, e aproveito esta opportunidade para communicar-vos a rezulta das minhas indagaçoens.

Logo que Lord W. Bentinck partio para a Hespanha em Maio passado, M. Smith foi chamado da Sardenha á fim de occupar o lugar de Secretario debaixo do General Lord Montgomerie. A Rainha, ainda que mui doente, vio-se obrigada a partir da Sicilia para Zante no dia 14 de Junho; e dahi para Constantinopla no dia 3 de Agosto passado. O Parlamento foi convocado segundo a nova Constituiçaõ; porem os Membros eleitos naõ foraõ da aprovaçaõ do partido Ventimigliano. Durante as primeiras sessoens depois do ajuntamento, que teve lugar no dia 8 de Julho, observaraõ-se alguns indicios de huma disposiçaõ para expellir o jugo *Baronial*, e dispôr os negocios de tal maneira, que em lugar de hum Rei, elles naõ estivessem agora sujeitos á cem tirannos. As fallas dos Membros da Caza dos Communs foraõ mui energicas, e asseguro-vos, que nunca julguei, que a Sicilia produzisse homens de tanta capacidade, e tanto patriotismo. O thesoiro estava inteiramente exhaurido; e como Lord W. Bentinck estava auzente, o qual tinha ate entaõ apoyado o Governo com emprestimos da Inglaterra á instancias de Ventimiglia, e o seo partido, Castelnovo o ministro de finanças, apresentou o seo *budget*, o qual, a dizer a verdade, naõ era hum *budget*, mas sim hum plano de novos impostos, imaginados e dictados sem hum so principio de economia politica. O author deste projecto quiz *Inglezar*, sem ter a menor idea dos principios de finança, adoptados pelos Inglezes. Aqui se vem tributos impostos em cavallos, mulas, burros, criados, carruagens; porem a pezar deste verniz Inglez, era facil de perceber o antigo sistema, ate agora taõ oppressivo ás classes inferiores da sociedade; o imposto sobre a farinha augmentou-se á dezasseis *terri* em cada *salm* (oito alqueres pouco mais ou menos), hum tributo Parlamentar inaudito na Sicilia, ainda mesmo nos tempos da sua maior prosperidade, antes da benefica intervençaõ do Governo Britannico: por que alem desta taxa geral, os districtos saõ obrigados, para as suas despezas correntes, a carregar com tributos addicionaes a moedura do trigo. Palermo terá de pagar doze *terri* visto que nos dois seculos passados a taxa foi vendida aos credores do destricto, os quaes recebem os seos devidendos, e saõ denominados *Birnestranti*. Messina terá de pagar outros trinta *terri* no *salm*, taxa, que se tinha alienado da mesma maneira que a precedente de sorte, que o imposto em Palermo montará á vinte e oito *terri*, e em Messina a

quarenta e seis. O ministro de finanças naõ considerou na impropriedade de propor hum augmento das taxas acima de meio milhaõ, sem ter primeiramente dado ao Parlamento huma conta do uso, que se tinha feito dos subsidios pecuniarios, dados no anno precedente. Por tanto a Camera resolveo naõ entrar na questaõ de novos subsidios, sem que lhe fosse apresentada a conta da despeza do anno passado. O Parlamento mostrou alguma firmeza em reduzir a pensaõ do Duque de Orleans, a qual lhe tinha sido dada mui prodigamente pela influencia do partido Ventimigliano, em proporçaõ ao dote de sua molher, a Princeza Amelia. E eu naõ posso deixar de confessar, que huma pensaõ de 24 mil onças por anno, que segundo o prezente cambio he igual a 18 mil libras esterlinas, era hum pezo que o Reino naõ podia soportar, especialmente se considerarmos que, pela lista civil, o Rei e a Rainha naõ tinhaõ mais que 15 mil onças por mez, com a obrigaçaõ de pagar toda a corte. Situado desta maneira o estado das finanças, o ministro cometeo dois actos de huma natureza a mais despotica: e entre hum povo livre elles com toda a razaõ devem ser accusados.

O primeiro destes foi huma Ordem de Conselho, (em hum caso onde o seo objecto naõ podia ser considerado como hum regulamento politico, mas como huma lei, e ao mesmo tempo huma decisaõ judicial,) a favor do Principe de Castelnovo ministro das finanças e hum dos membros do Conselho Privado, pela qual se ordenou que elle obtivesse a herança dos Estados do Ducado de Cuamo. Desta maneira o Conselho Privado invalidou os tribunaes de justiça: elle naõ so arrogou á si o poder legislativo com o judicial, annullando a authoridade dos tribunaes, mas tem tambem publicamente violado os principios mais vitaes de hum governo livre, e tem feito o que nunca seria permittido na Inglaterra, nem mesmo disfarçado em hum Ministro de paz de huma provincia. O Ministro Inglez nunca se queixou contra este grande desprezo da Constuiçaõ, mas admittio como hum principio, que os Membros do Conselho Privado podem assumir o direito de decidir em causas, onde os seos interesses estaõ envolvidos.

O motivo do outro acto foi huma pequena commoçaõ popular, (a qual tem sido mui exagerada nas Gazetas Inglezas) em consequencia do exorbitante preço de mantimentos; o motim principiou nas prizoens publicas, porem nem os prizioneiros escaparaõ, nem pessoa alguma do povo foi morta ou ferida, exceptos alguns cidadaõs pacificos, mortos pela soldadesca. O Conselho Privado de moto proprio, e sem ser authorizado por hum Bill passado em Parlamento, o que seria legal entre vós, pôz a cidade de Palermo debaixo

de huma lei militar, fazendo Prezidente do Conselho de Guerra o General Boureard, hum Suisso; esta he outra violaçaõ da Constituiçaõ; visto que nenhum estrangeiro, segundo ella, pode ter emprego algum civil ou militar. Este conselho está authorizado de sentenciar de huma maneira summaria, e punir immediatamente sem appellaçaõ todos os individuos complices nos tumultos; e tudo isto, sem authoridade da Legislatura, he huma bella prova da constituiçaõ Ingleza. Estas saõ, meo amigo, as ideas liberaes dos homens, que na Inglaterra saõ considerados como amigos firmes da constituiçaõ Britannica. O modo despotico de proceder; que acabo de mencionar, e que he hum perfeito modelo das commissoens militares de Bonaparte, nos induz a concluir, que a moda dominante naõ he hoje a *Anglomania*, mas sim a *Gallomania*.

Entre tanto o Parlamento guardava o mais profundo silencio, e o povo pedia protecçaõ aos seos Reprezentantes. A final este corpo, tomando o tom mais moderado que exigiaõ as circunstancias, limitou-se a fazer algumas mui respeituozas queixas ao Principe Regente. O Ministerio, que se naõ via auxiliado pelo Lord Bentinck, que entaõ estava auzente, julgou que o milhor modo de socegar o Parlamento era dar a sua dimissaõ; e o Principe Regente, com o consentimento do Lord Montgomerie e Mr. Smith, fez a escolha de novos Ministros. Estes, ainda que se naõ podiaõ considerar como homens dos mais emminentes talentos, com tudo pela sua probidade e experiencia em os negocios do governo eraõ mui proprios para dirigir o navio do Estado nesta tempestuoza occaziaõ. Os seos nomes eraõ o Duque de Lucchisi, Avarna, Ferreri, e Noselli. O publico mostrou-se muito satisfeito com a escolha; e o Parlamento, estando certo de que a nova Constituiçaõ naõ seria por consequencia logo destruida na sua origem, entrou no exame do *budget*; approvou as despezas, e deixou para milhor tempo a discuçaõ das *vias e dos meios*. No em tanto o partido de Ventimiglia conservava toda a sua influencia com o Principe Regente. Em razaõ disto induziraõ S. A. R. por todo o Agosto, Setembro, e Outubro a prorogar o Parlamento de tempos em tempos, ora por oito ora por dez dias; e no fim de cada hum destes periodos a naõ lhe permittir que tivesse mais de huma ou duas sessoens, sem que de novo fosse logo prorogado, huma vez que se fazia alguma moçaõ sobre as contas dos ultimos Ministros. Todas estas manobrar naõ tinhaõ outro fim senaõ o ganhar tempo athe a volta do Lord Bentinck, por quem esperavaõ seria outra vez chamado para o Ministerio o partido Ventimigliano. Isto assim aconteceo, porque apenas elle chegou, immediatamente se fizeraõ

todas as tentativas para persuadir os Membros populares a dimittirem o seo emprego; e como o naõ podessem consiguir, aconselháraõ entaõ o Principe Regente a expulsar hum Ministerio, que tinha huma taõ decisiva preponderancia em ambas as Cameras, e a substituir-lhe o partido que havia perdido toda a sua influencia no Parlamento. Este he pois na minha opiniaõ o mesmissimo partido, naõ porque se componha dos mesmos membros, pois que nem Ventimiglia nem Castelnovo entraõ nelle; mas porque os dois que os foraõ substituir saõ Villa Franca e Buonanno, ambos dependentes de Ventimiglia; e os outros saõ Carini e Settimo, que eraõ membros do antigo Gabinete. Depois deste acontecimento o Parlamento se dissolveo, e os negocios ficaraõ em hum tal estado de desordem, que nada há comparavel com a actual violencia revolucionaria. Em differentes partes da capital se tem levantado forcas, e os tribunaes militares acabaraõ ja athe com as mesmas sombras da liberdade civil. Talvez eu naõ possa tornar a dar-vos noticias deste paiz, porque o sistema de espionagem, taõ reprovado por Lord Bentinck, foi restabelecido sobre o plano Francez. Naõ há ninguem que naõ trema; as cartas saõ todas abertas nos correios; e hum Napolitano, só por suspeitas de ser o auctor de huma caricatura, foi agarrado em hum café, e metido em prizaõ!

Eu acabo esta carta com outro exemplo do sistema de tirania, que agora está em vigor. Imprimio-se em Palermo hum escripto contra a detestavel influencia que tem forçado este paiz a sugeitar-se a huma Administraçaõ odioza; e o qual insinuava, que se devia mandar huma deputaçaõ a Inglaterra a queixar-se desta violaçaõ da constituiçaõ. Este papel, deque eu vos remetto a copia, nem mesmo em Inglaterra, como vós podeis ver, seria considerado como hum Libello, digno de censura. Suppoem-se, que he obra do Duque de Angio, e em consequencia disto foi prezo este fidalgo."

INGLATERRA.

Tribunal das Appellaçoens—High Court of Appeals.

No dia 9 do corrente ajuntou se movamente este Tribunal, e do que se passou a respeito dos Navios Portuguezes tomados na Costa de Africa, deu o Consul Geral Joaquim d'Andrade Conta no Embaixador de S. A. R. na Carta seguinte que Sua Excellencia mandou aos Redactores para ser inserida neste Journal, e por esta via chegar mais facilmente as conhecimento de todos os Interessados.

Whitehall, Londres 9 de Fevreiro 1814.

Illmo. e Exmo. Senhor,

Depois de assistir a Corte da appellacaõ até o momento que se disolveo tenho a honra de partecipar a V. Ex. que os Lords permitiraõ que se prosegui-se em appelaçoens—por assim se lhe ter pedido,—Os Cazos dos Navios Seguintes, Triumfante, Urania, Prazeres, Flor do Porto, Dezemganos, e Destino.

E quanto aos mais Cazos naõ se fez mençaõ;—de sorte que em quanto para os outros Navios que naõ tem aqui agentes, estamos na mesma situaçaõ da supplica de Julho passado, que os Lords deixaraõ de decidir té outra occaziaõ.

Deos G. a V. Ex. M. Ans.

De Vossa Excellencia,
Muito Obed. Ven. e Fid. Co.
J. ANDRADE.

Illmo. e Ex. Senhor,
CONDE DE FUNCHAL.

Continuando o Tribunal por este modo a deixar indeciza a suplica que tem feito o Consul Geral para que prolongue o Termo expirado da appellaçaõ em todos os cazos indistinctamente, e concedendo a prolongaçaõ successivamente em todos aquelles, aonde apparecem Agentes, autorizados para a requerer ; fica suspendida toda a ajudicaçaõ do producto das prezas aos captores, e facil aos dois Governos a escolha do methodo que se hade seguir para indemnizar as Partes, quando forem conhecidas officialmente as justificaçoens das Perdas, e Damnos Individuaes a que S. A. R. o Principe Regente N. S. mandou proceder perante a Junta do Commercio do Rio do Janeiro, e perante as Mezas de Inspecçaõ nos outros Portos.

Nota—Os nossos Leitores teraõ presente a consulta que publicamos a *pag.* 520, do Numero XXXI.

Conta da Reducçaõ da Divida Nacional desde o 1 de Agosto de 1786 até o 1 de Novembro de 1813.

	Libras.
Divida remida pelos fundos de amortizaçaõ -	227,412,215
Divida remida pelas taxas territoriaes - -	24,569,830
Divida remida pela compra de Annuidades vitalicias - - - - - - -	2,284,730
Por conta da Gram Bretanha - - -	254,266,775
Por conta da Irlanda - - - -	11,979,791
Por conta do Imprestimo Imperial - -	1,482,848
Por conta do Imprestimo para Portugal -	207,608
Por conta do Imprestimo para a Companhia da India - - - - - -	241,356
Total - - -	268,178,378

A soma que se despenderá no proximo quartel sera de £. 4,621,526 3s. 8d.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 8 de Fevereiro.

Nesta Secretaria se receberaõ os despachos, de que damos os extractos seguintes, os quaes foraõ remetidos pelo

Lord Burghersh, e pelo Tenente General Sir Carlos Stewart, K. B.

Extracto do Lord Burghersh, datado de Vesoul, a 14 de Janeiro, 1814.

Em consequencia do sistema, adoptado pelo Principe Schwartzenberg, e que eu ja tive a honra de explicar a V. S., a rezerva, commandada pelo Principe de Hesse, derigio-se para Besançon a 9, e investio completamente esta fortaleza.

O General Bubna teve ordem para avançar para Dole; porem a direcçaõ da sua marcha se mudou, e tomou o caminho de Liaõ.

Depois dos ultimos despachos, que eu tive a honra de enviar a V. S. tem havido combates de grande importancia entre os corpos do General Wrede e o Principe Real de Wurtemberg, eas forças francezas que tinhaõ em frente.

A guarda avançada do General Wrede, as ordens do General de Roy, for atacada a 10 em St. Diez pelo corpo do General Milhaud, que ultimamente occupava Colmar. Esta guarda avançada teve que retirar-se para traz de St. Margarida. Com tudo o General de Roy, juntando as suas forças, atacou o inimigo, ainda que superior em numero, o fez retirar athe l'Etape, tomou-lhe 500 prizioneiros, e matou-lhe e ferio-lhe muita gente. St. Diez foi retomada. O General de Roy ficou ferido nesta occaziaõ; e o Coronel Freyberg derigio o proseguimento destas primeiras vantagens.

O General Wrede perdeo neste combate 10 Officiaes, mortos ou feridos, entre os quaes sentio particularmente a morte do Major Harret, do 8 regimento de infantaria, e a ferida mui grave do Major Baraõ Petten. A perda de soldados chega quasi a duzentos.

As intençoens do General Milhaud neste ataque contra os Bávaros parecem ter sido o apoder-se das bôcas das montanhas de Vosges no Vale do Rheno. Mas este seo intento, de grande importancia para os exercitos Francezes, ficou frustrado pelo bom comportamento das tropas, e pelas habeis disposiçoens do General de Roy. O General Wrede avançou depois com o seo corpo para Rombervillers e Bruyeres.

O Principe Real de Wurtemberg, tendo chegado a 10 á Remiremont, teve noticias de que hum corpo Francez de 4,000 homens, principalmente composto das novas guardas de Bonaparte, occupava Epinal; e em consequencia se re-

zolveo a ataca-lo. Fez marchar as suas tropas para executar isto a 12; e o General Platow, que auxiliava este movimento, marchou pela direita do inimigo para Charmes, a fim de postar-se na sua retaguarda.

Os Francezes se retiráraõ ao verem aproximar-se o Principe Real.

Com tudo aquelle Official perseguio o inimigo com a sua cavallaria, e artilharia; poude alcança-lo, e lhe fez hum consideravel numero de prizioneiros.

A guarda avançada do General Platow, commandada pelo General Grechow, cahio sobre o flanco do inimigo na sua retirada para Thaon. Carregou a sua cavallaria, dispersou-a, e tomou-lhe alguns prizioneiros.

A artilharia do General Platow retardou-se pelo máo estado das estradas, mas naõ obstante chegar hum pouco tarde, ainda fez hum consideravel effeito.

O inimigo foi perseguido athe Charmes; e 500 prizioneiros, huma consideravel quantidade de bagagens, armas, e muniçoens cahiraõ em poder dos alliados. A perda Franceza em mortos e feridos tem sido muito avultada.

Os resultados das vantagens, conseguidas pelo General Wrede e pelo Principe R. de Wurtemberg, serviraõ para limpar todo aquelle paiz da prezença do inimigo que estava na direita do Principe Schwartzenberg, e fazer por consequencia, que este podesse dispor das forças, ás ordens do Principe Real, para as suas operaçoens em frente de Langres, e deixar a defeza da sua direita unicamente ao corpo do General Wrede.

Depois da passagem do Rheno pelo General Wittgenstein, os Cossacos que elle commanda, tem tido alguns recontros mui felizes com o inimigo.

A 7, o General Rudiger poz-se em marcha para tomar posse de Wauzenau. A sua chegada, o inimigo abandonou a cidade, mas foi postar-se com 1,000 infantes e 500 cavallos perto de Henheim. O General Rudiger o carregou com força, tomou-lhe dois Officiaes, e 60 homens, e perseguio aquelle corpo athe as portas de Strasburgo. O inimigo deixou no campo da batalha 70 homens mortos, e entre elles o commandante do corpo.

Parece que Bonaparte tem empregado todos os meios para induzir o povo de França a pegar em armas contra as tropas alliadas, que ja estaõ dentro das fronteiras; mas naõ tem sido bem succedido. Em Langres se atiráraõ alguns tiros sobre huma patrulha Austriaca, que entrou no cidade; porem se os habitantes fizeraõ isto foi pela directa influencia de huma pessoa, mandada de proposito por Bonaparte.

Para fazer a devida justiça ao Principe Schwartzenberg, devo dizer a V. S., que elle tem feito guardar a mais bella disciplina á todo o seo exercito, depois que entrou em França. Nenhuns insultos tem commettido as suas tropas ; e toda a casta de violencia tem sido severamente reprimida. Hé igualmente mui honrozo para aquellas tropas o ver como tem hum procedimento taõ differente daquelle, que ellas tem visto praticar pelos Francezes em toda a parte aonde tem entrado.

EXTRACTO

Do Lord Burghersh, datado de Langres, a 18 de Janeiro, 1814.

He com a maior satisfacçaõ que eu dato os meos despachos de Langres.

Vossa Senhoria ja estava informado, como huma força inimiga, composta das guardas de Buonaparte, tinha tomado a importante posiçaõ desta cidade.

As montanhas de Vosges, que formaõ por este lado a barreira principal da entrada para o interior da França, offerecem huma formidavel posiçaõ para hum exercito, que se queira defender nas vezinhanças desta cidade.

Com a chegada das guardas prezumia se, que algum corpo consideravel de tropas Francezas se ajuntaria ali. Em razaõ disto o Principe Schwartzenberg determinou avançar com huma força, que lhe segurasse o bom successo do attaque da posiçaõ.

O Marechal Mortier naõ esperou pela chegada do exercito alliado. Suppoem-se que elle principiou á retirar-se á 16. No dia 17, o General Giulay adiantou as suas avançadas. O Commandante da Cidade pertendia capitular, porem intimou-se-lhe, que se rendesse, pois que naõ tinha ficado com meios alguns de defeza. A leva em massa, ordenada por Buonaparte, naõ chegou a por-se em execuçaõ pelo povo.

O General Giulay tomou posse da Cidade; e 13 peças de artilharia, vindas de Dijon, muita quantidade de polvora, e 200 homens foraõ tomados pelos alliados.

O Marechal Mortier retirou-se para Chaumont, e occupou a cidade com 12,000 homens das antigas guardas, sem que esteja auxiliado por mais outras tropas.

Parece que nenhum reforço lhe tem chegado a Chaumont.

O Principe Real de Wurtemberg teve ordem para marchar para aquella cidade, e espera-se que entrará nella esta noite.

O General Conde Platow ja chegou com os seos Cossacos a Neufchateau, e tem deitado patrulhas athe as vezinhanças da cidade.

O Quartel General do General Blucher devia estar hontem em Nancy. Os Cossacos do Principe Tcherbatoff, segundo as ultimas noticias que elle nos tem communicado, avançavaõ para Toul.

EXTRACTO

De Sir C. W. Stewart, datado de Basilea, a 17 de Janeiro, 1814.

As particularidades recebidas de todos os corpos avançados continuaõ a dar as mais bellas esperanças.

O Marechal Blucher tem tomado quazi 3,000 prizioneiros, e 25 peças de artilharia depois da sua passagem do Rheno. As suas ultimas noticias saõ dè St. Arrol, em data de 10 do corrente. Alguns destacamentos do seo corpo occupaõ Treveris, e em poucos dias Luxemburgo será investida.

O Marechal Marmont vio-se precizado a fazer marchas mui rapidas para impedir que o exercito da Silezia, passando as montanhas de Vosges, lhe cortasse a sua retaguarda. Na sua retirada tem destruido todas as pontes do Saar; porem o Marechal Blucher sempre o vai perseguindo.

V. S. deve receber sobre a marcha dos exercitos noticias muito mais miudas do que as que eu lhe posso dar.—O Principe Schwartzenberg ainda estava a 15 em Vesoul. O inimigo reunia-se em Langres, e o Principe Marechal preparava-se para o attacar no cazo que elle ali se demorasse; o que eu duvido muito. Todas as suas disposiçoens ja estaõ feitas para este fim. O grande exercito Russiano, commandado pelo General Barclay de Tolly, estará pronto para auxiliar as operaçoens offensivas do Principe Schwartzenberg. O corpo do General Wittgenstein occupa o paiz entre o General Barclay de Tolly e o Marechal Blucher; e as rezervas Russianas e Prussianas, juntamente com Sua Magestade Imperial o Imperador da Russia, sahiraõ daqui para Vesoul.

A guarniçaõ Franceza, que se retirou para Besançon, monta a 3,000 homens.

Befort continua a ser bombardeada, e o General Schoffer commanda as forças ali empregadas.

Os ultimos officios do General Bubna saõ datados de Burg em Bresse, depois de ter deixado destacamentos em Genebra, Fort l'Ecluse, que foi tomado, e em Setten. O Simplon, e S. Bernardo estaõ ja occupados. O Principe de Wurtemburg avançou d'Espinal, havendo-se retirado o inimigo para Charme, depois de ser batido pelo General de Roy. O Principe de Hesse Hombourg sahio de Dole, e o General Scheiter esta sitiando o forte de Salens. Os Cossacos do General Platoff aparecem em toda a parte.

EXTRACTO

De Sir C. W. Stewart, datado de Bazilea, a 22 de Janeiro, 1814.

As particularidades, que V. S. receberá dos progressos do grande exercito, devem ser de maiôr interesse do que quanto eu posso agora relatar. A entrada do Imperador da Russia em Vesoul com as rezervas Russianas e Prussianas, o abandono de Langres e das posicoens que ali tinha o inimigo, e a marcha do Principe Real de Wurtemberg para Chaumont saõ motivos de grande satisfacçaõ. Os movimentos das grandes forças, que os alliados agora tem em toda a parte, punhaõ o inimigo em taõ criticas circunstancias, que me deraõ occasiaõ á eu poder declarar antecipadamente no meo anterior despacho, que elle naõ se poderia manter em Langres.

As ultimas noticias do Marechal Blucher saõ de 17, datadas de Nancy. Elle enviou para o Quartel General as chaves d'aquella cidade, e o Imperador da Russia encontrou o official, que as trazia, no mesmo tempo da sua marcha para Vesoul. Immediatamente remetteo duas destas chaves ao Rei de Prussia, rezervando as outras duas para si; o que mostra o muito respeito e attençaõ com que sempre se trataõ os Soberanos alliados. O Marechal Blucher communica com o Corpo do General Wrede, e por este com todo o grande exercito. Este agil e desembaraçado Veterano faz tudo com tanta presteza e rapidez, que he hum grande exemplo para todos os que andaõ na mesma carreira militar.

Com a maior satisfacçaõ tenho que annunciar a V. S. outro brilhante successo das armas Prussianas. El Rey de Prussia

ja está outravez Senhor de Wurtemberg, e só por effeito do gloriozo valor das suas briozas tropas. O sitio tinha começado a 28 de Dezembro, e a praça cahio em nossas maõs a 12 de Janeiro. O máo tempo, nem a valente rezistencia do inimigo foraõ capazes de impedir o vigorozo esforço dos sitiantes. A primeira brecha se abrio a 11, e no dia 12 ja era praticavel, quando se recuzou a capitulaçaõ proposta pelo inimigo. O assalto fez-se á meia noite em quatro colunas; e os valerozos Prussianos romperaõ por todos os obstaculos, ficando senhores da praça em menos de meia hora. Toda a parte da guarniçaõ, que naõ quis depor as armas ficou morta. O Governador tinha fortificado o Castello e a Caza da Camera; mas esta foi entrada pelas tropas, e o Governador, que ali estava, rendeo-se á descripçaõ com o resto da sua gente.

Este feito militar augmentaria grandemente o credito do mui distincto General Tauentzien, se ainda lhe fosse precizo este augmento de gloria; mas tudo o que elle tem feito nesta guerra he ja taõ conhecido, que basta para que a sua memoria nunca seja esquecida em toda a posteridade.

Este sitio custou-nos quasi 300 homens, entre mortos e feridos; e no assalto perderaõ-se quasi 100, e tivemos 7 officiaes feridos.

Os Prussianos acharaõ ali 96 peças de artilharia, e fizeraõ 2,000 prizioneiros. Em Torgau ja elles haviaõ encontrado 316 peças; e em ambas estas duas fortalezas descobriraõ consideraveis armazens de trigo e polvora.

O General Tauentzein marchará logo para Magdebourg. O que se naõ deve perder de vista he, que qualquer fortaleza que agora se rende pelas admiraveis disposiçoens que para isto se tem feito, augmenta consideravelmente as forças que marchaõ contra o inimigo.

Nos temos por consequencia ainda grandes reforços, e tres linhas de rezerva, que saõ as do Oder, do Elbo, e do Rheno, das quaes estamos cada dia recebendo novos auxilios.

Os Quarteis Generaes do Imperador d'Austria e do Rei de Prussia seraõ hoje transferidos para Vesoul.

Fevereiro 8, *de* 1814.

O Conde Bathurst recebeo de Sir T. Graham hum despacho, de que damos a copia seguinte.

Quartel General da Calmhout, 14 *de Janeiro*, 1814.

My Lord,

O General Bulow, commandante em chefe do 3. corpo do exercito Prussiano, tendo me avizado que na manham de 11 elle hia pôr em execuçaõ o intento que tinha de desalojar o inimigo da sua posiçaõ de Hoogstraeten, e Wortel sobre o Merk, a fim de fazer o reconhecimento de Antwerpia, e que assim dezejava que eu cobrisse o flanco direito do seo corpo; eu fiz marchar de Rosendall a parte disponivel das duas divisoens do meo commando, e cheguei ali ao romper do dia na manham de 11. O inimigo, depois de huma obstinada rezistencia, foi arrojado com perda pelos tropas Prussianas, de West Wessel, Hoogstraeten, &c. &c. para Braeschat, Westmeille, &c. &c.

Novas disposiçoens se fizeraõ para o attacar no outro dia; mas retirou-se em a noite de 11, e foi tomar posiçaõ perto de Antwerpia, conservando a sua esquerda em Merxem. O General Bulow occupou com grandes forças Braeschat em a noite de 12.

Eu avancei para Capelle pela estrada Real de Bergenopzoom para Antwerpia, a fim de estar pronto para cooperar para o attaque destinado para hontem.

A Divizaõ do Major General Cooke ficou de rezerva em Capelle; e a do Major General M'Kenzie derigio se por Ekeren e Done para Merxem em razaõ de estarem ambas as grandes estradas occupadas pelos Prussianos. Em quanto estes estavaõ mais fortemente empenhados na esquerda, a Brigada do Coronel M'Leod, conduzida por elle em pessoa, e debaixo da immediata direcçaõ do Major General M'Kenzie fez hum brilhantissimo attaque contra a aldea de Merxem.

O rapida mas bem derigida marcha do destacamento do 3. batalhaõ de caçadores, commandado pelo Capitaõ Fullarton; e do 2. batalhaõ do 78, as ordens do Tenente Coronel Lindsay; auxilliados pelo 2. batalhaõ do 25, do Major M'Donell; e pelo 23, do Tenente Coronel Elphinstone; conjunctamente com o immediato attaque de baioneta do 78, ordenado pelo Tenente Coronel Lindsay; decidiraõ a sorte deste dia com mais brevidade, e com muito menor perda do que era de

esperar á vista da forte posiçaõ do inimigo, e do seo numero.

O Coronel Macleod foi gravemente ferido, e ainda assim mesmo naõ quiz deixar o commando da sua brigada, athe que se vio exhausto de todas as forças pelo muito sangue que perdeo. Espero com tudo naõ estar por muito tempo privado dos serviços deste distincto official

O inimigo foi levado athe Antwerpia, soffrendo grande perda, e lhe tomamos alguns prizioneiros.

Todas as tropas se comportaraõ muito bem; e era impossivel que soldados veteranos desenvolvessem mais valor do que estes, que pela primeira vez viraõ o inimigo.

A disciplina e intrepidez do *Highland* Batalhaõ, que eu tive a fortuna de conduzir ao attaque da aldea, faz a maior honra a estes homens, e aos seos officiaes.

As peças da brigada do Major Fyer, que auxilliaraõ o attaque, fizeraõ calar huma bateria inimiga.

O habil official, Tenente Coronel Gibbs do 52, que foi mandado para Merxem para encobrir a sahida dos tropas que ali estavaõ, conservou-se neste posto athe á noite.

Os Prussianos, depois deste bello reconhecimento, voltáraõ para os seos acantonamentos, e as tropas do meo commando hiraõ tomar igualmente os seos, que dantes tinhaõ.

A severidade da estaçaõ tem sido excessiva.

Tenho a honra de ser, &c.

THOMAS GRAHAM.

---

13 *de Fevereiro de* 1814.

Hum officio, de que damos a seguinte copia, foi hontem á noite recebido na Secretaria de Lord Bathurst, dirigido á S. Sa. pelo General Sir Thomas Graham, datado de Merxem á 6 de Fevereiro de 1814.

Quartel General, Merxem, 6 *de Fevereiro de* 1814.

MY LORD!

Eu teria summa satisfaçaõ se podesse informar á V. S., que o movimento sobre Antwerp, que o General Bulow ordenou se fizesse no dia 2 do corrente, tinha sido productivo de

melhores resultas ; porem a falta de tempo, e de meios mais efficazes assinara a V. S. o motivo do máo successo das nossas esperanças ; por que o General Bulow (depois de termos superado todos os obstaculos que se oppunhaõ á tomarmos huma posiçaõ perto da cidade) recebeo ordens para marchar para o sul a fim de cooperar com o grande exercito ; e a continua severidade do inverno naõ so me impedio de receber da Inglaterra peças de artilheria, e suas pertencentes muniçoens, mas mesmo impossibilitou o desembarque da maior parte do que estava á bordo dos transportes perto de Williamstadt, em consequencia do gelo atalhar toda a communicaçaõ com elles. Com tudo eu tenho hum sincero prazer de assegurar á V. S, que todo o serviço foi executado pelos officiaes á testa das differentes Repartiçoens com o maior zelo, e discernimento.—A fim de supprir a falta da nossa artilheria, todos os morteiros Hollandezes capazes de serem empregados, com todas as muniçoens que se podiaõ colligir, foraõ aparelhados em Williamstadt, e na noite do primeiro do corrente as tropas da primeira e segunda divisoens, que podiaõ ser dispensadas de outros serviços, foraõ ajuntadas em Braeschut, e na manham seguinte esta aldea (fortificada com grande trabalho desde o nosso ataque precedente) foi levada de assalto da maneira a mais bizarra em menos tempo, e com menos perda do que eu pensaria possivel. O Major General Gibbs, que commandava a segunda divisaõ (na auzencia do Major General M'Kenzie, o qual se achava molesto em consequencia de huma perigosa queda que deo do seo cavallo) habilmente apoiado pelo Major General Taylor, e pelo Tenente Coronel Herries, que commandava a brigada do Major General Gibbs, dirigio este ataque, no qual as tropas empregadas se houveraõ com o espirito e intrepidez, que tanto caracterizaõ os soldados Britannicos. Eu estou particularmente obrigado aos officiaes ja mencionados ; como tambem ao Tenente Coronel Cameron commandante dos destacamentos dos tres batalhoens do Regimento 25 ; ao Tenente Coronel Hompesch e ao seo Regimento 95 ; ao Major A. Kelly e ao seo Regimento 54 ; ao Tenente Coronel Brown, e ao seo Regimento 56 ; e ao Major Kelly e ao seo Regimento 73 ; pela maneira brilhante com que attacáraõ o flanco esquerdo, e o centro da aldea, forçando o inimigo de todas as suas posiçoens fortes, e escalando a bateria posta sobre hum moinho em *Ferdinand's Dyke ;* entretanto que o Major General Taylor, com o Regimento 52 debaixo do Tenente Coronel Gibbs, o Regimento 35 debaixo do Major Macalister, e o Regimento 78 debaixo do Tenente Coronel Lindsay, marchando para o flanco direito, e directamente sobre o moinho de *Ferdinand's Dyke*, ameaçou cortar a communicaçaõ do inimigo de Merxem

para Antwerp.—Tomaraõ-se duas peças de artilheria e hum consideravel numero de prizioneiros. Naõ se perdeo tempo em marcar lugar para as baterias, as quaes em virtude dos muito grandes esforços da artilheria debaixo do Tenente Coronel Sir G. Wood, dos Engenheiros debaixo do Tenente Coronel Carmichael Smyth, e da energia, e boa vontade dos que trabalhavaõ, ficaraõ completas ás tres horas e meia da tarde no dia 3 do corrente.—As baterias começaraõ o fogo á mesma hora. Em pouco tempo se percebeo evidentemente o estado imperfeito, em que se achavaõ os morteiros e munições de Williamstadt. Consequentemente se diminuiraõ os meios, e perdemos muito tempo, naõ podendo de novo principiar com o fogo senaõ no dia seguinte ao meio dia. — O fogo deste dia desmontou cinco peças das seis de calibre 24. Hontem continuou-se o fogo todo o dia. A manobra era admiravel, porem naõ havia hum numero sufficiente de bombas, com as quaes podessemos deitar fogo á muitas partes dos navios, e por este modo impedir ao inimigo que o extinguisse ; o nosso fogo cessou hontem inteiramente ao pôr do sol. Naõ me he possivel dar huma descripçaõ adequada aos grandes esforços das duas Repartiçoens de artilharia: Eu tenho toda a razaõ para estar satisfeito com a firmeza das tropas, e com a attençaõ dos officiaes de todas as graduaçoens durante este serviço. Destacamentos do corpo de caçadores debaixo do commando do seo habil Commandante Tenente Coronel Cameron foraõ os primeiros, que atacaraõ, e as sua boa conducta manteve em segurança as baterias de *Ferdinand's Dyke*, e ainda que esta linha estava debaixo da pontaria do inimigo, e todas as partes da aldea estavaõ expostas ao seo fogo, com tudo tenho a felicidade de participar-vos, que naõ foi consideravel o numero de homens, que perdemos. Apenas tivermos tudo desembaraçado, pretendemos retirar-nos para os alojamentos, em que eu e o General Bulow temos determinado Eu faria huma grande injustiça ao General Bulow, se concluisse este despacho, sem manifestar a minha admiraçaõ pela bella maneira, com que elle formou a desposiçaõ do movimento, e apoiou este ataque.

O inimigo tinha grandes forças nas estradas de Deurne e Berchem, porem estas foraõ em todos os lugares repellidas pelos valerosos Prussianos, ainda que estes soffreraõ huma perda consideravel.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) THOMAS GRAHAM.

13 *de Fevereiro de* 1814.

Os Despachos dos quaes damos as seguintes copias e extracto, tem sido dirigidos á Lord Bathurst pelo Major M'Donald, datados de Oliva a 11 de Dezembro de 1813, e a 8 e 18 de Janeiro de 1814.

11 *de Dezembro de* 1813.

My Lord,

Se V. S. quizer informar-se das operaçoens do cerco, e do estado da artilheria, &c. o Capitaõ Macleod portador destes, (o qual peço licença de recommendar á V. S. como hum official de muito merecimento), satisfará á V. S. plenamente sobre este objecto.

Tenho a satisfaçaõ de participar á V. S., que Modlin se tem rendido, fortaleza esta de huma força consideravel, e muito essencial aos interesses de Dantzic, relativamente ao seo commercio.

Oliva, perto de Dantzic, 8 *de Janeiro de* 1814.

My Lord,

Tenho a honra de informar á V. S, que as tropas alliadas no dia 2 do corrente tomaraõ posse da cidade, e fortificaçoens de Dantzic. S. M. o Imperador da Russia refusando ratificar os principaes artigos respectivos á capitulaçaõ de Dantzic, dos quaes ja anteriormente tive a honra de remetter hum copia a V. S., o General Rapp, commandante da guarniçaõ, tem sido obrigado a annuir ás condiçoens propostas por S. A. o Duque de Wurtemberg no dia 29 do passado; segundo as quaes todas as tropas Francezas, Neapolitanas, e Italianas, cujo numero monta a 11 mil, e 800, ficaõ prisioneiros de guerra, e seraõ enviadas para a Russia. Aos Polacos, que constaõ de 3 mil e 500 homens, se dárá baixa, e lhes será permittido voltarem para as suas cazas. O resto da guarniçaõ, á excepçaõ de cento e noventa Hollandezes quasi todos artilheiros, compunha-se de tropas pertencentes áquelles Estados, que constituiaõ a Confederaçaõ do Rheno, cujo numero chegará a dois mil e trezentos; e de hum batalhaõ de 370 Hespanhoes e Portuguezes, os quaes eraõ empregados como trabalhadores em reparar as fortificaçoens. Os primeiros, incluindo as tropas Hollandezes, seraõ immediatamente enviados aos seos respectivos soberanos; e

espero, que brevemente tenhaõ parte na gloriosa fadiga de seos compatriotas. Os ultimos, (*cujo heroismo em resistir a todos os esforços do inimigo a fim de pegarem em armas contra os sitiantes he digno de grandes elogios, e do meo dever o mencionar*), permaneceraõ neste paiz, e seraõ mantidos á custa do Governo Russiano, ate que se offereça opportunidade de os remetter para a Inglaterra.—Tendo examinado as fortificaçoens de Dantzic, posso agora informar á V. S., que ellas se poderiaõ defender ate o mez de Mayo, se a maior parte dos armazens de mantimentos naõ fosse destruida pelo fogo das baterias.— As razoens que principalmente induziraõ á S. A. S. a outorgar á guarniçaõ a primeira capitulaçaõ comparativamente favoravel, foraõ a impracticabilidade de continuar por mais tempo a fazer aproxes no coraçaõ do inverno, e a grande vantagem que lhe resultaria, de assenhorear-se das obras do Wester, Plat, e Tahrwasser, das quaes a dita capitulaçaõ o punha em immediata possessaõ, e pelas quaes o inimigo tinha cortada a sua communicaçaõ com o mar, sendo assaz notorio que os Dinamarquezes fariaõ todos os esforços por trazer subsidios a praça, logo que os nossos corsarios se vissem obrigados a retirar-se. O systema de extorsaõ, que praticaraõ os Francezes desde que tomaraõ posse de Dantzic, tem sido oppressivo á todas as classes do povo, e muitos dos mais respeitaveis habitantes tem sido roubados da sua propriedade, e reduzidos de affluencia a hum estado comparativo de pobreza.—Porem, naõ me demorando em hum taõ deploravel assumpto, sinto na realidade a maior satisfacçaõ em assegurar á V. S., que existe nos habitantes deste paiz hum geral sentimento de gratidaõ para com a Gram-Bretanha, pelo liberal auxilio, que ella lhes tem ministrado na gloriosa empreza da restauraçaõ da sua independencia. Permitta-me V. S. offerecer-lhe as minhas congratulaçoens pelos brilhantes successos, que ate o presente tem coroado os esforços dos exercitos alliados; e sinceramente desejo que elles tendaõ a restituir a liberdade daquellas naçoens, que ha tanto tempo tem gemido debaixo do jugo Francez.

Eu tenho a honra de ser, &c.

ALEXANDRE MAC DONALD.

Major da Real Artilheria a Cavallo.

DESPACHO

De Lord Burghersh, datado Bar sur Aube.

1 *de Fevereiro de* 1814.

My Lord,

Eu tenho a satisfacçaõ de participar á V. S., que o inimigo commandado por Bonaparte, foi hoje destroçado. Ja estaõ em poder dos alliados trinta e seis peças de artilheria, e 3,000 prisioneiros.—Bonaparte tinha posto o seo exercito em duas linhas, que principiando de Dienville, que lhe ficava á direita, se dirigiaõ pela aldea de La Rotherie até Tremilly, que lhe ficava á esquerda.—Em frente da esquerda elle occupava a aldea de La Gibrie e os bosques que a rodeaõ.—Em reserva o General Marmont estava posto na aldea de Morvilliers. O inimigo tambem estava senhor das alturas ao redor de Brienne.—V. S. tem sido informado, que o corpo do Marechal Blucher, constando meramente da divisaõ do General Sachen, e parte da divisaõ do General Langeron, tinha hontem tomado huma posiçaõ perto de Trannes.—O Principe Real de Wurtemberg estava collocado em Maison, e tinha communicaçaõ como flanco direito do General Blucher.—O General Giulay partio de Bar sur Aube para apoyar o General Blucher. O seo corpo estava formado na grande estrada entre Trannes e Dienville. Eu ja anteriormente informei a V. S., que o General Wrede devia cooperar com o General Wittgenstein, no seo attaque contra Vassy. Abandonando porem o inimigo aquella posiçaõ, o General Wrede marchou sobre Doulevent, donde recebeo ordens de avançar ate Chaumenil. Perto de seis mil homens compostos de duas divisoens de granadeiros Russianos, e huma divisaõ de courasseiros, e que formavaõ huma parte da reserva debaixo das ordens do General Barclay de Tolli, apoyavaõ as differentes corpos, e combateraõ na acçaõ deste dia.—O General Blucher principiou o seo ataque perto do meio dia, fazendo avançar o corpo do General Giulay para Dienville, e formando as divisoens do seo proprio corpo de fronte de La Ruthiere.—Ao mesmo tempo o Principe Real de Wurtemberg avançou de Maison sobre La Gibrie; elle encontrou huma forte resistencia nos bosques ao redor daquelle lugar, porem a final conseguio forçar o inimigo a retirar-se, e se apossou da aldea. O inimigo fez esforços, a fim de recobrar esta posiçaõ, mas foi o mais bizarramente opposto pelas tropas do Principe Real de Wurtemberg, e totalmente rechaçado. Quasi ao concluir deste ataque, o corpo do General Wrede

chegou pelo flanco direito do Principe Real, e avançou immediatamente sobre Tremilly.—Os Uhlans do Principe Schwartzenberg deraõ huma excellente carga defronte deste aldea, e tomaraõ seis peças de artilheria. O General Wrede se apossou da praça.—O General Sachen vendo, que o seo flanco direito estava protegido pelo bom exito, que tinha resultado do ataque do Prince de Wurtemberg e do General Wrede, determinou acometer o centro da posiçaõ do inimigo em La Rothiere. Em quanto a sua infantaria investia o aldea, o General Blucher dirigio huma carga de cavallaria sobre o seo flanco direito, a qual foi productiva de hum successo completo; tomaraõ-se 20 peças de artilheria, e o inimigo perdeo hum grande numero da cavallaria da guarda de Bonaparte.—O inimigo foi arrojado de La Rothiere, e apezar de fazer varios esforços para recobrar este lugar, foi com tudo mallogrado o seo intento. O General Giulay avançou de noite sobre Dienville.—Eu deixei o Principe Schwartzenbergh senhor do terreno antes de completar-se este movimento, porem receberaõ-se depois noticias, que elle tinha conseguido tomar parte da aldea na margem esquerda do Aube, obrigando o inimigo a retirar se para o outro lado do rio, e destruir a ponte.—Assim terminou, My Lord, a contenda deste dia: o inimigo ainda estava senhor do terreno alem de La Rothiere, e a noite ainda occupava a altura de Brienne.—As guardas Russianas e Prussianas ja chegaraõ perto de Trannes; e a manham tomaraõ as posiçoens necessarias para apoyar o ataque sobre as restantes posiçoens do inimigo —O corpo do General Colloredo chegou hoje á Vendeures, e chegará a manham á Dienville.—Os corpos dos Generaes Wittgenstein e D'York estaõ em marcha sobre Vitry.—Consta que os tres corpos dos Marechaes Marmont, Mortier, e Victor estiveraõ presentes a acçaõ deste dia. Tambem assistiraõ os Generaes Colbert e Grouchy.—Naõ tenho podido informar-me quaes eraõ os outros corpos, que constituiaõ parte da força do inimigo. Permitta-me V. S. offerecer-lhe as minhas congratulaçoens pelo feliz successo, que tem coroado as armas alliadas nesta primeira acçaõ geral no territorio Francez.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHERSH.

Despacho de Lord Burghersh, datado Bar sur Aube.

2 de Fevereiro de 1814.

My Lord,

Em continuaçaõ das minhas noticias de hontem, eu tenho hoje de annunciar a V. S. que o inimigo se retirou de todas as suas posiçoens ao redor de Brienne com a perda de 73 peças de artilharia, e perto de 4,000 prisioneiros.—Bonaparte continuou a acçaõ de hontem com grande porfia ate á meia noite: o seo principal alvo era o recobrar a aldea de La Rothiere; elle mesmo a testa das suas novas guardas dirigio o ataque contra este lugar, porem foi rechaçado com grande perda.—O General Blucher assistio á defeza desta aldea, e pelos seos esforços cooperou efficazmente para a repulsa do inimigo.—O General Giulay esteve occupado ate meia noite no ataque de Dienville; ainda que encontrou huma vigorosa resistencia, com tudo a sua sagacidade, e a bizarria das suas tropas tudo superaraõ. A praça depois de algumas horas da mais renhida contenda, permaneceo em seo poder.—O General Giulay moveo se ao longo do Aube sobre o flanco direito do inimigo. O Principe Real de Wurtemberg marchou sobre Brienne. O General Wrede avançou sobre a direita do Principe Real.—O inimigo retirou-se em duas colunas, a direita sobre Lesmont, e a esquerda sobre Lassicourt e Ronag.—O Principe Real de Wurtemberg deo a mais brilhante carga sobre a cavallaria, que cobria a retirada do inimigo, perto de S. Christovaõ. O General Wrede desalojou hum corpo de infantaria de huma forte posiçaõ sobre o Voire, perto de Lassicourt.—O General Giulay, apoyado pela infantaria do Principe de Wurtemberg, levou Lesmont de assalto.—Eu faria a maior injustiça aos talentos de Principe Schwartzenburg, se deixasse de mencionar neste lugar a grande sagacidade e pericia militar, que este illustre General tem desenvolvido em collocar as tropas debaixo do seo commando na brilhante situaçaõ, em que se achaõ presentemente. Partindo das fronteiras da Suissa, atravessando todos os grandes pontos de defeza neste lado da França, elle a final se tem unido ao exercito do Feld-Marechal Blucher, e com esta uniaõ tem frustrado todos os esforços do inimigo de cahir com forças superiores sobre corpos separados; e tem obtido a mais gloriosa victoria.—Principe Schwartzenburg tem sido presenteado com huma espada pelo Imperador Alexandre, em testemunho do alto conceito, que elle faz do seo merecimento. O General Wrede e o Principe Real de Wurtemberg foraõ decorados no campo

da batalha com a segunda classe da Ordem de S. Jorge. O valor e espirito do Feld-marechal Blucher nunca brilharaõ mais, que nos combates de Brienne. Os Generaes Giulay e Frenelle se distinguiraõ com particularidade. As tropas dos alliados tem sempre pelejado com a maior bravura, ellas saõ dignas da gratidaõ, e admiraçaõ do mundo.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHERSH, Tenent. Cor. do Reg. 63.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 15 de Fevereiro.

Hum Despacho, do qual damos o seguinte extracto, foi esta manhaã recebido nesta Secretaria, dirigido pelo Lord Burghersh, datado de

Troyes, 8 de Fevereiro, de 1814.

Os Alliados tomaraõ hontem posse da importante posiçaõ e cidade de Troyes; o inimigo retirou-se dahi na noite precedente, e tomou a sua direcçaõ sobre Nogente. A occupaçaõ deste lugar he da maior importancia, ja pelas numerosas estradas que de differentes pontos da França se vem aqui unir, ja em virtude dos recursos que offerece o mesmo lugar, ja pela sua populaçaõ, que consta de trinta mil habitantes. O Principe Real de Wirtemberg foi o primeiro que entrou na cidade com o seo corpo: no dia precedente elle tinha flanqueado a posiçaõ do inimigo perto de Ruvigni, e se tinha apoderado da aldea de Lanbrisset, que ficava á sua esquerda. Eu tenho a satisfacçaõ de participar a V. S. que no dia 5 hum destacamento do corpo do General D'York tomou posse de Vitry. O General D'York, como ja anteriormente informei a V. S. no dia 5 atacou, e desbaratou em Chaussee a retaguarda do corpo do exercito do Marechal Macdonald. No mesmo dia o General D'York perseguio o inimigo, ate ás portas de Chalons, e bombardeou esta villa. O Marechal Macdonald fez huma capitulaçaõ para evacuar este lugar, o que elle effeituou na manham do dia 6, retirando-se com o seo exercito, composto do corpo debaixo do seo immediato commando, e dos corpos dos Generaes Sebastiani e Arrighi, para a margem esquerda do Marne.

Os Austriacos se tem assenhoreado de Chalons sur Saone. O General Le Grand estava ahi ajuntando alguma força; o Principe de Hesse Hombourg ordenou que ella fosse atacada; tomaraõ-se algumas peças de artilheria: e o General Le Grand vio-se obrigado a retirar sobre a estrada que vai dar a Liaõ, onde o Marechal Augereau tem collegido hum força perto de quatro mil homens. O General Bubna tem a esquerda das suas tropas perto de Grenoble, o seo centro em Bourg, e a sua direita nos arrebaldes de Macon. A guarda avançada do General Wrede tem hoje perseguido a retirada do inimigo ate Les Granges, pela estrada que vai dar o Nogent. Tem-se feito varios centos de prisioneiros desde que o inimigo evacuou Troyes.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 24 de Fevereiro, de 1814.

O Hon. F. Robinson chegou hoje de manham a esta Secretaria com despachos, de que damos os extractos seguintes:—

Sir Carlos Stewart, em hum despacho, datado de Chatillon a 12 do corrente, inclue as participaçoens feitas pelo Coronel Lowe, sobre as operaçoens do exercito do Marechal Blucher, athe 12 inclusivo.

O General D'York atacou Chalons a 5 de Fevereiro, que se rendeo por capitulaçaõ. O Marechal Macdonald se retirou para o Marne na direcçaõ de Meaux; e alem do seo corpo de tropas tem com sigo os de Sebastiani e de Arrighi.

No dia 6, os Quarteis Generaes do Marechal Blucher estavaõ em Sandron. A 8, todos se moveraõ de Vertus para Etoges. O General Sacken achando-se entaõ em Montmirail, o General D'York em Chateau Thierry, e o General Kleist em Chalons, todos se pozeraõ em marcha contra o exercito de Macdonald, que se hia retirando, e tinha com sigo 100 peças de artilharia.

Em a noite de 8, os Quarteis Generaes do Marechal Blucher retrocederaõ para Vertus, em consequencia da noticia de que hum regimento Russiano tinha sido atacado em Baye. Os postos avançados D'York, que estavaõ em Dormant, e os de Sacken que estavaõ em Montmirail, chegaõ agora athe Chateau Thierry, e á La Ferté sobre o Sarre.